

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

SÍLVIA ÂNGELA PÍCOLI MENEGHEL

**O DITONGO NASAL TÔNICO –ÃO FALADO POR ÍTALO-
DESCENDENTES DE SANTA MARIA DO ENGANO/ES: UMA ANÁLISE
SOCIOLINGUÍSTICA**

VITÓRIA
JULHO DE 2015

SÍLVIA ÂNGELA PÍCOLI MENEGHEL

**O DITONGO NASAL TÔNICO –ÃO FALADO POR ÍTALO-DESCENDENTES DE
SANTA MARIA DO ENGANO/ES: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, na área de concentração em Estudos Analítico-descritivos da Linguagem – Sociolinguística.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Edenize Ponzo Peres

VITÓRIA
JULHO DE 2015
SÍLVIA ÂNGELA PÍCOLI MENEGHEL

**O DITONGO NASAL TÔNICO –ÃO FALADO POR ÍTALO-DESCENDENTES DE
SANTA MARIA DO ENGANO/ES: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do CCHN da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos Linguísticos na área de concentração dos Estudos Analítico-descritivos da Linguagem - Sociolinguística.

17 de julho de 2015

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Edenize Ponzo Peres
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Prof. Dr. Alessandro Rodrigues Meireles
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro examinador interno

Prof. Dr. Dermeval da Hora Oliveira
Universidade Federal da Paraíba
Membro examinador externo

**Aos meus pais, Luiz e Maria Nazareth, pela
constante presença.**

**Aos meus filhos, Hugo Luiz e João Victor, que são a
razão do meu viver.**

**Aos imigrantes italianos e a todos que desses
descendem.**

AGRADECIMENTOS

Ao longo do percurso de mestrado, como também do desenvolvimento deste trabalho, pude contar com a ajuda e o apoio de diversas pessoas e instituições. Registro aqui a minha gratidão:

Primeiramente a Deus, meu porto seguro. Aquele que me deu força e coragem nos momentos de pouca inspiração. E, principalmente, por me conduzir nos momentos de turbulência e por me dar sabedoria para que eu possa concretizar todos os meus sonhos.

Aos meus pais, pelas orações e pelos ensinamentos, que foram fundamentais em todos os momentos de minha vida. Vocês são exímios educadores. Sou muito orgulhosa disso.

Aos meus filhos e esposo, pela paciência e tolerância nos momentos de ausência, como também por me acompanharem durante todo o processo de “gestação” deste trabalho.

Aos meus queridos irmãos, Dayse e Luiz (Juninho), pelo apoio, carinho e preocupação com meu bem estar.

À professora Dr.^a Edenize Ponzo Peres, por ter me incentivado a participar do processo seletivo do mestrado, bem como por fazer jus à palavra orientadora, não apenas por me inserir nos estudos de Contato, mas por valorizar a construção do meu conhecimento e por captar com sabedoria as minhas ideias nem sempre muito contextualizadas.

À minha prima Katuscia Sartori Silva Cominotti, por ter “topado” desde o início ser minha companheira de estudo, de estrada e, principalmente, pelos incentivos nos momentos de sufoco.

Aos meus informantes, pela disponibilidade e colaboração, sem os quais este estudo não teria sido possível.

Aos meus professores do mestrado Alexsandro Rodrigues Meireles, Maria Penha Pereira Lins e Kyria Rebeca Meireles Neiva de Lima Finardi, pelos momentos de ensinamentos e, sobretudo, por ter partilhado desta fase inesquecível de minha vida. E, de modo singular, às professoras Edenize Ponzo Peres e Lilian Coutinho Yacovenco, por terem me aceitado como aluna especial e terem acreditado em minha dedicação. Foi o início deste sonho.

Aos demais professores do mestrado em Linguística, pelas dicas valiosíssimas, quer nas filas em congressos (a Profa. Marta Scherre que o diga), quer nos seminários, no Colóquio de apresentação de projetos do PPGEL e/ou nos corredores do prédio Bernadete Lyra.

Agradeço aos professores Alexsandro Rodrigues Meireles e Gabriel Antunes de Araújo por aceitarem o convite para participar da minha banca e por suas contribuições na qualificação, muito obrigada!

Agradeço igualmente ao Prof. Dr. Dermeval da Hora Oliveira por me dar a honra de tê-lo em minha banca de defesa.

Ao Programa de Pós-graduação em Linguística, pelo incentivo à pesquisa.

À Luciana, secretária do PPGEL, sempre atenciosa e prestativa.

Ao Saulo, funcionário da biblioteca do Mestrado, que, mais que um bibliotecário, foi um “colaborador de pesquisa”.

A todos os amigos e colegas da pós-graduação, pela atenção e pelas conversas durante o cafezinho, o que muito contribuiu para nossos estudos. Alguns, indubitavelmente, fizeram-se mais presentes, como Wemerson, Poliana, Camila, Elizana, Sarah e Carol.

À minha cunhada Marlussi e seus familiares, pela hospedagem fora de hora e pelo carinho, fundamentais nesta caminhada.

Ao meu filho João Victor, que, por muitas vezes, perguntou: “mãe, quando você vai terminar o “IFES” (confundindo o nome da Instituição em que o irmão estuda com a minha - UFES)? Indiretamente cobrava-me dedicação.

Ao meu filho Hugo Luiz, pelas orações e por ter me aguardado todas as noites, durante um semestre, simplesmente para conferir que havia chegado. Sei o quanto me quer bem, filho.

À minha sobrinha Thays, a quem muito admiro, agradeço as gentilezas recebidas.

Aos colegas da E.M.E.F. “Ana Araújo”, que me apoiaram, que me incentivaram e que compreenderam as alterações de horário feitas; àqueles que participaram mais de perto com sugestões (Edigar e Bel), com empréstimos de livros e revistas (minha irmã Deila/Lidiani e Claudia Dona), com dicas tecnológicas (Felipe, Josi e Scheila) ou simplesmente por ouvir minhas lamentações, não é Fabiana? Também à diretora Claudia, e, em especial, à ex-diretora Chirley. Obrigada por TUDO, “Derê”!

À Rogéria Lúcia Fiorin Gaigher, atual Secretária Municipal de Educação, e à ex-secretária Vera Lúcia Bona, por acreditarem que o estudo é fundamental para a melhoria do ensino.

Ao prefeito da minha querida Alfredo Chaves, Roberto Fortunato Fiorin, pelo imprescindível apoio. Serei eternamente grata.

Às funcionárias da EMEF “Engano”, Ana Maria e Riticeli, pelas informações dadas durante a realização das entrevistas.

À dedicada bibliotecária municipal, Sandra De Nadai Belmok. Sua ajuda foi fundamental, amiga.

Por fim, quero agradecer a todos que, de uma forma ou de outra, contribuíram para esta minha conquista. Que Deus abençoe a todos!

“Compete a esta geração reverenciar aqueles heroicos aventureiros, que se despediram para sempre de seus maiores, suas aldeias e sua pátria, em busca de felicidade, enfrentando a imponderabilidade do destino.”

Luiz Serafim Derenzi.

RESUMO

O estado do Espírito Santo recebeu milhares de imigrantes italianos nos últimos vinte e cinco anos do século XIX. A presença desses imigrantes e o contato linguístico daí surgido deixaram marcas na língua falada pelos atuais descendentes, especificamente onde os dois sistemas linguísticos se

diferenciam. Dessa forma, este estudo busca descrever a variação da pronúncia do ditongo tônico nasal -ão na fala dos descendentes de imigrantes italianos da comunidade de Santa Maria do Engano, em Alfredo Chaves, Espírito Santo. Tendo em mente a importância de se analisar um fenômeno linguístico vinculando-o ao seu contexto social, além das peculiaridades de nosso objeto de estudo, tomamos por referencial teórico, nesta pesquisa, a Sociolinguística, especificamente a Teoria da Variação e Mudança Linguística, mas também lançando mão de temas concernentes ao Contato Linguístico. Apoiamo-nos ainda em estudos da Fonética e da Fonologia. Nosso corpus constitui-se de 40 entrevistas sociolinguísticas com moradores de Santa Maria do Engano, por meio das quais obtivemos 1956 dados. O Programa Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005) selecionou como significativas as variáveis sociais *idade, escolaridade e sexo*, e as variáveis linguísticas *extensão do vocábulo e contextos precedente e seguinte ao ditongo*. Nossos resultados, considerando a pronúncia do ditongo tônico nasal -ão com influência do vêneto, apontaram como fatores favorecedores: a) vocábulos com mais de uma sílaba; b) consoante posterior em relação ao contexto precedente; c) a pausa, em relação ao contexto seguinte; e d) os informantes idosos, do sexo masculino e com baixo nível de escolaridade.

Palavras-chave: Sociolinguística. Fonética e Fonologia. Ditongo tônico nasal -ão. Imigração italiana no Espírito Santo.

ABSTRACT

The state of Espírito Santo received thousands of Italian immigrants in the last twenty-five years of the nineteenth century. The presence of these immigrants and the language contact from there

emerged have left marks on the language spoken by descendants today, specifically where the two linguistic systems differ from each other. Thus, this study seeks to describe the variation in the pronunciation of the nasal diphthong tonic *-ão* into the speech of the descendants of Italian immigrants from the community of Santa Maria do Engano in Alfredo Chaves, Espírito Santo. Bearing in mind the importance of analyzing a linguistic phenomenon linking it to its social context, in addition to the peculiarities of our object of study, we take as theoretical framework in this research the Sociolinguistics, specifically the Theory of Variation and Change Linguistics, but also considering themes concerning Language Contact. We support even in phonetics and phonology studies. Our corpus consisted of 40 sociolinguistic interviews with residents of Santa Maria do Engano, from which we obtained 1956 data. The Goldvarb X Program (SANKOFF, TAGLIAMONTE and SMITH, 2005) selected as significant the social variables age, education level and sex, and as linguistic variables, the extension of the term and the preceding and following contexts of the diphthong. Our results, considering the pronunciation of the nasal diphthong tonic *-ão* with the Venetian influence, pointed as favoring factors: a) words with more than one syllable; b) subsequent consonant on the previous preceding context; c) the pause, for the following context; and d) the elderly informants, male and with low educational level.

Keywords: Sociolinguistics. Phonetics and phonology. Stressed nasal diphthong *-ão*. Italian immigration in Espírito Santo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Ditongos leves e pesados	65
--	----

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: Primeira estação ferroviária de Engano (Atual Ibitiruí)	43
---	----

Fotografia 2: Santa Maria do Engano e a igreja local	80
Fotografia 3: Igreja de Nossa Senhora da Saúde	80
Fotografia 4: Festa da padroeira Nossa Senhora da Saúde	81

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Origem dos imigrantes italianos	40
--	----

Gráfico 2: Frequência geral de realização do ditongo nasal tônico –ão	89
Gráfico 3: Realização do ditongo nasal –ão com influência vêneta de acordo com a faixa etária	102

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Região do Vêneto	32
--------------------------------	----

Mapa 2: Focos de Imigração no Espírito Santo	39
Mapa 3: Localização do município de Alfredo Chaves	76
Mapa 4: Localização de Santa Maria do Engano	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Total de emigrantes italianos, no período de 1876 a 1901, distribuídos por regiões	31
--	----

Quadro 2: Imigrantes chegados ao Espírito Santo no séc. XIX	37
Quadro 3: Padrões de mudança linguística	50
Quadro 4: Comportamento feminino diante das mudanças linguísticas	53
Quadro 5: Causas da formação de ditongos em português por ditongo	64
Quadro 6: Formação do ditongo –ão	69
Quadro 7: Ditongos nasais derivados e não-derivados	70
Quadro 8: Vogais e semivogais do vêneto	72
Quadro 9: Distribuição dos Informantes de Santa Maria do Engano	83
Quadro 10: Variáveis consideradas na pesquisa	88

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Resultados gerais da Influência do vêneto na realização do ditongo -ão tônico em Santa Maria do Engano, Alfredo Chaves, ES	90
--	----

Tabela 2: Dados comparativos para a <i>Extensão do vocábulo</i>	92
Tabela 3: Dados comparativos para o <i>Contexto precedente</i>	94
Tabela 4: Dados comparativos para <i>Sexo</i>	95
Tabela 5: Dados comparativos para <i>Escolaridade</i>	98
Tabela 6: Dados comparativos para <i>Faixa etária</i>	101
Tabela 7: Pronúncia do ditongo –ão com influência vêneta de acordo com as variáveis <i>Sexo</i> e <i>Idade</i>	104
Tabela 8: Pronúncia do ditongo –ão com influência vêneta de acordo com as variáveis <i>Idade</i> e <i>Escolaridade</i>	106
Tabela 9: Pronúncia do ditongo –ão com influência vêneta de acordo com as variáveis <i>Sexo</i> e <i>Escolaridade</i>	107

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	19
2. REVISITANDO A LITERATURA	23
2.1 VOTRE (1978)	23

2.2 MARGOTTI (2004)	24
2.3 TOMIELLO (2005)	25
2.4 BENINCÁ (2008)	26
2.5 ALMEIDA E ARAÚJO (2010)	27
2.6 MARINHO (2012)	28
2.7 HORBACH (2013)	29
3. CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO ESPÍRITO SANTO.....	31
3.1 A “TERRA PROMETIDA”	34
3.3 A CHEGADA DOS ITALIANOS AO ESPÍRITO SANTO	36
3.4 OS IMIGRANTES ITALIANOS EM ALFREDO CHAVES	41
4. REFERENCIAL TEÓRICO	45
4.1 A SOCIOLINGUÍSTICA	45
4.1.1 A Teoria da Variação e Mudança Linguística	47
4.1.2 Contato Linguístico	58
5. FONÉTICA E FONOLOGIA	63
5.1 SOBRE OS DITONGOS	63
5.1.1 Os ditongos orais	63
5.1.2 As vogais e os ditongos nasais	66
5.1.3 Vogais e semivogais do vêneto	71
6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	74
6.1 A COMUNIDADE PESQUISADA	74
6.2 A SELEÇÃO DOS INFORMANTES	81
6.3 A COLETA DE DADOS	84
6.4 AS VARIÁVEIS PESQUISADAS	85
6.4.1 A variável dependente	85
6.4.2 As variáveis independentes	85

6.4.2.1 As variáveis linguísticas ou internas	86
6.4.2.2 As variáveis extralinguísticas ou sociais	87
7. ANÁLISE DOS DADOS	89
7.1 AS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS	91
7.1.1 Extensão do vocábulo	91
7.1.2 Contexto fonético seguinte	92
7.1.3 Contexto fonético precedente	93
7.2 AS VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS OU SOCIAIS	95
7.2.1 Sexo	95
7.2.2 Escolaridade	98
7.2.3 Faixa etária	106
7.2.4 Correlação entre as variáveis	106
7.2.4.1 Sexo e Faixa etária	106
7.2.4.2 Escolaridade e Faixa etária	108
7.2.4.3 Sexo e escolaridade	109
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	116
ANEXOS	124
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO (TCLI)	125
TCLI (Para menores de 18 anos)	126
ROTEIROS DE ENTREVISTAS	128

1 INTRODUÇÃO

O estado do Espírito Santo deve grande parte de seu progresso econômico e de suas características culturais aos imigrantes que ocuparam as regiões desabitadas do estado. Dentre o total de imigrantes, os italianos assumem uma posição de destaque, tanto pelo contingente populacional quanto por sua distribuição geográfica. Dados estatísticos revelam que, no século XIX, os italianos correspondiam a praticamente 80% dos europeus aqui chegados (ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO - APEES -, 2007). Atualmente, seus descendentes se encontram em quase todos os municípios do estado, como veremos adiante.

A ocupação das terras capixabas por parte dos imigrantes italianos ocorreu, de modo geral, sob a forma de assentamentos, abrindo-se caminho por meio de picadas no meio da mata. A colonização dessas terras acarretou aos estrangeiros uma grande dificuldade de estabelecer contato com indivíduos de outras etnias e, por conseguinte, promoveu o uso praticamente unânime das línguas de imigração até o final de 1960 (DERENZI, 1974)

Margotti (2004), reportando-se à colonização do Rio Grande do Sul, afirma que a aquisição do português pelos imigrantes italianos ocorreu progressivamente, ao longo dos anos e das gerações, conforme as condições de acesso e contato do imigrante com a língua majoritária. Essa situação gerou graus diversos de bilinguismo, porém com acentuada tendência para a substituição da língua minoritária pelo português. E esse foi o contexto sociolinguístico dos imigrantes italianos e seus descendentes, na comunidade rural estudada por nós: Santa Maria do Engano, no município de Alfredo Chaves, Espírito Santo.

Autores do Contato Linguístico, como Weinreich (1970 [1953]), Fasold (1996 [1984]) e Appel e Muysken (1996 [1987]), por exemplo, apontam alguns dos fatores que podem preservar uma língua de imigração do desaparecimento, como os casamentos endogâmicos, o isolamento da comunidade, o contato com a comunidade de origem e o orgulho pelas raízes étnicas, dentre vários outros, com a conseqüente união do grupo em torno da manutenção de sua cultura e de sua língua. Esses fatores se aplicam às comunidades colonizadas por imigrantes italianos no Espírito Santo e, no entanto, as línguas de imigração foi(ram) substituída(s) pelo português.

Peres (2011a; 2011b; 2014), baseando-se em pesquisas realizadas¹ em comunidades urbanas e rurais espírito-santenses colonizadas por imigrantes italianos do Vêneto – de onde saiu a expressiva maioria dos que chegaram ao estado –, afirma que, na atualidade, os falantes dessa língua de imigração são apenas os idosos e residentes das zonas rurais. Levando em conta os depoimentos de dezenas de informantes, a autora aponta os seguintes fatores para a substituição do vêneto pelo português: a repressão governamental sofrida pelas línguas estrangeiras durante o governo ditatorial de Getúlio Vargas (1937-1945); o ensino formal do português e a discriminação sobre quem falava uma língua de imigração; o contato direto com outros povos e etnias; as lembranças negativas da terra de origem – guerras e miséria –; e a ausência de uma mobilização efetiva da sociedade civil para manter viva a língua minoritária.

O contexto histórico e social da imigração no estado e também o fato de sermos uma descendente de imigrantes italianos, tendo nascido e vivido por muitos anos no distrito de Ibitiruí e convivido com os moradores de Santa Maria do Engano, despertaram em nós o interesse por realizar uma pesquisa sobre as consequências (socio)linguísticas do contato entre estas línguas: o vêneto² e o português. A escolha do ditongo nasal tônico *-ão* se deve às diferenças dos dois sistemas fonológicos em contato: em vêneto, não há esse ditongo, ao passo que ele faz parte do sistema fonológico do português, estando presente em inúmeras palavras. Essa diferença é a razão da pronúncia de ditongos nasais com influência do vêneto pelos moradores da comunidade em estudo.

Apesar de nosso objeto de pesquisa ter sido investigado por vários autores, há ainda poucas pesquisas sobre o tema, realizadas em nosso estado. Temos somente o trabalho de Benincá (2008),

¹ O Grupo de Pesquisa de Línguas em Contato no Espírito Santo, do qual faz parte esta pesquisa, é coordenado pela Profa. Dra. Edenize Ponzo Peres e tem como meta, dentre outras, descrever e analisar as consequências linguísticas e sociais do contato entre as diversas línguas de imigração com o português, no Espírito Santo. Até o momento, o Grupo já pesquisou dezesseis comunidades de imigrantes, uma indígena e uma quilombola.

² Neste ponto, faz-se necessário um esclarecimento. É bastante conhecida dos linguistas a polêmica que envolve os conceitos de *língua* e de *dialeto*. Sabe-se que se trata de dois sistemas linguísticos complexos e completos, igualmente válidos para a comunicação entre as pessoas, não existindo nenhum tipo de inferioridade de um com relação ao outro. Assim, a diferença é basicamente política, e não linguística, ao ponto de Couto (2009) referir-se a *dialeto* como uma língua que não tem exército nem marinha, exemplificando o poder desta em relação àquele. Entretanto, socialmente, o termo *dialeto* traz consigo uma grande carga de preconceito, sendo usado para referir-se a um tipo corrompido ou *errado* da língua oficial. Não nos aprofundaremos aqui nessa discussão, mas, tendo em vista o que dissemos no início deste parágrafo, neste trabalho não utilizaremos o termo *dialeto* vêneto, embora nossos informantes assim se refiram a ele; usaremos o termo *vêneto*, para a língua de imigração falada pelos imigrantes italianos chegados a Santa Maria do Engano.

sobre o pomerano, e o de Marinho (2012), sobre o vêneto na zona urbana de Santa Teresa. Dessa forma, justificamos a importância desta pesquisa e pontuamos que nosso objetivo geral é contribuir para a descrição da diversidade linguística do Espírito Santo, aportando dados para os estudos sobre o Contato Linguístico no estado. Como objetivos específicos desta pesquisa temos:

- i) analisar a realização do ditongo nasal tônico –ão, a fim de descrevermos os contextos linguísticos e sociais que condicionam essa variação; e
- ii) verificar se está havendo mudança em progresso quanto à influência de um traço fonético-fonológico do vêneto no português falado pelos moradores da comunidade estudada; em outras palavras, interessa-nos saber se esse traço está sendo perdido pelas gerações mais jovens.

Baseando-nos nos resultados obtidos por Tomiello (2005) e Horbach (2013), em comunidades formadas por ítalo-descendentes do Rio Grande do Sul, e também em nossa experiência como membro da comunidade estudada, pretendemos, nesta pesquisa, testar as seguintes hipóteses:

- i) os contextos fonéticos precedente e seguinte condicionam favoravelmente a realização de –ão com influência da língua de imigração;
- ii) os vocábulos monossílabos favorecem a pronúncia do ditongo com influência do vêneto;
- iii) a variável sexo/gênero não deverá ser significativa na ocorrência do fenômeno estudado; acreditamos que a influência vêneta se faz mais presente na pronúncia de mulheres e de homens adultos e idosos, com baixo nível de escolaridade; e/ou
- iv) as variáveis faixa etária e escolaridade deverão revelar-se importantes para a realização do ditongo nasal; em outras palavras, a pronúncia de –ão com influência do vêneto será favorecida pelos informantes mais idosos e pelos indivíduos menos escolarizados.

Afim de cumprirmos com os objetivos propostos, estruturamos este trabalho em oito capítulos, além desta introdução: no segundo, fazemos uma revisão dos estudos anteriores que se debruçaram sobre a realização variável do ditongo nasal.

No terceiro capítulo, elaboramos um resumo dos principais eventos relacionados à saída dos italianos da Europa e à vinda para o Brasil – especificamente, para o Espírito Santo. Essa exposição

se faz necessária para que compreendamos a situação histórica e social desses imigrantes no contexto nacional, estadual e municipal, a fim de procedermos a uma análise mais fiel da relação entre a comunidade e o uso que faz da língua aí veiculada.

O quarto capítulo é dedicado ao referencial teórico que embasou as análises feitas: a Sociolinguística, nas vertentes Variacionista e do Contato Linguístico (WEINREICH, 1970; WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006; LABOV, 2008, 1994, 2001; APPEL e MUYSKEN, 1996; SANKOFF, 2001; COUTO, 2009; CHAMBERS, 2003; TAGLIAMONTE, 2009; etc.).

No quinto capítulo, ainda tratando do referencial teórico, valemo-nos de estudos que abarcam a Fonética e a Fonologia (CÂMARA JR., 1953, 1992; FROZI e MIORANZA, 1983; MORAES e WETZELS, 1992; BISOL, 1999; CALLOU e LEITE, 2009; etc.), que embasarão nossas análises.

No sexto capítulo, são descritos os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa: a escolha da comunidade, a seleção dos informantes, a coleta de dados e as variáveis linguísticas e sociais selecionadas.

No sétimo capítulo são apresentados e discutidos nossos resultados.

O oitavo capítulo traz as considerações finais de nossa pesquisa e aponta para questões reveladas pelo estudo, as quais podem subsidiar investigações futuras.

No capítulo nono, encontram-se as Referências Bibliográficas e, em seguida, estão disponíveis os Anexos.

2 REVISITANDO A LITERATURA

“A língua é, como sabemos, um sistema de identidades e diferenças: as unidades linguísticas conhecem-se por suas identidades e distinguem-se por suas diferenças.” (CALLOU e LEITE, 2009)

Este capítulo está dedicado à exposição de alguns dos trabalhos que se ocuparam do mesmo tema desta pesquisa. A revisão da literatura se faz importante para, entre outros objetivos, podermos comparar nossos resultados com os obtidos em outras comunidades fora do Espírito Santo, mas com características similares a Santa Maria do Engano. No capítulo referente à Análise dos Dados, essa comparação será feita, especialmente com os resultados obtidos por Tomiello (2005) e por Horbach (2013), pelas estreitas semelhanças com nosso objeto de estudo.

Muitos trabalhos já foram realizados sobre a variação do ditongo nasal e sobre a (des)nasalização de vogais no Português Brasileiro, bem como sobre as influências fonético-fonológicas de uma língua minoritária sobre a majoritária. Contudo, vamos aqui reportar-nos apenas àquelas pesquisas que apresentam relação direta, em alguma medida, com o fenômeno por nós estudado.

Antes, porém, de passarmos ao resumo das pesquisas, cumpre-nos dizer que, neste capítulo, foram respeitadas as representações do ditongo nasal feitas e as denominações dadas por cada autor estudado. Dessa forma, nos parágrafos a seguir, encontraremos diferentes transcrições para os ditongos nasais. As pesquisas listadas são:

2.1 Votre (1978)

Um dos estudos variacionistas pioneiros no que se refere aos ditongos nasais foi o de Votre (1978). Este autor analisou a preservação *versus* a redução da consoante nasal em contexto final de palavras por treze falantes do Rio de Janeiro (nove alfabetizando adultos, três universitários e um aluno do ensino médio). Sua análise revelou que as variáveis linguísticas preponderaram sobre as extralinguísticas, no condicionamento do fenômeno.

Segundo esse autor, o contexto precedente ou seguinte é a variável mais importante para a ocorrência da variação. Quanto às variáveis extralinguísticas, seu estudo mostrou que a idade do informante é relevante para o fenômeno de preservação da nasal final no falar carioca – os idosos a preservam mais que os jovens - e, quanto ao fator escolaridade, o autor verificou que a preservação da nasal se faz mais entre os estudantes universitários preservam. Outra conclusão a que chegou foi que a sílaba final, quando tônica, inibe o seu apagamento, ou seja, não sofre redução.

2.2 Margotti (2004)

Margotti (2004) analisou a dinâmica da difusão do português no espaço pluridimensional com as variedades italianas, abrangendo oito municípios do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

O autor salienta que, dentre os imigrantes que colonizaram a região, no século XIX, os italianos ocupam uma posição de destaque, não só pelo número de falantes, mas também pelas áreas ocupadas e pela influência no contexto linguístico, sociocultural e econômico da região. Dessa forma, o português aí falado assumiu traços que refletem a constituição social e étnica dessas áreas.

Sua pesquisa seguiu a perspectiva da Dialetoлогия pluridimensional e relacional, voltada para a ciência da variação linguística. Seus dados constituem-se de 32 entrevistas, nos estilos de conversa semidirigida, resposta a um questionário e leitura. Margotti (2004) controlou as dimensões sociais e geográficas, visando verificar a realização da pronúncia do ditongo nasal tônico [ãõ], do [r] forte, da vogal [a] seguida de consoante nasal, do alçamento das vogais átonas finais [e] e [o], da africacão de [t] e [d] diante de [i] e da realização das fricativas [ʃ] e [ʒ].

Com respeito ao ditongo nasal – tema de nosso estudo –, as variáveis linguísticas apontadas como significativas, pela ordem de relevância, são: contexto precedente, tamanho do vocábulo e classe morfológica. A primeira obteve o seguinte resultado: vogal ou semivogal (.63), consoante dental ou alveolar (.58), consoante bilabial (.56), consoante alveopalatal ou palatal (.14) e consoante labiodental (.12). Quanto ao tamanho do vocábulo, o autor observou que as palavras com mais de quatro sílabas e as com duas sílabas, ambas com peso (.59), são as que mais favorecem a variante [ãõ]; os monossílabos a desfavorecem, com peso relativo (.32), e as trissílabas apresentam comportamento neutro, com peso (49). Quanto à classe morfológica, os substantivos têm uma

influência quase neutra na realização de [ãõ], ao passo que ela é favorecida pelos verbos (.75) e desfavorecida pelas demais classes.

Os resultados apresentados por Margotti (2004), demonstrados por meio de tabelas estatísticas e de mapas pluridimensionais, evidenciam que a difusão dos traços associados ao português varia quanto ao modo e à intensidade. O autor conclui que, no plano diatópico, a difusão do português ocorreu de forma mais intensa em Orleans (SC) e Caxias do Sul (RS), ao passo que, em Rodeio (SC) e Sananduva (RS), foi detectada uma maior resistência à inovação linguística, ou seja, prevalece ainda um relativo equilíbrio, em termos percentuais, entre as variantes portuguesa [ãõ] e italianas [õõ e õ]. Quanto ao plano diassocial, o uso de variantes sem interferência do italiano é liderado, sucessivamente, pelos falantes urbanos, pelos mais jovens e mais escolarizados.

2.3 Tomiello (2005)

O estudo de Tomiello (2005) trata da alternância do ditongo nasal tônico - *ãõ* ~ *on* - na fala em língua portuguesa de bilíngues português-italiano de uma comunidade rural do município de São Marcos – RS. A autora tomou por base, para suas análises, a Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1969; 1983; 2001)³ e a Variação como Prática Social (ECKERT, 2000; 2005)⁴. As variáveis extralinguísticas *idade*, *escolaridade* e *gênero* revelaram-se importantes na ocorrência de *-on*. Dentre as variáveis linguísticas, destacaram-se *número de sílabas do vocábulo* e *contexto fonológico precedente*.

A observação das práticas de uma família da localidade permitiu verificar que esta formava um coeso grupo bilíngue de agricultores. Suas análises mostraram que os pais dessa família, que se dedicavam às atividades rurais, eram os que realizavam mais a pronúncia *-on*. Os filhos, ao

³ Labov, W. Contraction, deletion and inherent variability of the English copula. *Language*. Baltimore, v. 45, nº4, p.715-762, 1969. Modelos sociolinguísticos. Traducción de José Miguel Marinas Herreras. Madrid: Cátedra, 1983; e Principles of Linguistic Change – Social Factors. Oxford: Blackwell, 2001.

⁴ Eckert, P. Linguistic variation as social practice. Malden, Massachusetts: Blackwell, 2000. Variation, convention and social meaning. Oakland. California, 2005. In: <http://www.stanford.edu/~eckert/EckertLSA2005.pdf>

contrário, tinham atividades urbanas, eram mais escolarizados, conviviam mais com o grupo monolíngue-português e realizavam o ditongo mais como *-ãõ*.

A mãe, apesar de ser bilíngue e de ter o mesmo grau de escolaridade que o pai, produzia menos *-on* que ele. A explicação para esse resultado, dada pela pesquisadora, foi que coube à mãe o contato diário e mais intenso com os filhos, o que proporcionou a ela uma maior aproximação – mesmo que de forma indireta – com a norma padrão promovida pela escola.

2.4 Benincá (2008)

A dificuldade de produção de fonemas do português por crianças bilíngues em português e pomerano no Espírito Santo foi o tema do estudo de Benincá (2008), que teve por base teórica a Geossociolinguística e a Fonologia. Os dados foram obtidos por meio de gravações de um questionário fonético-fonológico de 44 questões e um discurso semidirigido. A autora também se apoiou em redações produzidas por alunos da 5ª série do ensino fundamental residentes na comunidade de Alto Rio Possmoser, em Santa Maria de Jetibá – ES, localidade que já havia sido ponto de inquérito do projeto Atlas Linguístico do Espírito Santo, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Catarina Vaz Rodrigues.

Em sua análise, Benincá (2008) identificou diferentes tipos de interferência da língua de imigração no português falado e escrito por eles; contudo, apresentaremos aqui somente aquelas relacionadas ao ditongo. Nas entrevistas semidirigidas, ocorreu a variação [li'mõw̃] ~ limão, como também alguns casos de [bãw̃] ~ bom. Benincá (2008) também encontrou o processo de desnasalização, em que o ditongo nasal final [ãw̃], do vocábulo *feijão*, por exemplo, realizou-se como oral [aw]. O mesmo sucedeu com a palavra *dragão*, porém somente com um informante. Segundo a autora, “[...] em pomerano, o ditongo [aw] existe como oral, e não como nasal, como aparece nas palavras ‘kau’, ‘gaud’, ‘hauw’⁵, o que aponta para uma interferência da LM na LE.” (BENINCÁ, 2008, p.164).

⁵ Respectivamente, *vaca*, *bom* e *pata* ou *casco*. Agradecemos à Prof.^a Ms. Elizana Schaffel Bremenkamp pela tradução destas palavras.

Quanto aos dados escritos, nas redações de alunos apareceram trocas de *-ão* e *-am* por *-om*, assim como de *-om* por *-ão*, conforme mostra Benincá (2008, p.164):

- Troca de **om** por **ão** (forma encontrada: cão, são > formas padrão: com, som);
- Troca de **ão** por **om** (forma encontrada: tom > forma padrão: tão);
- Troca de **am** por **om** (forma encontrada: fizeram, ficom, pegarom, forom > formas padrão: fizeram, ficam, pegaram, foram).

Em relação aos verbos, a autora também encontrou vocábulos que apresentaram redução do ditongo [ãw̃] nas desinências: [‘forɔ] e [fi’karɔ], por exemplo. No entanto, segundo ela, essas trocas não apareceram no questionário fonético-fonológico do corpus oral, sendo elas uma influência da língua oral, pois alguns casos surgiram nas entrevistas semidirigidas.

Vale ressaltar que, ao final de sua pesquisa, Benincá (2008) criou propostas de ensino que têm como foco essa variável.

2.5 Almeida e Araújo (2010)

Almeida e Araújo (2010) estudaram os fenômenos fonético-fonológicos relacionados ao ditongo nasal /ãõ/ no falar cuiabano. Para os autores, a variação da pronúncia do ditongo nasal revela a presença de traços remanescentes de fases anteriores da língua portuguesa. A área estudada engloba Cuiabá e municípios e vilarejos adjacentes, que devem sua origem ao rio Cuiabá e seus afluentes. Os autores ressaltam que a população dessas terras recebeu habitantes de todos os cantos do Brasil, sobretudo de São Paulo. Quanto ao fenômeno fonológico por eles apontado, ocorreram: [õ](s) por [ẽõ](s)~irm[õ] por irm[ẽõ] e milh[õs], que alterna com milh[õj] e milh[õjs], e na desinência verbal {-am}: brigar[õ] > brigar[o] por brigar[ẽõ].

Os aspectos socioculturais dos falantes levados em conta no estudo foram: naturalidade (cidade de origem), faixa etária, profissão, grau de instrução e sua filiação a um determinado grupo social, além de consideraram o habitat em que vive e viveu cada entrevistado. Os dados, que foram gravados em fitas cassete e registrados em vídeo, foram coletados em ocasiões e situações diferentes, sendo analisados os trechos de conversas livres.

De acordo com Almeida e Araújo (2010), os ditongos *-ão*, nos substantivos e advérbios, e *-am*, nos verbos de terceira pessoa do plural, apresentam-se, no falar cuiabano, sob pelo menos seis formas distintas, a saber:

- a) Realização do ditongo [ẽõ]: [ˈitẽõ] *então*, [lãpĩẽõ] *lampião*;
- b) Realização do ditongo assimilado [õõ]: [valẽˈtõõ] *valentão*, [iʃˈtõõ] *estão*, [ĩˈtõõ] *então*;
- c) Realização do ditongo como vogal nasalada [ũ]: [ˈnũ] *não*, [iʃˈtuˈdarũ] *estudaram*, sendo o primeiro exemplo o responsável pela maioria das ocorrências;
- d) Realização do ditongo como vogal nasalada [õ]: [ĩˈtõ] *então*, [fazeˈsõ] *fazeção*, [ˈmõ] *mão*;
- e) Redução, em sílaba final - tanto átona quanto tônica -, do ditongo, que passa a vogal nasalada [ẽ], com perda do elemento semivocálico: [ˈfalẽ] *falam*, [sebaʃtiˈẽ] *Sebastião*, [ˈnẽ] *não*;
- f) Redução, em sílaba átona final, do ditongo nasal, que passa a vogal oral [o]: [briˈgaro] *brigaram*. Os verbos na terceira pessoa do plural e no passado foram os responsáveis por todas as ocorrências.

Os autores verificaram que um mesmo vocábulo pronunciado por um mesmo falante apresentou-se com até quatro formas distintas, independentemente de qualquer condição, como foi o caso do advérbio *não* [ˈnũ], [ˈnẽo], [ˈnõ] e [ˈnẽ]. Assinalaram ainda que “o traço destacado [õ] por [ẽo] no singular e, no plural [õj], até hoje permanece, sem, no entanto, deixar de registrar a oscilação entre as formas [õ], [õj], [o], [o] e [ẽo]” (ALMEIDA; ARAÚJO, 2010, p.420). Desse modo, os autores concluíram que a pronúncia desse ditongo ainda está em processo de variação.

2.6 Marinho (2012)

O trabalho de Marinho (2012) toma por base a Sociolinguística Quantitativa e investiga a pronúncia variável do ditongo nasalônico *-ão* por descendentes de imigrantes italianos da zona urbana de Santa Teresa, Espírito Santo. Para a coleta de dados, a autora selecionou 32 informantes nascidos na zona urbana de Santa Teresa ou que aí viveram por um período superior a dois terços de sua vida, divididos de acordo com o *sexo/gênero* (feminino e masculino), *idade* (de 08 a 14; de 15 a 30; de 31 a 50; e acima de 50 anos) e *escolaridade* (até 04 anos de escolarização; de 05 a 08 anos;

mais de 08 anos). As variáveis linguísticas analisadas foram: a) a posição da variável na palavra – meio ou final; e b) a classe gramatical da palavra – verbo e não verbo.⁶

O Programa Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005) selecionou apenas a variável faixa etária como significativa para o fenômeno estudado. Tem-se que a língua falada pelos descendentes de italianos na zona urbana de Santa Teresa está sofrendo um processo de mudança em progresso, com a pronúncia do ditongo nasal com influência vêneta decrescendo gradativamente a partir dos informantes mais idosos (PR = 0.62), adultos (PR = 0.55), jovens (PR = 0.43) e, por fim, as crianças (PR = 0.34).

Marinho (2012) apresenta duas justificativas para esse resultado: a) por se tratar de uma zona urbana, os moradores têm um maior contato com pessoas de outras localidades do país, além de terem um maior acesso, pela mídia falada, ao sotaque não marcado do Espírito Santo e do Brasil; e b) muitos jovens estão saindo da cidade para estudar na capital, Vitória, ou em outros estados. Assim, o contato com outras variedades do português – ou mesmo a expectativa de sair do lugar – pressiona-os a abandonar os traços da língua ancestral.

2.7 Horbach (2013)

O último trabalho citado neste capítulo é o de Horbach (2013), que tem como tema a variação do ditongo –ão em final de vocábulo (ex. pão ~ pon; tiravam ~ tiravon) por falantes bilíngues português-alemão e português-italiano, respectivamente das comunidades de Panambi e Flores da Cunha, Rio Grande do Sul. A amostra se constitui de 16 entrevistas do Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul) acrescidas de dados do Projeto ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil). Os resultados foram obtidos estatisticamente pelo programa GOLDVARB X e, posteriormente, analisados e discutidos com base na perspectiva da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1969, 1972)⁷.

⁶ O objetivo primeiro de Marinho (2012) foi formar um banco de dados de fala dessa importante comunidade italiana do Espírito Santo. Por isso e pela exiguidade de tempo para a realização da pesquisa de Iniciação Científica – um ano –, não lhe foi possível selecionar e codificar outras variáveis linguísticas.

⁷ Labov, W. Contraction, deletion and inherent variability of the English copula. *Language*. Baltimore, v. 45, nº4, p.715-762, 1969; e *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

As variáveis linguísticas analisadas foram a tonicidade do alvo, a extensão do vocábulo, a classe gramatical da palavra, o número (singular e plural) e o contexto precedente. Segundo Horbach (2013), a ocorrência do fenômeno, de um modo geral, aplicou-se nas sílabas finais tônicas de palavras no singular, fazendo uma leve distinção entre palavras longas e curtas. Segundo a pesquisadora, por se tratar de uma variação fonética de superfície, a classe gramatical não pareceu relevante no processo.

Quanto às variáveis extralinguísticas, foi analisada a localidade bilíngue, a idade, o sexo e a escolaridade dos informantes. A autora verificou que o processo se aplica mais aos informantes pouco escolarizados e, destes, aos homens com mais de 50 anos, em virtude do seu grau de bilinguismo. A autora também constatou que as mulheres dessas comunidades evitavam as variantes desprestigiadas mais do que os homens, resultado já esperado, de acordo com os estudos sociolinguísticos.

Tendo sido expostos resumidamente os trabalhos que dialogam com o nosso, passaremos para a apresentação do contexto histórico da vinda dos imigrantes italianos para Santa Maria do Engano. Percorrer a trajetória dos imigrantes, da Itália até o Espírito Santo, Alfredo Chaves e Santa Maria do Engano faz-se imprescindível, para compreendermos como os contatos linguísticos se deram na comunidade pesquisada e quais fatores sociais atuaram sobre eles.

3 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO ESPÍRITO SANTO

[...] não é a polenta, o vinho, a canção ou a saudade dos “nonnos” que o fará italiano ou brasileiro. É mais. É um patrimônio de vida e de cultura legado pelos antepassados que não vai perder-se através do tempo, mas vai firmar-se na História. (BUSATTO, 2011)

No século XIX, uma forte crise socioeconômica atingia os países mais pobres da Europa, o que desencadeou um grande e acelerado deslocamento de populações rumo a nações europeias mais desenvolvidas e também a outros continentes, vislumbrando a possibilidade de uma vida melhor em solo estrangeiro (FRANZINA, 2006).

Em consequência dessa crise, no decorrer do século XIX, milhares de italianos de várias regiões deixaram seu país. No quadro a seguir, encontra-se o total de italianos emigrados, distribuídos por províncias e regiões.

		Itália do Norte	Itália Central	Itália do Sul
Regiões		Piemonte	Toscana	Abruzzi e Molize
		Ligúria	Marche	Campânia
		Lombardia	Úmbria	Puglia
		Vêneto	Lácio	Basilicata
		Emília		Calábria
				Sicília
			Sardenha	
Total		3.582.733	451.206	1.758.607

QUADRO 1 - TOTAL DE EMIGRANTES ITALIANOS, NO PERÍODO DE 1876 A 1901, DISTRIBUÍDOS POR REGIÕES

Fonte: FRANZINA (2006, p. 104, adaptado)

Segundo Franzina (2006, p.104), no período de 1876 a 1901, saíram definitivamente do país 405.883 italianos, somente da região do Vêneto. No mapa a seguir, veem-se as províncias pertencentes a essa região.



MAPA 1 - REGIÃO DO VÊNETO

Fonte:<http://www.familialorenzoni.org/imagens/Veneto.gif>

As razões por que tantos italianos deixaram sua terra e sua gente rumo a uma vida totalmente nova e desconhecida se devem a dois fatores: o de expulsão de sua própria terra e o da atração exercida por outros países, notadamente da América (FRANZINA, 2006). A relevância de cada um deles varia de acordo com as situações históricas, mas sempre nos remete a um quadro complexo, que é o da evolução do capitalismo na Europa.

No século XVIII e no seguinte, a Europa passou por um conjunto de mudanças tecnológicas profundas, cujo impacto deu origem a vários problemas sociais e econômicos. Trata-se da Revolução Industrial. Esse movimento redesenhou todo o processo produtivo europeu, que passou de uma estrutura agrícola a uma industrial, criando novas relações entre o capital e o trabalho, em que o mecânico substituiu o humano. Nesse contexto, “os países que, por circunstâncias históricas ou providências econômicas, haviam criado seus impérios coloniais, não sofreram o impacto do desemprego nem a crise da superpopulação.” (DERENZI, 1974, p.19). Nessa situação se

encontravam os impérios coloniais e capitalistas da Inglaterra, França, Holanda, Alemanha, Espanha e Portugal, sendo que estas duas últimas ainda viviam as glórias conquistadas pelas descobertas transoceânicas do século XVI.

A Itália, entretanto, enfrentava graves e variados problemas, com “a sua população bastante densa e os recursos relativamente limitados da sua economia ainda predominantemente agrícola e atrasada no seu conjunto” (CADELORO, *apud* FRANZINA, 2006, p.87), além de sofrer as consequências do desequilíbrio gerado pela unificação do país.

Neste ponto, vale destacar que, até a segunda metade do século XIX, a Península Itálica estava dividida em vários reinos, que eram Estados independentes. Alguns desses reinos eram, inclusive, governados de forma autoritária por famílias reais da Áustria e da França. A região norte da Península Itálica - especialmente o reino de Piemonte-Sardenha - era muito mais desenvolvida do que o centro e o sul. Dessa forma, interessava à nobreza e, principalmente, à burguesia industrial que ocorresse a unificação, pois isso faria aumentar o mercado consumidor, além de facilitar o comércio, com a unificação de padrões, impostos, moeda etc.⁸

Segundo Medeiros (1997, p. 74-5), o capitalismo, nos reinos setentrionais da Península Itálica, atingiu uma estrutura agrária milenar, provocando miséria com suas leis e novos tributos. Estes últimos eram verdadeiros confiscos de terra. Houve um empobrecimento imenso da população, ou seja, a miséria invadiu a vida do camponês, que perdeu sua propriedade ou teve que vendê-la por um preço aviltado. Após a perda de suas propriedades, tiveram que se sujeitar a ser uma mão-de-obra barata nas vilas e cidades, acarretando uma gigantesca massa de desempregados e/ou de subempregados. Medeiros (1997) acrescenta que essa situação se instalou a partir de 1860, quando as lideranças políticas advindas do Movimento pela Unificação da Itália não cumpriram suas promessas com a população; pelo contrário, mudaram todo o projeto político original, gerando uma massa de excluídos. Indubitavelmente, esse foi um fator de expulsão dos italianos, no contexto da emigração.

A difícil situação político-social-econômica, mencionada acima, ainda podem ser acrescentadas as calamidades naturais – enchentes do rio Pó, furacões, chuvas de granizo, desmoronamentos e

⁸ In: (http://www.suapesquisa.com/historia/unificacao_da_italia.htm). Acesso em 06 ago. 2014.

avalanches em várias partes da Itália - que destruíram as lavouras e causaram doenças, como a epidemia da cólera, além da crise do comércio do trigo no Mar Negro. E, ademais, segundo Cavati (1973, p. 13), até 1870 havia na Itália “mais de uma dezena de reinos, condados, ducados. Eram frequentes entre eles as guerras. O norte da Itália era o campo de batalha entre a França e a Áustria, que disputavam o domínio sobre a região. Os exércitos não só requisitavam os produtos agrícolas, mas assolavam os campos.”

Por outro lado, havia italianos que nutriam um forte sentimento de aversão à emigração e, sobretudo, à emigração transoceânica. Esses antiemigrantistas acreditavam na possibilidade de frear o fluxo emigratório ou, pelo menos, fazer com que alguns refletissem acerca dessas ávidas e enganosas ilusões. Contudo, o fascínio exercido pelo mito da América como “terra prometida” teve mais força, e milhões de homens e mulheres, de diferentes províncias e regiões, fugindo da miséria e da fome, abandonaram suas casas. Por volta de 1870, iniciou-se o movimento de saída em massa da Itália para a América, principalmente para os Estados Unidos, Argentina e Brasil, movimento que durou até o início do século XX (FRANZINA, 2006).

3.1 A “Terra Prometida”

Como expusemos, a saída de europeus para a América, no século XIX e início do século XX, está relacionada principalmente à expansão do capitalismo no velho continente. Especialmente no período de 1876 a 1878, o quadro social na Itália era desolador. Por isso, a imprensa europeia, sobretudo a italiana, apontou a América como uma “terra Prometida”.

Nesse contexto, o Brasil surge como o país da *cuccagna*, conforme se depreende do poema extraído do jornal italiano *La Voce Cattolica*, de 23/01/1877, citado por Santos (1999, p.33), que reproduzimos a seguir.

PAESI DI CUCCAGNA

*Al Brasile, al Brasile, o buone genti,
Al Brasile, al Brasile presti correte;
Orsù che fato? In queste steppe nigenti
D'inedia e povertà tutti morrete!
Celà di latte e miel scorren torrenti,*

PAÍS DA COCANHA

Ao Brasil, ao Brasil, ó boa gente,
Ao Brasil, ao Brasil, rápido correi;
O que estais fazendo nestas gélidas estepes
De inanição e pobreza todos morrereis!
Lá de leite e mel correm torrentes,

*Fruttar salami i larici vedrete,
E sei stagioni all'anno in quei tepenti
Climi! A bigonci el vin raccoglierete.
E questo è ancor un nulla: ogni campagna
(Son galantuomo, amici, e dico il vero)
Di gemme è piena e d'oro ogni montagna
Chi assevera il contrario, no sa un zero;
È il paese il Brasil della cuccagna;
Lo vidi io stesso... stando qui in Primiero.*

Produzir salames os pinheiros vereis
E seis estações no ano naquele tépido
Clima! Em cântaros o vinho recolhereis.
E isto é nada ainda: cada campo
(Sou homem sério, amigo, e falo a verdade)
É cheio de gemas e de ouro cada montanha.
Quem fala o contrário, nada sabe
É o país o Brasil da *cuccagna*:
Eu mesmo o vi... estando aqui no Primeiro.

Partire súbito per l'America, pel Brasile a far fortuna!” Esse foi o slogan que sacudiu os camponeses, notadamente da Lombardia e do Vêneto, as províncias mais populosas e afetadas pela falta de trabalho e de terra” (DERENZI,1974, p.46).

Em meio a todos esses acontecimentos, o Brasil vivia intensas transformações econômicas, com o processo de urbanização, as políticas de ocupação territorial, o fim da escravidão, o início da industrialização e a criação do setor terciário. Dentre as urgências apresentadas pelo Brasil, além da política de substituir a mão-de-obra escrava nas fazendas de café, destacava-se o fomento à agricultura, quer para o abastecimento interno, quer para a exportação, e ainda a necessidade de aumento da população.

Importa notar também que, conforme ressalta Ianni (1979, p. 12), a opção dos governantes brasileiros de trazer imigrantes europeus (alemães, italianos, poloneses, espanhóis, portugueses etc.) fazia parte de uma estratégia de reduzir a presença de negros e mulatos na sociedade. Em outras palavras, os europeus trazidos para o Brasil, além de agregar à economia a capacidade do trabalho artesanal e o domínio de técnicas que nos poderiam ser úteis, destinavam-se a “branquear o país”. Conforme veremos a seguir, as necessidades do Espírito Santo eram semelhantes às de outras províncias do Brasil, segundo o sistema econômico e social vigente à época.

3.2 A chegada dos italianos ao Espírito Santo

A história dos imigrantes italianos no Espírito Santo, em seus primórdios, é permeada por conflitos: de um lado, a dura realidade - o planejamento precário, a assistência quase inexistente, os administradores corruptos, a floresta perigosa e traiçoeira, a derrubada da floresta e o isolamento; e, de outro, os sonhos - de liberdade, de enriquecimento, dos ideais de propriedade, de uma vida de fartura – acrescidos da coragem, do trabalho e dos princípios de fé e honestidade.

Segundo Franceschetto (2013, p.169), até a metade do século XIX, o interior do Espírito Santo praticamente não era explorado economicamente e, por mais de um século, as tentativas de ocupação foram coibidas pela Coroa portuguesa, como forma de se protegerem as minas de ouro a oeste da província. O relevo acidentado do interior e as limitadas vias de comunicação e transporte também contribuíram para o entrave do desenvolvimento da região.

Diante disso, até o início do século XIX, “a população do Espírito Santo não adentrara o continente, limitando-se a uma faixa litorânea que não excedia quatro léguas, como descrito por Saint-Hilaire.” (MACEDO; MAGALHÃES, 2011, p. 64-5). Dessa forma, a colonização foi a solução tanto para o povoamento do Espírito Santo quanto para o aumento da produção agrícola.

A primeira leva de imigrantes italianos chegados ao estado veio sob concessão dada a Pietro Tabacchi, pelo Decreto Imperial 5.295, de 31 de maio de 1872⁹ (DERENZI, 1974). “Assim, em fevereiro de 1874, 386 pessoas, adultos e crianças, chegaram a Vitória e logo seguiram para Santa Cruz, em terras concedidas a Tabacchi, onde surgiu a Colônia Nova Trento, em homenagem à cidade de seu nascimento.” (DERENZI, 1974, p.47). Mas, devido a desentendimentos sérios entre os imigrantes e o concessionário das terras, a grande maioria se embrenhou pelas matas e foi ocupar o Núcleo Conde D’Eu, atualmente o município de Ibirajú. Nas palavras de Franceschetto (2013, p.171):

⁹ Contudo, Medeiros (1997, p. 57) observa que, antes do “fenômeno das imigrações em massa surgidas a partir da expedição Tabacchi, já existiam italianos no Espírito Santo. Eles se encontravam nas Colônias Imperiais do Rio Novo e de Santa Leopoldina, fundadas respectivamente em 1854 e 1856. Eram colônias que abrigavam também imigrantes de outra parte da Europa”.

[...] aos 3 de janeiro [de 1874], às 15 horas, partia do porto de Gênova o navio a vela La Sofia, transportando 388 camponeses para Vitória, desembarcados no dia 27 de fevereiro. Já em 01 de março teve início a viagem em direção à fazenda de Tabacchi. Era a primeira expedição de imigrantes trentinos para o Espírito Santo, [...] que daria início à epopéia migratória dos italianos para o Brasil. Porém, os camponeses logo perceberam que foram malogrados pelas promessas de Tabacchi. Não havia as terras preparadas, a situação nos alojamentos era caótica e tudo isso, somado a uma difícil travessia pelo Atlântico, foram ingredientes que culminaram na primeira revolta dos colonos.

De acordo com o Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES, 2014), no século XIX, foram registrados os mais altos e mais importantes índices de imigração no estado. Vale ressaltar que o Espírito Santo recebeu, nesse século, 47.026 imigrantes das mais diversas nacionalidades, sendo que 35.033 – quase 80% – eram italianos, como mostra o Quadro a seguir.

Países	séc. XIX
Itália	35.033
Alemanha	4.013
Espanha	2.942
Portugal	2.080
Polônia	699
Áustria	295
Estados Unidos	167
San Marino	360
Holanda	329
Suíça	289
Rússia	185
França	162
Bélgica	185
Síria	66
Inglaterra	9
Luxemburgo	97
Outros	115
Total	47.025

QUADRO 2 - IMIGRANTES CHEGADOS AO ESPÍRITO SANTO NO SÉC. XIX

Fonte: APEES, 2014 (adaptado)

Assim, a contribuição dos imigrantes, sobretudo dos italianos, para o aumento da população do estado se coloca como uma das mais altas do país, no período de 1875 a 1930. Com base nesses

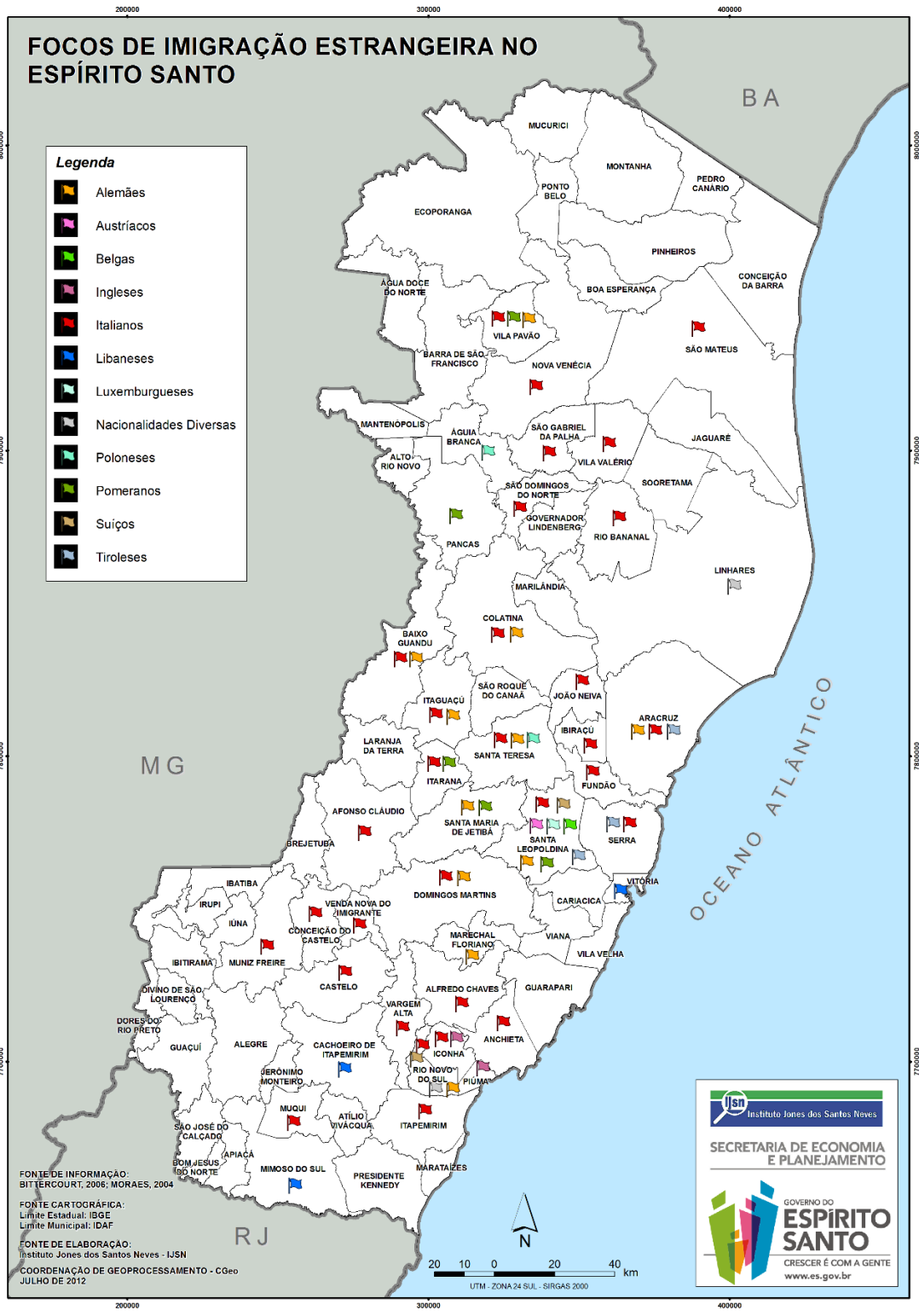
dados é que Medeiros (1997, p. 54) afirma que “no mínimo 60% do sangue que corre na veia dos capixabas é de procedência italiana”.

Retornando à história da imigração no estado, segundo Franceschetto (2013), em 1847 foi criada a Colônia Imperial de Santa Izabel, objetivando, como dissemos, buscar agricultores estrangeiros, principalmente alemães, para dar início à substituição da mão de obra escrava, em processo de extinção, e para o “branqueamento da raça”. O autor afirma ainda que, em 1855, foi criada a Colônia Agrícola de Rio Novo, uma área de 40 mil hectares, aproximadamente, considerada o mais antigo núcleo de imigrantes italianos do Espírito Santo. E, por fim, em 1857, foi criada a Colônia Imperial de Santa Leopoldina, às margens do rio Santa Maria da Vitória.

A partir de 1874, seguiram-se vários desembarques em Vitória, Benevente (atual município de Anchieta), Barra de Itapemirim e São Mateus, de onde os imigrantes eram levados com destino às acomodações preparadas para recebê-los – as hospedarias. Assim, os imigrantes foram ocupando as terras espírito-santenses desde a capital do estado até as colônias ou as regiões das fazendas de café, como as de Castelo e de São Mateus¹⁰. As vias de acesso ao interior eram as fluviais, distribuídas de forma mais ou menos regular ao longo da costa capixaba. Elas permitiam a navegação em canoas em um percurso que variava de acordo com o rio, geralmente em torno de 40 km. Daí por diante, faziam as tão citadas “picadas” entre as matas até atingir suas terras.

No mapa abaixo, podemos verificar os focos de imigração no Espírito Santo, observando a predominância dos italianos.

¹⁰ Muitos imigrantes deixaram a região de São Mateus, devido às dificuldades de sobrevivência, com os índios aimorés e a insalubridade.



MAPA 2 - FOCOS DE IMIGRAÇÃO NO ESPÍRITO SANTO
 Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves (2012)

A maioria dos imigrantes italianos que vieram para o Espírito Santo é proveniente da região do Vêneto, seguidos pelos lombardos e trentinos, como observa Franceschetto (2013). O gráfico a seguir evidencia a origem desses imigrantes.

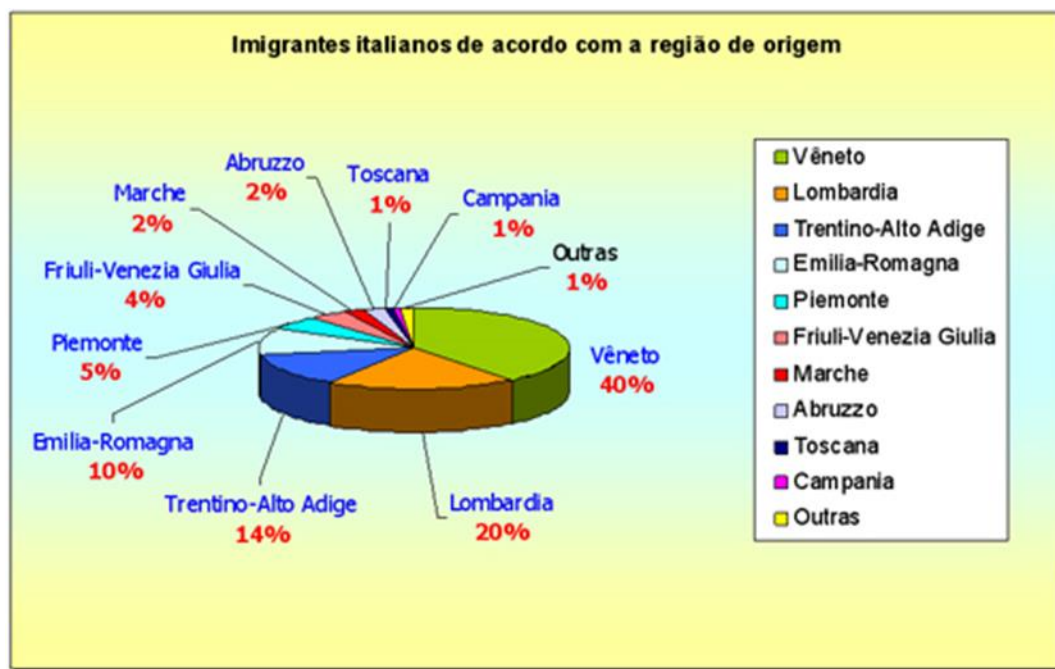


GRÁFICO 1 - ORIGEM DOS ITALIANOS CAPIXABAS

Fonte: FRANCESCCHETO (2013, p.187)

Pessali (2010, p.19) observa que “o ritmo da chegada de imigrantes só decresceu depois do decreto do Governo Italiano, de 20 de julho de 1895, proibindo a vinda de colonos para a Província”. Tal decisão se deveu, entre outras razões, ao fato de que “uma sobrinha do Ministro de Assuntos Exteriores Giulio Prinetti visitou os principais núcleos de imigração, inclusive Alfredo Chaves, na condição de jornalista, em 1892”. Seus relatos, acrescidos do relatório do cônsul Carlo Nagar, de 1891, e do fracasso do Núcleo Muniz Freire, levaram o ministro a assinar a proibição, que ficou conhecida como Decreto Prinetti.

Essa proibição também levou em conta a assistência precária aos imigrantes, os conflitos entre colonos e autoridades, as promessas do governo brasileiro que não foram cumpridas, a mudança do destino prometido aos italianos e as duras condições de trabalho, dentre outras queixas.

Contudo, mesmo proibida, a entrada de imigrantes no Espírito Santo não foi interrompida. Eles desembarcavam no Rio de Janeiro, atravessavam o rio Itabapoana, em Santo Eduardo, município de Campos, e dali seguiam para as terras espírito-santenses, sendo Alfredo Chaves um dos destinos mais procurados.

3.3 Os imigrantes italianos em Alfredo Chaves

Para melhor compreendermos a pesquisa a que estamos procedendo, faz-se importante revisitar a história do município de Alfredo Chaves e a trajetória dos imigrantes italianos que aí chegaram.

O que é atualmente a Sede de Alfredo Chaves teve início com a colonização dos portugueses, no século XIX, quando Dom Pedro II doou ao guarda de honra da corte, o português Augusto José Álvares e Silva, 500 alqueires de terra, que foi chamada Sesmaria Quatinga¹¹.

Segundo Pessali (2010), em 1877 chegaram a essa região os primeiros imigrantes italianos, que desembarcaram em Benevente e singraram o rio de mesmo nome em canoas até a Sesmaria Quatinga, onde fundaram o povoado denominado Alto Benevente. Alguns desses europeus, com medo das enchentes e do ataque dos índios, continuaram a subir o rio para se instalarem em uma área mais elevada, batizada de Vila de Todos os Santos.

Em 1878, novos imigrantes italianos chegaram e continuaram a subir o rio para se fixarem nos vales acima de Benevente e Batatal. Entre 1888 e 1895, uma nova leva de imigrantes italianos chegou à região. Esses europeus passaram a colonizar outras localidades, como Araguaia, Santo André, São Marcos, Matilde, Carolina, Deserto, Urânia, Maravilha e Engano (Ibitiruí). Segundo Puppim (1981, p.30), da Sede de Alfredo Chaves para chegar a esses lugarejos, somente através de picada nas matas e montanhas, com ou sem guia.

No início da colonização do interior do município, os italianos encontraram muitas dificuldades, pois toda a região era coberta de matas virgens e habitada por animais selvagens. Porém, para os imigrantes não importava a dificuldade; o que queriam era um pedaço de terra para plantar e

¹¹ Disponível em www.alfredochaves.es.gov.br. Acesso em 02 ago. 2014.

sustentar sua família. Com a posse das terras, os italianos passaram a produzir alimentos para sua sobrevivência e transformaram a floresta em cafezais e lavouras.

Outra fonte de sustento para aquelas pessoas foi trabalhar na construção de uma estrada de ferro. De acordo com Derenzi (1974, p.85), os imigrantes “viveram dias de esperanças com o anúncio da construção da Estrada de Ferro Sul do Espírito Santo (Leopoldina)”.

A construção da Estrada de Ferro Sul – que liga Vitória ao Rio de Janeiro – foi feita à base de dinamite e de braços, dada a pouca tecnologia disponível à época; entretanto, não faltou mão-de-obra, graças aos imigrantes. Essa obra foi muito importante para esses homens, pois, além do suporte ao escoamento do café, encontraram uma forma de estabelecer uma ligação mais rápida com a capital do país, que antes se realizava por mar.

As estações ferroviárias de Araguaia e Matilde foram inauguradas em 15 de março de 1902. Porém, pressionado por uma crise financeira e por dívidas externas, o Governo Estadual interrompeu a obra e, cinco anos depois, vendeu o trecho acabado – de Vila Velha a Matilde - para a Leopoldina Railway, que já havia construído o trajeto de Cachoeiro de Itapemirim ao Rio de Janeiro. Em três anos, havia sido completada a ligação com Cachoeiro de Itapemirim, e Alfredo Chaves ganhou mais uma estação, a de Engano¹², no povoado que, em 1964, passou a ser chamar Ibitiruí. Abaixo vemos a foto da estação de Engano.

¹² O nome *Engano*, segundo os moradores mais antigos desse distrito, está relacionado a um erro de projeção da Estrada de Ferro Leopoldina.



ALFREDO CHAVES(ES): antiga estação de Engano
http://www.estacoesferroviarias.com.br/efl_rj_litoral/engano.htm

**FOTOGRAFIA 1 - PRIMEIRA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE ENGANO
(ATUAL IBITIRUÍ)**

Com respeito à construção da estrada de ferro e seu nome – Engano –, Puppim (1981, p. 397) informa:

Existia nessa época, residindo em Guiomar, Carlos Gentil-Homem, que era coronel da região e que queria que a estrada passasse pela região que ele residia. Houve vários encontros e o Gentil-Homem ganhou a briga. Ele tinha muita influência política na região e todos tinham medo dele, pois andava sempre com vários jagunços. Com isto, vários trechos da estrada, já prontos, foram totalmente abandonados e a estrada passou por locais que não se entende até hoje. (...) A estrada ia de Viana a Mathilde; Mathilde a Iconha; Iconha a Concórdia e Concórdia a Cachoeiro.

Nesse contexto surgiu a denominação *Engano* para o atual distrito de Ibitiruí. E, a aproximadamente três quilômetros deste, formou-se o povoado de Santa Maria do Engano, nome

que se originou da própria tradição dos imigrantes italianos de nomearem pessoas e/ou lugares com nomes de santo – daí Santa Maria – e por pertencer ao distrito já referido - Engano. Ibitiruí foi o último distrito a ser criado na atual divisão administrativa de Alfredo Chaves, no início na década de 50 (PESSALI, 2010, p.57).

Tendo sido exposto o contexto histórico da colonização italiana na comunidade pesquisada, no próximo capítulo abordaremos os pressupostos teóricos que embasaram nossa pesquisa.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

“A linguagem é um fenômeno muito variável, e esta variabilidade pode ter a ver tanto com a sociedade quanto com a linguagem” (TRUDGILL, 2009)¹³

Neste capítulo, apresentaremos os fundamentos teóricos que nortearam as análises de nossos dados - a Sociolinguística, especificamente as vertentes da Teoria da Variação e Mudança e do Contato Linguístico. Passemos, então, à Sociolinguística.

4.1 A Sociolinguística

A língua é um instrumento de que o ser humano dispõe para transmitir mensagens e representar a realidade social das comunidades. Ou seja, a língua é um elemento de interação entre os indivíduos de uma sociedade; mais ainda, a língua é um meio de identificação de grupos sociais (HUDSON, 1980).

Monteiro (2000, p. 16) afirma que “a função da língua de estabelecer contatos sociais e o papel social por ela desempenhado, de transmitir informações sobre o falante, constituem uma prova cabal de que existe uma relação entre língua e sociedade.” De fato, entre uma e outra não há uma relação de mera casualidade. O homem, nas diversas etapas de seu desenvolvimento, vai sofrendo transformações, e, em cada uma dessas fases, a linguagem que utiliza é um importante fator para a sua aceitação no grupo ao qual pertence. Daí poder-se afirmar que a língua sofre variações determinadas pelos mais intrincados mecanismos sociais. Essas variações têm sido objeto de estudo de linguistas agrupados em uma ciência denominada Sociolinguística. Downes (1998, p. 09) assim a define:

¹³ “[...] language is a very variable phenomenon, and [...] this variability may have as much to do with society as with language.” (TRUDGILL, 2000, p. 21). (Tradução nossa, como as demais desta dissertação).

A Sociolinguística é o ramo da linguística que estuda exatamente aquelas propriedades da língua(gem) ou das línguas que fazem referência aos fatores sociais, inclusive os contextuais, em sua explanação.¹⁴

Os estudos sociolinguísticos consolidaram-se a partir de 1964, com a realização de um congresso organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia. A proposta de Bright para a Sociolinguística é de que ela deveria “demonstrar a covariação das variações linguística e social. Ou seja, relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade” (BRIGHT, 1974, p. 34). Sua tese é de que um sistema linguístico monólito, realizado sem variações ou com variações fortuitas e imotivadas, é incapaz de explicar toda a gama de associações da língua com a estrutura de uma sociedade.

De acordo com Martelotta (2011), a Sociolinguística é o ramo da investigação linguística que leva em consideração o uso concreto da língua e seu caráter inerentemente dinâmico e heterogêneo, que concentra sua atenção basicamente no aspecto variável das línguas naturais. Nessa mesma perspectiva, Votre e Cezario (2009, p. 141) acentuam que:

A sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente de contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação.

Sendo um dos campos de pesquisa mais férteis da ciência linguística, a Sociolinguística deve sua legitimação e seu status à convicção de que os fatores sociais influenciam o uso da língua pelos indivíduos e que eles constituem temas legítimos de investigação científica (VANDRESEN, 1974). Com seus métodos de pesquisa, é possível descrever diversos tipos de fala em várias localidades de uma mesma região, traçando-se assim o perfil sociológico, econômico e cultural dos falantes (PRETI, 1987). Nesse sentido, a língua caracteriza uma comunidade, e não apenas o indivíduo.

¹⁴ “Sociolinguistics is that branch of linguistics which studies just those properties of language and languages which require reference to social, including contextual, factors in their explanation.”(DOWNES, 1998, p. 09)

Partindo desse pressuposto é que os sociolinguistas discordam da visão de língua das correntes anteriores – especificamente, o Estruturalismo e o Gerativismo –, as quais insistem na homogeneidade necessária do objeto linguístico e que consideram a fala como caótica e desmotivada (FIGUEROA, 1996). Nesse sentido, o vernáculo, ou seja, o uso espontâneo da língua, sem monitoramento, passou a despertar o interesse dos linguistas. Por isso, a Sociolinguística tem por objeto de estudo os padrões de comportamento linguístico observáveis dentro de uma comunidade de fala e os formaliza analiticamente através de um sistema heterogêneo, constituído por unidades e regras variáveis (LABOV, 2008 [1972]).

Alkmin (2007) destaca que essa heterogeneidade pode ser estudada por várias áreas, tais como a Sociolinguística Variacionista, a Sociolinguística Interacional, a Etnografia da Comunicação, a Dialetoлогия Social e o Contato Linguístico, entre outras. Esses modelos teóricos não só postulam que a Linguística deve encarar a língua como produto social, mas também consideram que a variação é inerente à própria natureza da linguagem humana. Nesta pesquisa, atentamo-nos principalmente para a Sociolinguística Variacionista, cuja metodologia de pesquisa e postulações teóricas serviram de embasamento para nossa análise de dados. Entretanto, fez-se indispensável abordarmos também o Contato Linguístico, tendo em vista que nosso objeto de estudo surgiu a partir da imigração italiana no Espírito Santo e, por conseguinte, do contato entre a cultura e a língua minoritária com a cultura e a língua do Brasil, a majoritária. É sobre essas duas vertentes que discorreremos a seguir.

4.1.1 A Teoria da Variação e Mudança Linguística

A Teoria da Variação e Mudança Linguística consolidou-se como corrente teórica na segunda metade do século XX, a partir da publicação de *The social motivation of a sound change* (1963) e de *The social stratification of English in New York city*¹⁵ (1966), ambos de William Labov,

¹⁵ “A motivação social de uma mudança sonora” e “A estratificação social do inglês na cidade de Nova Iorque”, respectivamente.

juntamente com *The empirical foundations for a theory of language change*¹⁶, de Weinreich, Labov e Herzog (1968).

Desde então, surgiu uma enorme quantidade de trabalhos realizados por pesquisadores da área, em diferentes comunidades de fala (TARALLO, 2007). Por meio desses estudos, viu-se que a variação é uma característica das línguas naturais e que pode ser sistematizada através de princípios a ela subjacentes. Em outras palavras, a variação é ordenada, e as realizações aparentemente caóticas e eventuais da fala apresentam sistematicidade, tanto diacrônica quanto sincronicamente. Desse modo, cabe ao linguista não só descrevê-la, mas explicá-la e ainda depreender os padrões que a governam¹⁷.

Para descrever a variação linguística, a Teoria da Variação e Mudança considera a atuação de forças internas, próprias do sistema linguístico, nos níveis fonético-fonológico, lexical, morfossintático e semântico; e externas ou sociais, como o sexo/gênero, idade, classe social, escolaridade, etnia e localização da comunidade, dentre outras variáveis relacionadas aos falantes e a seu grupo. Dessa forma, segundo Labov (2008 [1972]), a variação só poderá ser compreendida dentro do contexto social da comunidade em que as ocorrências são produzidas, pois a história do grupo e as pressões sociais que recebe influenciam as escolhas linguísticas feitas pelos indivíduos.

As alternâncias nas produções de fala são adquiridas no contato com outros indivíduos de uma sociedade e, normalmente, não são escolhas conscientes dos falantes. No entanto, estes podem utilizar algumas variantes conscientemente, conforme a situação em que se encontrem, ou mesmo para expressar um sentimento de pertencimento a um determinado grupo social.

Para realizar a análise da variação linguística, a Teoria da Variação e Mudança leva em conta:

¹⁶ “Os fundamentos empíricos para a teoria da mudança linguística”. A obra foi traduzida para o português e publicada pela Ed. Parábola, em 2006.

¹⁷ É preciso observar, porém, que nem todos os fatos da língua estão sujeitos a variações. Existem regras gramaticais que não podem ser infringidas, sob pena de dificultar ou mesmo inviabilizar a compreensão dos enunciados. (LABOV, 2008 [1972]).

- i) O fenômeno variável a ser estudado, chamado de *variável dependente*, o qual se subdivide em *variantes*, que são duas ou mais formas alternantes de se dizer algo com o mesmo valor de verdade (TARALLO, 1994); e
- ii) *As variáveis*, que se subdividem em *internas* (ou *linguísticas*) e *externas* (ou *sociais*), como dissemos.

Os fatores internos e externos à língua atuam juntos no processo comunicativo, ocasionando a variação e, possivelmente, a mudança linguística. Com respeito à mudança, seu tratamento científico teve início no século XIX, sendo os neogramáticos os primeiros a observarem a regularidade na mudança sonora. Segundo eles, esta é regida por leis fonéticas categóricas; se houvesse exceções, elas ocorreriam por empréstimo ou por analogia. Paveau e Sarfati (2006, p. 28) afirmam que, para os neogramáticos, “a análise linguística não deve se limitar a descrever ou constatar as mudanças ocorridas entre dois (ou vários) estados aparentados de língua; ela deve igualmente produzir uma explicação positiva das causas que conduziram às mudanças observadas.”

Vale ressaltar que, em Weinreich, Labov e Herzog (2006), consta um primeiro levantamento das características inerentes ao processo de mudança linguística. Esses autores afirmam que o objetivo primordial da investigação da mudança é determinar o conjunto possível de condições para que ela aconteça, e que essas condições estão relacionadas às características sociais dos sujeitos falantes.

Faraco (2005) expõe-nos que a mudança não se refere à troca direta e abrupta de um elemento por outro, mas envolve sempre uma fase de concorrência. De uma forma geral, tomando por base Labov (1994), Monteiro (2000, p.119) aponta a trajetória de uma mudança a partir das seguintes considerações:

- 1) Uma mudança linguística acontece quando uma variante se generaliza em um subgrupo de uma comunidade e adquire uma certa direção e significado social; o progresso da mudança depende da aprovação dos valores de um grupo pelos membros de outro;
- 2) A mudança então gradualmente se espalha, mas requer um período de transição, de variabilidade, de competição entre estruturas e de divergências dentro da comunidade do falante;

- 3) A realização da mudança ocorre quando uma variante se sobrepõe à outra. Segue-se um longo período até que a forma preterida é sentida como arcaica ou estigmatizada, sendo usada em contextos específicos até se extinguir inteiramente;
- 4) Depois que a mudança se completa, a variante antiga ainda pode ser preservada em nomes de lugares ou formas fixas, sendo percebida como uma irregularidade sem expressividade.

A observação de uma mudança linguística pode ser feita por meio do tempo aparente ou do tempo real. Na amostra em *tempo aparente*, a variável linguística é distribuída através dos níveis de idade dos falantes. No entanto, a dificuldade desse tipo de observação consiste em compreender se estamos diante de um caso verdadeiro de mudança em curso ou se é um caso de gradação etária (*age grading*). Na mudança em progresso, a variante inovadora é cada vez mais usada entre os jovens. Já gradação de idade é o tipo de mudança em que os falantes de uma comunidade usam determinada forma linguística - na maioria das vezes estigmatizada socialmente - por um certo tempo. Entretanto, normalmente, quando crescem, a abandonam e passam a usar a mais valorizada.

Dessa forma, uma resposta mais segura acerca do processo de mudança deverá ser obtida com o estudo de *tempo real*, que consiste na comparação de dados de dois ou mais períodos históricos distintos, na mesma comunidade. Segundo Labov (1994), esse estudo pode ser realizado a partir de duas abordagens metodológicas: 1) *estudo de tendência*, que consiste em localizar falantes que tenham características semelhantes aos dos informantes da pesquisa realizada anteriormente, submetendo-os aos mesmos questionários, entrevistas ou experimentos; e 2) *estudo de painel*, que consiste, basicamente, em uma nova entrevista com os mesmos informantes do corpus anterior.

Para visualizarmos melhor o que dissemos a respeito da mudança linguística, mostraremos um quadro, adaptado de Labov (1994), com os quatro padrões básicos de mudança linguística, levando-se em conta a comunidade ou somente seus indivíduos.

	<i>Indivíduo</i>	Comunidade
1. Estabilidade (<i>Stability</i>)	Estável	Estável
2. Gradação por idade (<i>Age-grading</i>)	Instável	Estável
3. Mudança geracional (<i>Generational change</i>)	Estável	Instável
4. Mudança da comunidade (<i>Communal change</i>)	Instável	Instável

QUADRO 3 - PADRÕES DE MUDANÇA LINGUÍSTICA

Fonte: Labov (1994, p. 83, Tabela 4.1)

De acordo com Labov (1994), se não houver mudança no comportamento linguístico do indivíduo ao longo de sua vida, nem no comportamento da comunidade, então teremos um caso de estabilidade com respeito a uma determinada forma. No caso de os falantes mudarem seu comportamento linguístico ao longo de sua vida, mas a comunidade como um todo não mudar, o padrão será de *gradação por idade*. No terceiro padrão – *mudança geracional* –, o indivíduo permanece usando uma determinada variante ao longo de sua vida; entretanto, as gerações mais jovens aumentam gradativamente o uso da variante inovadora, até a mudança se completar. E, por fim, o quarto padrão – *mudança da comunidade* – é aquele em que todos os membros da comunidade variam a frequência de uso de uma variável conjuntamente, ou adquirem novas formas simultaneamente.

Dessa forma, para procedermos à análise completa de uma mudança linguística, devemos fazer uma cuidadosa coleta de dados de fala em determinada comunidade, descrevendo uma variável e traçando um perfil de suas variantes; em seguida, devemos analisar os fatores estruturais, sociais e/ou estilísticos condicionantes; observar o encaixamento da variável no sistema linguístico e social da comunidade; e, por último, fazer a avaliação da variável, para a confirmação dos casos de variação ou mudança. No caso desta pesquisa, dada a exiguidade de tempo de que dispomos, não será possível executar todas as etapas que uma análise completa da mudança exige. Por sua vez, faz-se necessário relacionar nosso fenômeno variável às características próprias da comunidade, que são os traços fonético-fonológicos deixados pela língua de imigração no português. E é isso o que pretendemos fazer adiante.

Em resumo, para a análise da variação e da mudança linguística, é preciso descrever as variáveis linguísticas e sociais relacionadas à variável estudada. Dessa forma, abordaremos a seguir os pressupostos teóricos que envolvem cada uma das variáveis sociais utilizadas em nossa pesquisa, que são: sexo/gênero, idade e escolaridade.

a) **Sexo**

Nesta seção, falaremos das características da linguagem de mulheres e de homens e suas consequências para a variação linguística. Antes, porém, faz-se necessário estipular a diferença entre os termos *sexo* e *gênero*, citados nos estudos sociolinguísticos. Segundo Chambers (2003, p. 116),

A distinção entre "sexo" e "gênero" reconhece essencialmente diferenças biológicas e socioculturais. A biologia da masculinidade e da feminilidade - isto é, as diferenças de sexo - começa a se diferenciar antes do nascimento, logo após a concepção. [...] A sociologia da masculinidade e da feminilidade - isto é, as diferenças de gênero - se diferencia depois do nascimento.¹⁸

O que se quer dizer é que, quando falamos em *sexo*, referimo-nos apenas a diferenças biologicamente determinadas – como o tamanho da laringe, por exemplo, que acarreta diferenças na qualidade da voz feminina e masculina. Por sua vez, o *gênero* remete a papéis sociais que mulheres e homens desempenham na sociedade e que determinam posturas e comportamentos – inclusive linguísticos – distintos (CHAMBERS, 2003).

¹⁸ The distinction between “sex” and “gender” essentially recognizes biological and sociocultural differences. The biology of masculinity and femininity – that is, sex differences – begins to differentiate prenatally, soon after conception. [...] The sociology of masculinity and femininity – that is, gender differences – differentiates postnatally.

Porém, neste trabalho, não iremos nos ater a essa discussão, haja vista que, para nossa análise, essa diferença conceitual não é relevante. Dessa forma, adotaremos a expressão *sexo* para descrever essa variável¹⁹. Voltemos, então, às especificidades deste fator social.

É fato bastante conhecido que o sexo/gênero desempenha um importante papel na variação e na mudança linguística. Isso porque há um extenso número de trabalhos, na literatura sociolinguística, que comprova um comportamento linguístico diferenciado entre mulheres e homens, em diversas sociedades. Trudgill (1974), por exemplo, ao cruzar dados com a variável *sexo* em pesquisa realizada na cidade de Norwich, Inglaterra, obteve um resultado que, para ele, foi surpreendente. O autor atesta que as mulheres, em inúmeros casos, se autodefinem como usuárias das variantes prestigiadas sem realmente o serem, sem dúvida, porque gostariam de utilizá-las, ou pensam que deveriam fazê-lo.

Os estudos sociolinguísticos (MILROY, 1987; MILROY, 1992; GORDON, 1997; LABOV, 2001; CALVET, 2002; PAIVA, 2013; CHAMBERS, 2003; entre outros) mostram que as mulheres têm a tendência de usar mais as formas padrão da língua – evitando as estigmatizadas e não padrão – que os homens de mesma classe social e nas mesmas circunstâncias. As diferenças entre eles tendem a ser maiores na classe média baixa, no estilo de fala mais cuidado e nas faixas etárias mais avançadas. Entre os jovens, as diferenças são reduzidas ou até inexistentes.

Labov (2001) afirma que o efeito do gênero atua de diferentes maneiras, a depender do tipo de variação/mudança envolvida. No caso de variação estável de uma forma, ou seja, quando não está havendo mudança em curso, a expectativa é de que as mulheres apresentem um baixo uso da(s) variante(s) estigmatizada(s), diferenciando-se dos homens. Quando se trata de mudança com consciência social (*change from above*), as mulheres adotam mais a(s) variante(s) conservadora(s), de prestígio, que os homens. No caso de uma mudança sem consciência social (*change from below*), as mulheres tendem à liderança no processo de mudança, desde que a(s) variante(s) inovadora(s) não seja(m) estigmatizada(s). Ou seja, em qualquer situação de variação/mudança linguística, a mulher tenderá a rejeitar as formas estigmatizadas socialmente.

¹⁹ Para uma discussão mais aprofundada das questões acerca de sexo/gênero, bem como das causas biológicas e sociais alegadas para a diferença entre a linguagem de mulheres e homens, cf., por exemplo, Chambers (2003), capítulo 03.

O comportamento linguístico das mulheres pode ser resumido por meio do esquema abaixo, adaptado de Labov (2001, p. 367):

No caso de:	As mulheres são mais:	
Variáveis sociolinguísticas estáveis	Conservadoras	Em conformidade com o padrão
Mudanças com consciência social	Progressistas	Em conformidade com o padrão
Mudanças sem consciência social	Progressistas	Sem conformidade com o padrão

QUADRO 4 – COMPORTAMENTO FEMININO DIANTE DAS MUDANÇAS LINGUÍSTICAS

Fonte: Labov (2001, p. 367)

Diante desse duplo comportamento, o autor estipula o *Paradoxo do Gênero*, assim formulado inicialmente: “As mulheres se atêm mais do que os homens às normas sociolinguísticas que são explicitamente prescritas, mas são menos conformistas que os homens quando elas [as normas] não são [explicitamente prescritas].”²⁰ (LABOV, 2001, p. 293). O autor explica o comportamento linguístico feminino por meio de outro paradoxo, o da Conformidade: “as mulheres se desviam menos das normas linguísticas que os homens quando os desvios são explicitamente prescritos, mas mais que os homens quando os desvios não são prescritos”²¹ (LABOV, 2001, p. 367).

Por fim, segundo Paiva (2003, p. 41), “qualquer explicação acerca do efeito da variável *gênero/sexo* requer cautela, vistas as peculiaridades na organização social de cada comunidade linguística e as transformações sofridas por diversas sociedades no que se refere à definição dos papéis feminino e masculino”.

²⁰ Women conform more closely than men to sociolinguistic norms that are overtly prescribed, but conform less than men when they are not.

²¹ Women deviate less than men from linguistic norms when the deviations are overtly proscribed, but more than men when the deviations are not proscribed.

b) Escolaridade

Tradicionalmente, os estudos variacionistas internacionais e de vários pesquisadores brasileiros não levam em conta a variável *escolaridade*, optando por analisar a influência da *classe social* dos indivíduos sobre os fenômenos linguísticos variáveis. Portanto, nesta seção, somente abordaremos trabalhos de autores nacionais.

Falar de escolaridade implica a possibilidade de abordar este tema sob, pelo menos, três diferentes perspectivas, como:

- i) as consequências da escolarização no comportamento linguístico dos indivíduos;
- ii) a relação entre escola e norma padrão de uma língua;
- iii) a contribuição da Sociolinguística para o processo de ensino-aprendizagem de língua materna.

Nesta pesquisa, interessa-nos especialmente a primeira perspectiva, apesar de que não é possível deixar de lado a segunda. Assim, falar da variável *escolaridade* é falar da atuação da escola sobre os sujeitos que a frequentam, tentando erradicar-lhes as formas não padrão, consideradas pela gramática normativa como erradas. Por isso, a escolaridade exerce um papel muito importante no desempenho linguístico de um falante (TARALLO, 2005).

Quanto à apropriação da norma de prestígio pelos indivíduos, especificamente a norma padrão, Silva e Scherre (1996, *apud* MOLLICA, 2013, pág. 28) apontam três tendências observadas quanto ao efeito da escolarização para as formas padrão provenientes de estilos e gêneros mais formais:

- (i) podem ocorrer casos em que os falantes entram na escola oscilando entre um grande e um pequeno uso da variante padrão; a escola “poda” a criança que não se amolda ao sistema de ensino. [...] Nesses casos, trata-se de variantes estigmatizadas pela escola, que chegam a ser sistematicamente corrigidas;
- (ii) em outros casos, em que a maioria dos falantes entra na escola sem usar a variante padrão, esta é adquirida durante sua escolarização sem que desapareça, porém, a variante não padrão. Enquanto no primeiro ano escolar só há indivíduos que tendem a

usar a variante não padrão, nos últimos anos escolares há falantes que tendem a usar ambas as variantes. (...) Algumas variantes não padrão não chegam a ser estigmatizadas pela escola, não sendo objetos de correção;

- (iii) Finalmente, uma terceira modalidade ocorre quando os falantes entram na escola apenas com a variante que se considera não padrão, mas, paulatinamente, substituem essa variante pela considerada padrão.

Essas três tendências levam a certas distinções que atuam diretamente no comportamento linguístico de indivíduos escolarizados, como postula Votre (2013): as formas de prestígio social x formas relativamente neutras; fenômeno socialmente estigmatizado x fenômeno imune à estigmatização; e fenômenos que são objetos de ensino escolar x aqueles que escapam à atenção da escola. A partir daí o autor (2013, p.51) lembra a relação que existe entre essas distinções com três tipos de ensino:

- (i) prescritivo: está dividido entre as tarefas de aquisição das formas de prestígio e as tarefas de erradicação das formas sem prestígio, enfatizando as estigmatizadas;
- (ii) descritivo: naturaliza como boas as formas de prestígio e as descreve com detalhe e circunstância, apontando formas que devem ser evitadas, dependendo da situação de fala; e
- (iii) produtivo: supõe a aquisição de novos hábitos linguísticos, a incorporação de novos modos de dizer e escrever sempre com ênfase nos modos prestigiados de comunicação, contribuindo para que os aspectos não abordados pela disciplina gramatical sejam também incorporados.

Votre (2013) assinala que os ensinos prescritivo e descritivo interferem no domínio das formas de prestígio e no abandono parcial ou total das formas estigmatizadas da língua, ao passo que o ensino produtivo cumpre sua missão, quando o indivíduo busca identificar-se linguisticamente com os sujeitos dos grupos detentores de poder. Contudo, o autor (2013, p. 51) faz uma ressalva,

Para uma análise criteriosa dos efeitos, ou das correlações estabelecidas entre variação, continuidade e mudança linguística, de um lado, e a variável escolaridade, de outro, faz-se mister estabelecer algumas distinções no interior de categorias presentes na dinâmica social em que interage a escola.

Diante do exposto, vemos que uma maior escolarização favorecerá a aprendizagem da variedade padrão da língua, muitas vezes levando à substituição da variedade falada pelo aluno em casa e com seus pares. Assim, a variável escolaridade terá um papel de extrema relevância para a análise de nossos dados, quando tentamos analisar os traços de uma língua minoritária presentes na língua majoritária.

c) **Faixa etária**

A faixa etária é uma das variáveis extralinguísticas consideradas mais importantes no estudo de um fenômeno variável, pois existem diferenças marcantes entre a linguagem de idosos, adolescentes e crianças, em uma mesma região (cf. MONTEIRO, 2000; LABOV, 2001; CHAMBERS, 2003; e BORTONI-RICARDO, 2004, dentre muitos outros).

Segundo Labov (2001), para se proceder à divisão do *continuum* de idade de um indivíduo em fases, devemos levar em conta os diferentes estágios da vida em uma determinada sociedade. Nas palavras do autor (2001, p.101), essas fases são:

O alinhamento com o grupo de pares pré-adolescentes (8-9) [anos], a participação no grupo de pares pré-adolescentes (10-12), o envolvimento em relações heterossexuais e em grupo de adolescentes (13-16), a conclusão do ensino secundário e a orientação para o amplo mundo do trabalho e / ou faculdade (17-19), o início do emprego regular e da vida familiar (20-29), o engajamento completo na força de trabalho e nas responsabilidades familiares (30-59), aposentadoria (60 anos).²²

Labov (2001) nos alerta para o fato de que, em cada etapa da vida de um indivíduo, sua linguagem apresenta marcas resultantes do meio social em que vive: sua relação com os pais, com os amigos, suas aspirações profissionais e sociais, e suas responsabilidades como mãe/pai de família, até chegar à velhice e à aposentadoria. Em cada etapa, a linguagem vai sofrer pressões advindas de seu grupo de convívio.

²² The alignment to the pre-adolescent peer group (8-9) [anos], membership in the pre-adolescent peer group (10-12), involvement in heterosexual relations and the adolescent group (13-16), completion of secondary schooling and orientation to the wider world of work and/or college (17-19), the beginning of regular employment and family life (20-29), full engagement in the work force and family responsibilities (30-59), retirement (60s) (LABOV, 2001, p.101).

Para Chambers (2003), a linguagem utilizada pelos pais e círculos de amigos é o primeiro modelo de fala para as crianças. Já os adolescentes buscam uma identificação com os seus pares e, com isso, sua linguagem sofre mais influência do grupo que dos pais. Na fase adulta, a linguagem se molda de acordo com interesses afetivos e também às aspirações profissionais dos indivíduos, ou seja, estes tendem a adequar sua linguagem à variedade padrão da língua, se a profissão assim o requerer. É o que ele chama, tomando por base o conceito sociológico de “mercado linguístico”, de Bourdieu e Boltanski (1975), de “pressão do mercado” – pressões que certas profissões exercem sobre os indivíduos para que façam uso de formas padronizadas. O autor acentua ainda que essa pressão se faz presente em qualquer camada social. Por fim, ele aponta a fase dos mais velhos como cristalizada, isto é, não se verificam mudanças significativas em sua linguagem.

Ao descrevermos as características da linguagem em cada faixa etária, podemos perceber não somente a variação inerente à língua, mas também as mudanças linguísticas que, ao longo do tempo, vão acontecendo na vida da comunidade, como expusemos anteriormente.

Tendo sido expostos os principais fundamentos da Teoria da Variação e Mudança, passaremos agora para a segunda vertente da Sociolinguística que nos auxiliará em nossas análises: o Contato Linguístico.

4.1.2 Contato Linguístico

O estudo que ora realizamos trata das consequências fonético-fonológicas do contato do vêneto com o português numa comunidade rural do Espírito Santo. Para alcançarmos nossos objetivos, aspectos teóricos relacionados ao Contato Linguístico devem ser discutidos, para uma melhor compreensão desta pesquisa.

Os estudos de contato podem ser feitos sob duas perspectivas mais amplas: o nível individual – o bilinguismo e a produção bilíngue – e o nível social, ou seja, da comunidade. Apesar de que os aportes de trabalhos sobre o nível individual do contato também nos interessem, tendo em vista que temos, em nossa comunidade, indivíduos que tiveram como primeira língua o vêneto, o tema do bilinguismo é muito amplo e complexo, sendo-nos impossível abordá-lo satisfatoriamente, mesmo de forma resumida, neste estudo. Dessa forma, trataremos apenas do nível social do

contato, mas excluiremos, por não fazerem referência diretamente ao nosso tema, os fatores que levam um grupo a manter ou a substituir sua língua minoritária.

Iniciemos com o pensamento de Calvet (2002, p. 27), afirmando que “haveria, na superfície do globo terrestre, entre 6.000 a 7.000 línguas diferentes e cerca de 200 países. Um cálculo simples nos mostra que haveria teoricamente cerca de 30 línguas por país.” No entanto, segundo o autor, a realidade não se apresenta dessa forma tão sistemática, o que evidencia “que o mundo é plurilíngue em cada um dos seus pontos e que as comunidades linguísticas se margeiam e se superpõem continuamente.” (CALVET, 2002, p. 27).

Nessa perspectiva, Couto (2009, p.50), salienta que, nas sociedades, “a regra é o bilinguismo ou o multilinguismo, em que duas ou mais línguas convivem em um mesmo território.” O autor ressalta que a causa para essas ecologias complexas são as migrações dos povos, provocadas por vicissitudes posteriores ao momento de formação de cada língua.

Nas situações de contato linguístico, ocorre a interação entre membros de uma comunidade linguística com membros de outra. Segundo Sankoff (2001, p. 640), “o contato linguístico é sempre um produto histórico de forças sociais”. Sob essa visão sócio-histórica do contato entre diferentes comunidades linguísticas, o autor afirma que:

Historicamente, os contatos linguísticos ocorrem, em grande parte, sob condições de desigualdade social resultantes de guerras, conquistas, colonização, escravidão, e migração – forçadas ou não. Contatos naturais envolvendo urbanização e comércio como motivações de contato também são, significativamente, documentados, inclusive situações de relativa igualdade (entre as comunidades linguísticas). (SANKOFF, 1980 *apud* SANKOFF 2001, p. 641).

De modo geral, duas questões sociais geram o contato linguístico: conquista e imigração. Nas palavras de Couto (2009, p.49), “Basta pensar nas conquistas de um povo pelo outro, como no caso das Grandes Navegações, em que algumas línguas da Europa foram impostas aos quatro cantos da terra.” Nessas situações, geralmente, a comunidade linguística dominada sofre a imposição da língua do grupo político dominante. Assim sendo, é possível observar que a predominância ou a maior influência de uma língua sobre outra está diretamente relacionada ao poder político e econômico da comunidade linguística em questão.

Couto (2009) também aponta outras formas de contato linguístico, promovidas na contemporaneidade. Segundo ele, a partir do final do século XX até os dias de hoje, tem-se uma nova fonte de interação entre falantes de diferentes línguas: a globalização. A “interligação do mundo” permite uma enorme troca cultural e uma grande proximidade entre os países. Nessa perspectiva, Couto (2009, p.49) acredita que “o crescente processo de globalização que vivemos atualmente vem aumentando o contato de indivíduos e coletividades inteiras com outros povos e respectivas línguas.”.

Dessa forma, por meio da internet, de canais internacionais de televisão e pela maior facilidade de se fazerem viagens ao exterior, ocorre um crescimento significativo da interação entre falantes de diferentes línguas, promovendo, assim, o contato linguístico. No entanto, para Couto (2009), a base para esse contato é o deslocamento ou migração de indivíduos, grupos de indivíduos e até populações inteiras no espaço. Assim, ele aponta pelo menos quatro situações em que povos e línguas entram em contato.

A primeira situação, que está intimamente relacionada ao tema de nossa pesquisa, se dá quando um povo (ou parte dele) migra para o território de outro povo. Esse tipo de contato pode levar a diversos resultados, dependendo do poder político, econômico, militar ou de prestígio de cada língua em questão. Alguns exemplos são a formação de colônias ou ilhas linguísticas ou, a médio e longo prazo, a substituição da língua. Neste último caso, frequentemente ocorre o que se tem chamado de Lei das Três Gerações, ou seja, quando a primeira geração (já adulta) migra, aprende quando muito uma forma pidginizada da língua hospedeira. Os seus filhos normalmente aprendem as duas, tornando-se, portanto, bilíngues. Já os netos tendem a preferir a língua da nova terra, mantendo apenas um conhecimento passivo da língua de seus avós. Os bisnetos praticamente desconhecem a língua dos antepassados. No entanto, sabe-se que o resultado pode ser diferente, dependendo das condições do contato.

A segunda situação diz respeito à imigração de um povo *mais forte* que se desloca para o território de um povo *mais fraco*. Essa situação é representada basicamente por conquistadores, e o resultado é comumente a imposição de sua língua e de sua cultura.

Na terceira situação de contato, tanto o povo mais forte quanto o mais fraco migram para um terceiro território. Para Couto (2009, p. 53), “frequentemente esse território é uma ilha. Essa é uma

situação ideal para o surgimento de um pidgin e de um crioulo”. Neste ponto, cremos que cabe uma breve explicação do que seja pidgin e crioulo, por sua importância dentro dos estudos de línguas em contato.

O conceito de *pidgin*, segundo Couto (2009, p. 101) é problemático, já que não há consenso entre os autores sobre o que vem a ser ele²³. Entretanto, considera-se que o *pidgin* é uma variedade de língua que se caracteriza por uma redução significativa da estrutura gramatical, do léxico e da estilística das línguas doadoras, não sendo inteligível aos falantes de nenhuma delas. Segundo Trudgill, (1992, p. 58-9), Crystal (2000, p. 71; 201) e Couto (2009, p. 99-106), um pidgin não é língua nativa de ninguém, não tem comunidade própria e opera como língua franca em contatos entre estrangeiros que não se compreendem²⁴.

A definição de *crioulo* também é polêmica. Segundo Trudgill (1992, p. 21), trata-se de uma língua que sofreu dois processos: primeiramente, de pidginização; posteriormente, de expansão ou criouliização, como o resultado de ela tornar-se a língua falada por uma comunidade. Dubois et al. (2006) e Crystal (2000), por sua vez, concordam que o crioulo deriva de um pidgin a partir do momento que o mesmo se torna língua materna de uma comunidade de fala. Trask (2008) afirma que, quando os falantes de crioulo mantêm contato com a língua de prestígio que deu base à criouliização, o crioulo pode sofrer um significativo processo de descriouliização e, dessa forma, surgirem variedades de línguas mais próximas à língua de prestígio. Mas, de acordo com Couto (2009, p.106),

a teoria [a respeito dos crioulos] que tem mais seguidores nos dias atuais [...] é a de que, assim que o agrupamento heterogêneo de pessoas que se vêm juntas [...] começa a se consolidar como comunidade, começa a consolidar-se também uma língua mista própria, diferente de todas as línguas dos povos que intervieram em sua formação.

Segundo Couto (2009, p. 107), os crioulos apresentam uma gramática mais simplificada que as línguas a partir das quais se originou. Algumas de suas características são: 1) tendência à sílaba CV (consoante-vogal); 2) tendência à ordem SVO (sujeito-verbo-objeto); 3) tendência de as

²³ Para Couto (2009, p. 102), o melhor é falar em pidginização - um processo -, do que pidgin, que é o resultado desse processo.

²⁴ Para uma explanação mais ampla sobre pidgin e crioulo, cf., por exemplo, Couto (2009).

desinências verbais virem antes da raiz; 4) tendência à inexistência de cópula; 5) poucas preposições; etc. Enfim, os crioulos preferentemente apresentam formas não-marcadas.

Voltemos, então, às situações de contato linguístico, mencionadas por Couto (2009). A quarta situação de contato de línguas em relação ao espaço acontece quando membros de um território se desloca para o outro e vice-versa, numa situação temporária ou sazonal, para comercialização de mercadorias. Dessa interação, é possível o surgimento de um *pidgin*, ou cada um dos lados usa a própria língua, tentando-se a compreensão mútua, ou ainda pode ser usada uma língua de mais prestígio, como o inglês, por exemplo.

Ao se falar de contato linguístico, é importante levar-se em conta alguns fatores que podem influenciar os resultados das quatro situações acima mencionadas. Segundo Sankoff (2001), “os resultados de contatos linguísticos são determinados, em grande parte, pela história social das relações entre povos, incluindo-se fatores econômicos, políticos e demográficos”.²⁵ Assim, a (des)semelhança tipológica entre as línguas, a quantidade de pessoas que se deslocam, o tempo de permanência no novo território, a intensidade presente nas relações das distintas comunidades linguísticas, o poder das línguas e das nações envolvidas e a resistência cultural do povo minoritário, dentre vários outros, são fatores que promovem a manutenção ou a substituição da língua minoritária.

Além do que foi exposto, é importante destacar também que Weinreich (1970) condena estudos puramente linguísticos sobre contato de línguas, afirmando ser necessário enveredar pelo bilinguismo e por outros fenômenos a este relacionados, além de enfatizar a importância da investigação prática, pautada no falante e em usos concretos de língua, em detrimento de meras teorizações. No dizer de Weinreich (1970, p. 04):

Estudos puramente linguísticos do contato de línguas devem ser coordenados com estudos extralinguísticos do bilinguismo e de fenômenos relacionados ao mesmo (...) o linguista que teoriza sobre a influência da língua, mas negligencia a explicação do contexto sociocultural do contato linguístico deixa o seu estudo suspenso, como se estivesse no ar.²⁶

²⁵ “The linguistic outcomes of language contact are determined in large part by the history of social relations among populations, including economic, political and demographic factors.” Sankoff (2001, p.640).

²⁶ “Purely linguistic studies of languages in contact “must be coordinated with extra-linguistic studies on bilingualism and related phenomena (...) the linguist who makes theories about language influence but neglects to account for the

Tratar dos aspectos linguísticos e sociais do contato linguístico é de extrema relevância para nossa pesquisa, tendo em vista que encontramos variados tipos de interferência do vêneto no português falado por nossos informantes e que observamos que fatores de ordem social influenciam a manutenção e/ou a substituição desses traços da língua minoritária.

No capítulo seguinte, apresentamos os estudos fonético-fonológicos concernentes ao tema deste trabalho.

socio-cultural setting of the language contact leaves his study suspended, as it were in mid-air” (WEINREICH, 1970, p.04).

5 FONÉTICA E FONOLOGIA

“O fazer-se e desfazer-se de sequências vocálicas do português é um fenômeno complexo, diversificado e variável que acompanha sua história desde as origens” (SILVA, 2001)

Para melhor compreender o fenômeno linguístico aqui investigado, abordaremos, neste capítulo, os aspectos teóricos referentes aos ditongos em português, a fim de analisarmos o uso, por nossos informantes, da variante [ẽũ], própria do português, e das variantes [õ] ~ [õũ], que ocorrem por influência do sistema fonológico vêneto.

5.1 Os ditongos orais

De acordo com Pereira (1935), no latim vulgar²⁷ havia apenas três ditongos: <ae>, <oe> e <au>²⁸. A partir do primeiro século da Era Cristã, o ditongo <ae> reduziu-se a <é>; <oe> a <ê>; e <au> a <ou>, como em *Caesar* > Cesar; *poena* > pena; e *aurus* > ouro, respectivamente. Vale ressaltar que o ditongo <au>, em alguns casos, ficou reduzido a <o>: *pauperum* > pobre; ou ainda a <a>: *augustum* > agosto.

Ainda segundo Pereira (1935, p.72), “contrariamente ao gênio da língua-mãe, o português multiplicou o número dos seus ditongos no decurso de sua evolução”. O autor aponta quatro processos que atuaram nessa criação:

- a) Hipértese (ou atração da sílaba seguinte): *januariun* > *januairo* > *janeiro*;
- b) Síncope da consoante intervocálica: *amavi* > *amai* > *amei*;
- c) Intercalação de vogal eufônica para suavizar o hiato: *telam* > *tea* > *teia*;

²⁷ Agradecemos à Profa. Dra. Leni Ribeiro Leite pelas informações adicionais a respeito das diferenças entre o latim clássico e o latim vulgar.

²⁸ Coutinho (1976) inclui mais um - <eu> -, o qual era raro.

- d) Vocalização da primeira consoante dos grupos <ct>, <cs> <ks> (= x), <lt>, <bs>: *doctrinam > doutrina, sex [ks] > seis; laxare/lacsare > laixar > leixar > deixar; multum > muito; absentem > ausente.*

Quednau (2013, p.99) apresenta o seguinte quadro-resumo sobre a formação de ditongos em português:

Ditongo	a) síncope	b) vocalização	c) metátese	d) epêntese
AU	malu > mau	absentia > ausência	-	-
EI	lege > lei	conceptu > conceito	primariu > primeiro	area (> arena) >areia
AI	vadi(t) > vai	-	-	-
OU	-	auteru > outro	-	-
OI	-	falce > foice	-	-

QUADRO 5 - CAUSAS DA FORMAÇÃO DE DITONGOS EM PORTUGUÊS, POR DITONGO

Fonte: Quednau (2013, p.99)

Isso posto, temos que o ditongo é constituído por uma vogal mais uma vogal assilábica – ou semivogal ou glide. Segundo Crystal (2000, p. 87):

“Os ditongos são geralmente classificados em termos fonéticos, dependendo do elemento mais acentuado: “decrecente”, quando o primeiro elemento é destacado (*pai, mãe*); ou “crescente”, quando o segundo elemento é acentuado, como em *glória, água*”.

Os pesquisadores tradicionalmente classificam os ditongos como verdadeiros e falsos. Câmara Jr. (1969, p.54) afirma que os decrecentes são os verdadeiros ditongos, já que, para ele, os ditongos crescentes variam livremente com o hiato (su.a.dor/sua.dor). Callou e Leite (2009, p. 93) concordam com a colocação de Câmara Jr.: para as autoras, os ditongos verdadeiros são os decrecentes, como em ‘lei’ e ‘quase’, por exemplo. Por sua vez, os ditongos falsos são aqueles

que podem surgir em fronteiras silábicas pelo encontro de uma vogal [+ alta] com uma vogal [- alta]: ['lu_wa] e ['glori_ya]. Neste caso, segundo as autoras, a vogal assilábica é previsível, uma vez que o [y] ocorrerá depois de vogal anterior e o [w] depois de vogal posterior.

Para Bisol (1999), nos ditongos decrescentes, a vogal de maior sonoridade passa a núcleo, devido ao Princípio de Sonoridade Sequencial (ou de Sequenciação de Sonoridade), e a vogal de menor sonoridade passa a *glide* devido ao princípio de que vogais altas, na posição de coda silábica, passam a *glide*. Com respeito aos ditongos crescentes, a sequência das duas vogais se mantém até o final do nível lexical, e é no pós-léxico que a vogal alta pode ou não tornar-se *glide*. Por isso, ditongos crescentes oscilam livremente com hiatos.

Bisol (1999) classifica os ditongos decrescentes em dois tipos: verdadeiros e falsos. Estes, também chamados de *ditongos leves*, são ligados a um elemento V, ao passo que aqueles, chamados igualmente de *pesados*, são ligados a dois elementos V, conforme a figura abaixo, extraída de Margotti (2004, p. 142).

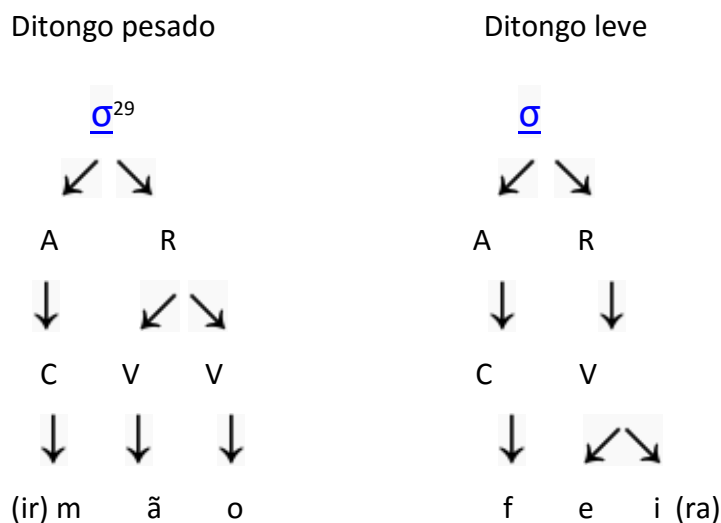


FIGURA 1: DITONGOS LEVES E PESADOS

Fonte: Margotti (2004, p. 142)

²⁹ O símbolo σ representa a sílaba. Esta é composta por Ataque (A) e Rima (R), a qual se divide em Núcleo (Nu) e Coda (Co). Apenas o Núcleo deve ser, obrigatoriamente, preenchido.

A distinção entre ditongos leves e pesados no português, proposta por Bisol (1999), reforça a ideia de que as semivogais figuram no centro da sílaba. O ditongo pesado é interpretado como uma sequência polifonemática, uma vez que cada segmento silábico se encontra associado a uma unidade de tempo própria, ou seja, ocupam duas posições na rima e oscilam com vogais simples, formando pares mínimos, o que não ocorre com os ditongos leves. Estes até oscilam com vogais simples, mas não formam pares mínimos. Tal argumento é usado por Bisol (1999) para defender a legitimidade dos ditongos pesados. De acordo com a autora, os ditongos leves são interpretados como uma sequência monofonemática, já que os segmentos silábicos adjacentes compartilham com eles a mesma unidade de tempo. A autora acrescenta que os ditongos decrescentes que passam a monotongos são analisados como ditongos leves e tendem a ser perdidos, enquanto que os ditongos pesados tendem a ser preservados.

No entanto, há um tipo de ditongo crescente que não se alterna com hiato, ocorrendo sempre antecedido das consoantes velares /k/ ou /g/, ocorrendo /kw/ ou /gw/, como em *qual*, *igual*. Callou e Leite (2009) dão duas explicações para o fenômeno: a primeira é que tais ditongos estão lexicalizados, isto é, o ditongo crescente já estaria na representação subjacente, em função de que é pequeno o número de formas a serem listadas no léxico profundo; e a segunda é que, nesses casos, *kw* e *gw* são consoantes complexas - /kw/ e /gw/³⁰ -, o que, mais uma vez, ocasionaria a formação do ditongo no pós-léxico.³¹

Tendo-se exposto alguns conceitos a respeito dos ditongos orais, passemos agora para os ditongos nasais. Antes, porém, é necessário refletirmos acerca das vogais nasais.

5.1.2 As vogais e os ditongos nasais

Iniciando esta Seção, abordaremos um dos pontos mais controversos da fonologia portuguesa: a nasalização das vogais. Segundo Medeiros e Demolin (2006), com base em estudos de imagens

³⁰ As autoras representam as consoantes complexas por (/kw/ e /gw/), razão pela qual as referenciamos dessa maneira.

³¹ Segundo Bisol (1999), a formação do ditongo crescente é um processo pós-lexical. Na representação subjacente, temos uma sequência de vogais, em que a primeira é uma vogal alta. Essa estrutura assim se mantém até o fim do nível lexical. No pós-léxico, a vogal alta pode tornar-se um glide e associar-se ao ataque da sílaba, dando origem ao ditongo crescente.

por ressonância magnética (MRI), a nasalidade é uma consequência do movimento articulatorio do véu palatino que se abaixa e possibilita que o ar passe pela cavidade nasal, criando assim dois tubos acoplados: um de ressonâncias nasais e outro de ressonâncias orais. Os autores consideram como vogais nasais do Português do Brasil as do ditongo com [ẽũ] de *coração*, as de monossílabos como *lã/rã* e *fim/com* e as de formas verbais como *falam*, em que encontramos ditongo nasal em sílaba átona. De acordo com Medeiros (2007, p.165),

Descrições e interpretações fonéticas e fonológicas do segmento vocálico nasal em português tem se filiado, na linguística brasileira e mesmo na portuguesa, ao estruturalismo de Mattoso Câmara Jr., para quem o caráter nasal da vogal se deve ao segmento consonântico nasal que a segue e o que o autor chama de arquifonema nasal.

Contudo, a autora entende que esse fenômeno consonântico, por ela chamado de “murmúrio da vogal nasal” “ou murmúrio nasal”, não é apenas um gesto remanescente do qual a vogal assimila a nasalidade, já que, muitas vezes, é facilmente visualizado no espectograma. Assim, Medeiros (2007) aponta-nos duas interpretações: a) a de que a vogal teria assimilado totalmente a consoante nasal, tornando-se nasalizada e representada, no nível fonético, como apenas um segmento; e b) a de uma consoante seguinte à vogal nasalizada, ou seja, atribuindo-se de fato dois segmentos distintos na realização da vogal nasal – hipótese bifonêmica de Mattoso Câmara Jr.

Sobre a segunda interpretação, no nível fonológico, Câmara Jr. (1969) afirma que a nasalidade pura da vogal não existe no português. Assim, para ele, “é preferível partir do arquifonema nasal /N/ como o fato estrutural básico, que acarreta, como traço acompanhante, a ressonância nasal da vogal” (CÂMARA Jr., 1992, 59). Ou seja, a nasalidade é entendida pelo autor como um arquifonema nasal – vogal mais elemento nasal na mesma sílaba, como nos vocábulos /kaNpo/, /seNda/, /leNda/. Noutras palavras, teríamos em nossa língua, um tipo de sílaba travada por um elemento nasal – o arquifonema /N/. Desse modo, para Câmara Jr., além da sílaba travada por /l/, /R/ e /S/, há em português um quarto tipo, uma vogal travada por um elemento nasal – a vogal nasal.

Em favor de sua interpretação fonológica sobre as vogais nasais, ele apresenta alguns argumentos que podem ser reexaminados. São eles:

- (i) não há a realização da crase quando a vogal nasal vem seguida por palavra iniciada por vogal, por exemplo: ‘lã azul’, ‘jovem amigo’, etc.;

- (ii) depois de vogal nasal, só se realiza um /r/ forte, e nunca o /r/ brando, próprio da posição intervocálica, como em ‘genro’, ‘honra’;³²
- (iii) inexistente a vogal nasal em hiato, apontando os casos em que a nasalidade que envolve a vogal desaparece, como em ‘boa’ (face a ‘bom’) ou quando o elemento consonântico nasal se desloca para a sílaba seguinte, como em ‘valentona’ (face a ‘valentão’).³³

Tendo por base as postulações da corrente estruturalista, Moraes e Wetzels (1992) mostram como são vistos os segmentos vocálicos nasais do português:

- (i) uma vogal nasal propriamente dita (STEN, 1944; LÜDKE, 1953; STREVENS, 1954; HAMMARSTRÖM, 1962; HEAD, 1965; MATA MACHADO, 1981).
- (ii) uma vogal oral seguida de consoante nasal (TRAGER, 1943; REED e LEITE, 1947; LEMLE, 1965).
- (iii) Uma vogal oral seguida de arquifonema nasal (CÂMARA Jr., 1953, 1970; MORAIS BARBOSA, 1962, 1965; CAGLIARI, 1977).
- (iv) Um fenômeno suprasegmental, um fonema não-linear, que, da mesma forma que o acento, poderia afetar os fonemas silábicos (HALL, 1943)³⁴.

Ainda em relação às vogais nasais, é importante ressaltar a diferença existente entre as vogais nasais e as vogais nasalizadas, as quais são determinadas pela assimilação à consoante nasal da sílaba seguinte. Nesse sentido, vale assinalar, pois, que uma nasalidade como *cinto* oposto a *cito*, não deve ser confundida com a pronúncia levemente nasalizada da primeira vogal de *ano*. No primeiro caso, a emissão nasal da vogal é fonológica, isto é, tem valor distintivo; no caso de *ano*, temos uma vogal nasalizada, em que a emissão nasal não gera contrastes de sentido; assim sendo, não é fonológica.

³² Vale ressaltar que, em posição intervocálica, o *r* forte também ocorre. Por exemplo, *era* vs *erra*.

³³ Assinalamos aqui o seguinte exemplo: “bom amigo”. Mas não adentraremos nessa questão, uma vez que não é esse o nosso foco de nossa pesquisa.

³⁴ Hall (*apud* Moraes e Wetzels, 1992) considera a vogal nasal um alofone do fonema oral correspondente, ao qual se sobrepõe a nasalidade.

Medeiros (2011) afirma que a distinção entre as vogais nasais e as nasalizadas está na obrigatoriedade da nasalização. Segundo ela, a diferença entre as palavras *cano* – nasal – e *caneta* – nasalizada – reside apenas no fato de que na segunda, a nasalização não é obrigatória.

O exposto nos parágrafos anteriores comprova o quanto o fenômeno da nasalidade é complexo. Nas palavras de Medeiros (2007, p.166),

Entendemos o fenômeno de nasalidade vocálica em português como um fenômeno complexo, por isso difícil de ser explicado. Assim, tanto do ponto de vista da fonética, como da fonologia, muitas questões permanecem sem solução.

Tendo sido expostas algumas reflexões a respeito da nasalização, passemos agora para o ditongo nasal. Quanto à formação do ditongo tônico nasal *-ão*, Coutinho (1976, p. 108) afirma: “As palavras terminadas em latim em *-anu*, *-ane*, *-one*, passaram ao português respectivamente com a terminação *-ão*, *-ã*, ou *-am* e *-om*, conforme o atesta a língua arcaica”.

Na concepção de Silva (2001, p.74), a origem dos ditongos nasais está na queda de *-n*-intervocálico, como podemos verificar nas formas: *mão*, *mãos* [ãũ] (lat. *manu-*, *manos*), *corações* [õĩ], (lat. *corationes*), *cães* [ãĩ] (lat. *canes*). A autora afirma que essa ditongação, historicamente, é precedida pelo hiato, que se desfaz pela semivocalização da vogal que será a margem do ditongo. Pode-se assim dizer que, já no português arcaico, havia os ditongos nasais [ãũ], [õĩ] e [ãĩ]. Acresce também que, nesse período, começa a processar-se a ditongação das vogais nasais /õ/ e /ã/, em posição final de nomes e verbos. Essa ditongação leva à convergência na direção do ditongo [ãũ], conforme os exemplos de Silva (2001, p. 74):

Latim	Português Arcaico	Séc. XVI
coratione	coraçon [õ]	coração [ãũ]
cane	can [ã]	cão [ãũ]
amant	aman [ã]	amam [ãũ]
ama(ve)runt	amaron [õ]	amaram [ãũ]

QUADRO 6 – FORMAÇÃO DO DITONGO -ÃO

Fonte: Silva (2001, p. 74)

Segundo Silva (2001), no século XVI, a realização da variante [ãũ] era tida como de prestígio, enquanto a realização [õũ] é até hoje marcada como popular, arcaizante e regional.

Torna-se oportuno assinalar também os casos de contração de uma vogal nasal e de uma vogal oral em ditongo nasal – tão característicos do português. “As sequências atingidas por essa contração são: ã-o, ã-e e õ-e. Elas vão produzir ditongos nasais ão, ãe, õe, pronunciados respectivamente [ãw], [ãy] e [õy] — ex.: ma-o > mão, câ-es (plural de can) > cões, leõ-es (plural de leon) > leões” (TEYSSIER, 1982, p. 38). Dessa forma, após a redução dos hiatos nas condições que acabamos de descrever, processou-se uma unificação das formas do singular, enquanto os plurais permaneciam como antes.

Nesse contexto, Silva (2001, p.75) confirma que “o ditongo [ãũ], entre as línguas românicas, é típico do português.” Assim sendo, não há regras fonéticas estabelecidas, pelo estudo comparado das línguas românicas, para explicar a ditongação de [õ], [ã] em [ãũ]. Alguns estudiosos seguem a teoria de mudança analógica, com base em [ãũ] proveniente de /-anu/, considerado como mais frequente; e outros recusam essa analogia e propõem uma mudança fônica de *-one*, *-unt*, *-ane*, *-ant* para [ãũ], em que o travamento consonântico nasal favoreceu o desenvolvimento de uma semivogal, ditongando-se assim a vogal nasal final. Contudo, não fica explicado nessas propostas como as sequências com base *o* (*-one*, *-unt*) passam a ter base *a*.

Os ditongos nasais em português também são discutidos por Wetzels (2000, p.26), que elenca um número limitado de ditongos. Para exemplificar, o autor nos fornece, no quadro abaixo, uma visão geral dos ditongos nasais derivados e não-derivados:

Não derivados	[ãw] <i>canhão</i> [ãj] <i>mãe</i> [ũj] <i>muito</i>
Derivados por flexão	[ãw] <i>falam</i> compare <i>falar</i> [ãj] <i>cães</i> compare <i>cão</i> [õj] <i>põe</i> compare <i>pôr</i> <i>canhões</i> compare <i>canhão</i> [ẽj] <i>falem</i> compare <i>falar</i>
Derivado por regra fonológica	[ẽj] também

QUADRO 7 - DITONGOS NASAIS DERIVADOS E NÃO-DERIVADOS.

Fonte: Wetzel (2000, p.26)

O autor ressalta que os casos de ditongos nasais no interior de palavras são raros, quando se trata de palavras não derivadas; a palavra *muíto* é o exemplo mais frequente. Por outro lado, os ditongos nasais no interior de palavras derivadas são frequentes, como em *mãozada* [ãw], *coraçõezinhos* [õj] e *cãezinhos* [ãj] (WETZELS, 2000).

Por fim, cabe-nos ressaltar que, conforme a análise de Votre (1978), o ditongo nasal, quando se encontra em sílaba tônica final, nunca sofre redução. A sílaba átona, por sua vez, é uma espécie de condição para a redução do ditongo. E, quanto ao número de sílabas, observou que, nas palavras monossílabas, a manutenção da nasal foi maior do que palavras com duas ou mais sílabas. Votre (1978) conclui que, quanto mais sílabas tiver o vocábulo, mais propenso estará à simplificação. Diante das considerações até aqui apresentadas, cabe-nos perguntar como se dá o sistema fonológico do vêneto, com respeito às vogais e aos ditongos.

5.1.3 Vogais e semivogais do vêneto

Frosi e Mioranza (1983), baseando-se nas postulações principalmente de Zamboni (1974)³⁵ e Trumper (1977)³⁶, apontam os aspectos fonológicos referentes às vogais, às semivogais e às consoantes das variedades vênetas – o trevisano-feltrino-belunês, o paduano-vicentino-polesano, o veronês e o trentino oriental. Todavia, iremos ater-nos às vogais e semivogais, conforme mostra o quadro a seguir, elaborado com base nas colocações de Frosi e Mioranza (1983, p.90-91).

³⁵ ZAMBONI, A. **Vêneto**; profilo dei Dialetti Italiani. Pisa: Ed. Pisa, 1974.

³⁶ TRUMPER, J. Ricostruzione nell'Italia Settentrionale; sistemi consonantici – considerazioni sociolinguistiche nella diacronia. **Problemi della ricostruzione in Linguistica**. Roma:, Bulzoni, 1977.

VOGAIS	Em posição tônica são compostas de sete fonemas distintos.	i, e̞, e̝, a, o̞, o̝, u
	Em posição não final da palavra, reduzem-se a cinco.	i, e̞, a, o̞, u
	Em posição átona, final de palavra, reduzem-se a quatro.	i, e̞, a, o
	As átonas finais sofrem redução na variedade paduano-vicentino- polesano, depois da nasal <i>n</i> .	e, o
SEMIVOGAIS	São características de todos as variedades vênetas.	ĩ, ũ
	Realizada na variedade paduano-vicentino- polesano.	E
	Ditongo comum a todas as variedades, à exceção do veronês.	ie

QUADRO 8 – VOGAIS E SEMIVOGAIS DO VÊNETO³⁷

Fonte: Frozi e Mioranza (1983, p. 90-91, adaptado).

Os autores citam também a metafonia de *e̞* e *o̞*, por influência de *i* seguinte, morfema de plural, que resulta na passagem de $e̞ > i$ e $o̞ > u$. Tal ocorrência é verificada quase que exclusivamente na variedade paduano-vicentino-polesana.

Do ponto de vista diacrônico, o ditongo latino *aɯ* apresenta, na sua passagem para o vêneto, duas realizações diferentes: quando em posição tônica, sofre geralmente um processo de monotongação ($aɯ > o$); quando em posição átona, monotonga-se ou conserva a forma latina. Isso explica a diminuta ocorrência desse ditongo nos dialetos italianos (FROSI e MIORANZA, 1983). Desse modo, pode-se dizer que a interferência fônica do vêneto no português parece ter origem no fato

³⁷ Para melhor entendimento dos fonemas vocálicos do vêneto, elencamos alguns exemplos apontados por FROSI e Mioranza (1983): *april*/abril, *verō*/verão, *speta*/ espeta, *braza*/brasa, *soto*/manco, *poso*/ posso, *uno*/um, e as semivogais *ĩ* e *ũ*, *maio*/maio e *quatrosento*/ quatrocentos.

de que o ditongo [ãu], existente no sistema de sons da língua portuguesa, inexistente nas variedades linguísticas italianas. O que ocorre, explicam os autores, é que o falante desconsidera a diferença entre ditongo e vogal simples, mas aplica a regra quanto à qualidade vocálica, isto é, à nasalização.

Nesse sentido, observa-se que a evolução que se processou do latim vulgar para o sistema vêneto e para o português deu-se de formas distintas: *one* > ãu para este; e *one* > õ(n) para aquele. Por isso, segundo os autores, o problema da interferência estaria no processo da percepção dos fonemas e se estenderia à sua articulação.

Vale salientar ainda que, no vêneto, segundo Frosi e Mioranza (1983), a lista de nomes terminados por *ã(n)* ou por *ã(no)* é pequena, ao passo que os nomes terminados por *õ(n)* são mais frequentes, e, conseqüentemente, sua lista é muito extensa.

No entanto, há outra importante particularidade que deve ser observada:

Há, contudo, outra particularidade de maior importância para a descrição e explicação da referida interferência fônica. O problema situa-se fundamentalmente numa estrutura específica do sistema dialetal italiano, originária do latim vulgar. Trata-se, em perspectiva diacrônica, dos nomes que, no latim vulgar, se caracterizavam por uma estrutura com final *-one*. (FROSI; MIORANZA, 1983, p.335-6)

Por fim, concluímos este capítulo afirmando que o fato de o sistema fonológico vêneto não apresentar ditongo –ão faz com que os descendentes de imigrantes italianos o produzam com interferência de sua língua ancestral. Em outras palavras, o ditongo nasal tônico *-ão*, pertencente ao sistema da língua portuguesa, realiza-se, por vezes, como [õ] ou [õw] na fala de descendentes ítalo-brasileiros, como resultado de uma situação de contato.

Tendo sido expostos os pressupostos teóricos que consideramos fundamentais para a compreensão dos resultados encontrados, partiremos, então, para o detalhamento dos procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

“O locutor é quem traça seu caminho paradigmático, a partir do contexto imediato da situação ou, mais amplamente, da cultura em que se encontra inserido.” (PAVEAU e SARFATI, 2006)

Neste Capítulo, apresentaremos os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa. Na seção 6.1, será descrita a comunidade de Santa Maria de Ibitiruí. Em seguida, daremos as características de nossos informantes, explanando como foi feita a sua seleção (seção 6.2). Em seguida, relataremos como se deu a coleta de dados (seção 6.3). Na seção 6.4 e em suas subseções, descreveremos as variáveis pesquisadas. Iniciemos com a comunidade de Santa Maria do Engano.

6.1 A comunidade pesquisada

Antes de explicitarmos os aspectos geográficos e sócio-históricos de Alfredo Chaves e, especificamente, de Santa Maria do Engano, faz-se necessário refletir acerca do que Labov (2008, p. 150) considerou *comunidade de fala*: “a comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas”. Em outras palavras, uma comunidade de fala é aquela que comparte regras de uso e atitudes sociais perante uma língua, mantendo uma série de avaliações sobre a linguagem ali utilizada. Assim, o linguista opta por considerar uniformes as atitudes dos falantes quanto à língua que utilizam, para definir as fronteiras de sua comunidade de pesquisa.

Neste estudo, a comunidade escolhida foi Santa Maria do Engano, localizada na zona rural do município de Alfredo Chaves. Essa escolha deu-se por ela apresentar as características ideais para a preservação de uma língua de imigração, uma vez que:

- a. manteve-se isolada geograficamente por muitos anos. Ainda hoje, conta apenas com estrada de terra, dificultando o acesso ao local, e seus moradores se deslocam para fora da

- comunidade esporadicamente, para ir a médicos, fazer serviços bancários, ir às compras ou visitar parentes. Dessa forma, há pouco contato com pessoas de outras localidades, principalmente de não ítalo-descendentes, propiciando a preservação da cultura, dos costumes e também das influências fonético-fonológicas da língua ancestral no português;
- b. sua população é formada majoritariamente por descendentes de imigrantes italianos. Portanto, a união matrimonial acontece, normalmente, entre os moradores do próprio distrito. Além disso, conforme relata Azzi (1987, p. 47), os filhos que se casam não vivem mais debaixo do mesmo teto, mas no segundo andar ou numa casa construída a poucos metros da casa paterna³⁸. Alguns deles continuam trabalhando na propriedade do pai e sob sua administração;
 - c. trata-se de um local onde encontramos um leque reduzido de profissionais, ou seja, de pessoas que passaram alguns anos fora da comunidade para sua formação. Assim, além de agente de saúde, professor e motorista, a maioria – incluem-se aqui mulheres e crianças – trabalha na lavoura.

Nossa escolha por essa comunidade também deveu-se ao fato de ser ela o local onde vivemos a maior parte de nossa vida, tendo familiares, parentes e muitos amigos ali. Além disso, atuamos como professora na comunidade por doze anos. Esse contexto permitiu que a coleta de dados fosse feita rápida e eficazmente.

Antes, porém, de descrevermos Santa Maria do Engano, apresentaremos o município de Alfredo Chaves e, em seguida, o distrito de Ibitiruí, para que possamos entender o contexto geográfico, histórico e social em que a comunidade pesquisada está inserida.

Alfredo Chaves foi criado por decreto do Executivo Estadual em 24 de janeiro de 1891 e recebeu esse nome em homenagem a Alfredo Fernandes Rodrigues Chaves, Ministro da Colonização à época do Império. No mapa a seguir, podemos observar a localização do município.

³⁸ Na comunidade de Santa Maria do Engano, observamos que a situação descrita acontece com os filhos do sexo masculino, enquanto as filhas acompanham seus respectivos maridos.



MAPA 3 - LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ALFREDO CHAVES

Fonte: [pt.wikipedia.org/wiki/Alfredo_Chaves_\(Espírito_Santo\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfredo_Chaves_(Espírito_Santo))

O município dista 81 km da capital, ocupa uma área de 615.593 km² e sua altitude varia de 16 a 1.800 metros. Os principais acessos se dão pelas rodovias BR 101 e BR 262, mas também é cortado pela Ferrovia Centro-Atlântica (FCA). Limita-se ao norte com Marechal Floriano e Domingos Martins; ao sul, com Iconha e Rio Novo do Sul; a leste, com Anchieta e Guarapari; e a oeste, com Vargem Alta, todos eles colonizados por imigrantes europeus. O município está constituído de sua Sede e mais seis distritos: Sagrada Família, São João, Ribeirão do Cristo, São Bento de Urânia, Matilde e Ibitiruí.³⁹

³⁹ In: www.alfredochaves.es.gov.br. Acesso em 03 ago. 2014.

Sua população, em 2010, era de 13.955 habitantes, sendo 7.410 habitantes (53,1%) na zona rural e 6.545 (46,9%) na zona urbana (IBGE, 2010)⁴⁰. O município, apesar de pequeno, conta com 5 agências bancárias, três postos de combustíveis, vários supermercados, um posto de Pronto Atendimento, alguns consultórios odontológicos, uma transportadora, uma biblioteca municipal, uma hidrelétrica (PCH São Joaquim), uma agência de correios, um posto da Polícia Militar, restaurantes, lanchonetes e açougues, dentre outros estabelecimentos comerciais. Há 37 escolas municipais (entre pré-escolas, escolas unidocentes e de Ensino Fundamental completo), a Escola Agrícola de Ensino Fundamental e Médio MEPES (Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo) – Ong que recebe recursos da Prefeitura Municipal e do Governo do Estado –, e a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Camila Mota.

A economia do município baseia-se na agricultura - café e banana - e na criação de gado leiteiro. Conforme dados da Cooperativa de Laticínios de Alfredo Chaves (CLAC)⁴¹, localizada na Sede do município, 95% da produção mensal do leite é destinada à Cooperativa, para a industrialização e produção de queijos, manteiga, iogurte e requeijão. O município é o maior produtor de inhame do estado, destacando-se entre os maiores produtores do tubérculo no país. Há ainda outras atividades econômicas, tais como a industrialização de produtos caseiros – biscoitos, pães, bolos –, a fruticultura, a olericultura e o turismo, que está em ascensão, em virtude do rico potencial de atrativos naturais, como as montanhas e as cachoeiras.⁴²

Em meio a esses dados socioeconômicos, devemos lembrar também que há algumas representações culturais que mantêm viva a colonização pelos imigrantes. Dentre elas, as mais representativas são as festas religiosas referentes à igreja católica e a Festitália, organizada todos os anos pela AVÊNETA (Associação Vêneta de Alfredo Chaves) e que conta com apresentações do *Coral della Mamma* e do grupo cantante *Gioco de Mora*. E, com o sucesso da bananicultura e da pecuária leiteira na região, realiza-se todos os anos, no final do mês de julho, a maior e mais tradicional Festa da Banana e do Leite do estado.

Tendo-se informado sucintamente as principais características do município de Alfredo Chaves, passaremos, a partir de agora, a descrever o Distrito de Ibitiruí, onde está a comunidade pesquisada.

⁴⁰ <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=32&dados=29>. Acesso em 05 ago. 2014.

⁴¹ <http://clacnet.coop.br>. Acesso em 05 ago. 2014.

⁴² www.alfredochaves.es.gov.br. Acesso em 05 ago. 2014.

Esse Distrito conta com um pequeno centro urbano, onde há dois mini supermercados, uma loja de roupas, um cartório de registro civil e tabelionato, dois salões de beleza, uma estação ferroviária, duas igrejas – uma católica e uma evangélica (Assembleia de Deus) –, uma distribuidora de bebidas e um posto de saúde, que, semanalmente, atende à população com serviços médicos e odontológicos. Os moradores dispõem de telefonia fixa e internet, além de escola, mas apenas de ensino fundamental; portanto, os jovens que querem prosseguir seus estudos precisam se deslocar até a Sede ou aos Distritos de São João e de Matilde, ou ainda a outro município. A única via de acesso a Ibitiruí é de terra batida, o que, às vezes, dificulta a chegada ao lugar, principalmente nos dias chuvosos. A seguir, então, descreveremos a comunidade estudada.

Santa Maria de Engano é uma das 50 comunidades de Alfredo Chaves e nela vivem aproximadamente 300 habitantes, em pequenas propriedades e/ou sítios. A região se situa a 530 metros acima do nível do mar, com um relevo bastante montanhoso e com um clima agradável durante todo o ano.

Sua economia também se baseia no cultivo do café e da banana - que são comercializados na própria região - e na criação de gado leiteiro. O leite que aí se produz é vendido para a CLAC e/ou se destina à fabricação de queijo para consumo familiar ou, em alguns casos, para o comércio.

A educação básica é provida por escolas dos distritos vizinhos e, quanto ao ensino superior, na maioria dos casos, os jovens não se mudam para estudar: fazem seus cursos em cidades próximas, usufruindo de transporte oferecido pela Prefeitura, ou mesmo participando de cursos a distância.

Os moradores frequentam a única igreja – católica – do local, que é o ponto de encontro dos moradores todos os domingos, quando, após a celebração religiosa, realizam o jogo de mora e o jogo de bocha. O fato de todos os moradores serem católicos e devotos dos santos confirma mais um costume trazido dos ancestrais, conforme afirma Azzi (1987,p.31). A igreja é hoje a única instituição da comunidade, já que a escola foi desativada. São as festas religiosas as maiores opções de lazer dos moradores, em que as pessoas das redondezas se encontram, e os jovens iniciam os namoros. Deve-se dizer ainda que pouquíssimas famílias contam com telefonia, e a internet está presente em apenas cinco residências. Por fim, pelo fato de que a expressiva maioria dos visitantes que vão à comunidade têm algum elo com os moradores, vemos que os contatos com pessoas de fora são restritos.

O ponto vermelho, no mapa abaixo, indica a localização da comunidade de Santa Maria do Engano e, ao lado, encontra-se o distrito ao qual pertence, Ibitiruí.



MAPA 4 – LOCALIZAÇÃO DE SANTA MARIA DO ENGANO
Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves (20...). Acesso em:

A seguir, vemos algumas fotos da comunidade, de sua igreja e da procissão com a padroeira, Nossa Senhora da Saúde.



FOTOGRAFIA 2 – SANTA MARIA DO ENGANO E A IGREJA LOCAL.

Fonte: Google Earth. Acesso em 04 mar. 2014.



FOTOGRAFIA 3 - IGREJA DE NOSSA SENHORA DA SAÚDE
Fonte: Arquivo pessoal.



FOTOGRAFIA 4 – FESTA DA PADROEIRA DE N. S. DA SAÚDE, EM 11/2014
Fonte: Arquivo pessoal

Tendo sido apresentados os aspectos geográficos e sociais da comunidade pesquisada, passaremos agora para a descrição dos informantes.

6.2 A seleção dos informantes

A seleção dos informantes para a composição de nosso banco de dados de fala, em princípio, deveria seguir os demais corpora do Grupo de Pesquisa de Contato Linguístico no Espírito Santo, ou seja, nossos informantes deveriam estar distribuídos em quatro faixas etárias (de 08 a 14, de 15 a 30, de 31 a 50 e acima de 50 anos), dois sexos e três níveis de escolaridade (de 0 a 04, de 05 a 08 e acima de 08 anos de escolarização), com dois informantes em cada célula. No entanto, não foi possível encontrar todos os sujeitos com a escolaridade necessária, devido às características da comunidade, como explicitamos anteriormente.

Dessa forma, objetivando-se uma composição mais uniforme do corpus, tivemos que trabalhar com apenas dois níveis de escolaridade: de 0 a 05 e acima de 05 anos. Foram entrevistados 40 informantes, nascidos e residentes na localidade, ou que aí passaram 2/3 de sua vida, sendo 20 mulheres e 20 homens. Dos informantes, 17 têm até 05 anos de escolaridade (EF 1) e 23 têm mais de 05 anos (EF 2). Vale dizer que, apesar de alguns informantes terem o vênето como primeira língua, no presente momento todos se dizem monolíngues. No Quadro 9, a seguir, encontramos sua distribuição:

Faixa Etária	Informantes	Idade	Gênero/Sexo	Escolaridade
08 – 14 Anos	LAB	10	F	EF 1
	JF	10	F	EF 1
	SIB	11	F	EF 1
	JMO	12	F	EF 2
	MFF	14	F	EF 2
	DAB	9	M	EF 1
	CEPF	11	M	EF 1
	EFD	12	M	EF 2
	SMdO	14	M	EF 2
	LF	14	M	EF 2
15 – 30 Anos	AMF	17	F	EF 2
	AMdOB	22	F	EF 1
	SGMB	25	F	EF 2
	ACO	28	F	EF 2
	MFB	30	F	EF 2
	EAGS	15	M	EF 2
	LPB	15	M	EF 2
	AdBF	16	M	EF 2
	EAB	30	M	EF 2
	NF	30	M	EF 1
31 – 50 Anos	LMPB	38	F	EF 2
	MFFF	42	F	EF 2
	LTGS	44	F	EF 1
	AMF	48	F	EF 1
	LHOB	50	F	EF 1
	JAPD	32	M	EF 1
	NAF	35	M	EF 2
	JPB	40	M	EF 2
	VAB	41	M	EF 1
	MCF	46	M	EF 2
+ 50 Anos	RHFC	55	F	EF 2
	LB	58	F	EF 1
	MPBP	61	F	EF 2
	LPF	73	F	EF 1
	ASF	77	F	EF 1
	EIF	51	M	EF 2
	AAF	51	M	EF 2
	PP	55	M	EF 1
SF	64	M	EF 2	

	AO	78	M	EF 1
--	----	----	---	------

QUADRO 9 - DISTRIBUIÇÃO DOS INFORMANTES DE SANTA MARIA DO ENGANO

6.3 A coleta de dados

Como dissemos, buscamos, neste estudo, descrever a variação da pronúncia do ditongo nasal tônico *-ão* na fala dos moradores de Santa Maria do Engano. Para alcançarmos nosso propósito, realizamos uma pesquisa de campo, com a formação de um banco de dados de fala por meio de entrevistas sociolinguísticas (LABOV, 2008), vislumbrando o contato face a face com os informantes.

Nosso estreito vínculo com a comunidade propiciou-nos maior rapidez na seleção e no contato com os informantes. Assim, antes de iniciarmos cada gravação, falávamos sobre assuntos do cotidiano, lembrávamos de situações por nós vivenciadas, explicávamos o motivo da visita - ou seja, que estávamos realizando uma pesquisa sobre os aspectos históricos e sociais da comunidade -, pedíamos sua colaboração e perguntávamos se permitiam que nossa conversa fosse gravada. Todos, sem exceção, disseram que sim e continuaram a conversar normalmente, de modo que a entrevista fluía sem qualquer formalidade. Ao término de cada entrevista, os informantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Informado (Anexos).

As entrevistas, cuja duração varia de 30 a mais de 60 minutos, tiveram início no segundo semestre de 2013 e término em setembro de 2014, sendo realizadas, em sua maioria, na casa dos entrevistados, nos finais de semana, levando-se em consideração o calendário festivo e religioso da comunidade.

As conversas giraram em torno dos sentimentos dos informantes acerca de sua origem, dos hábitos e tradições da família atual e dos ascendentes, da história da comunidade e das lembranças do passado no Brasil e na Itália, conforme um Roteiro de Perguntas (Anexos 9.3 e 9.4) preparado para que pudéssemos traçar a história da colonização e do contato linguístico que ocorreu nessa localidade. Vale ressaltar que, no início das entrevistas, foram provocadas narrativas sobre os interesses dos informantes e suas experiências pessoais e de trabalho.

As entrevistas foram gravadas em gravador digital, ouvidas e, posteriormente, transcritas. Neste ponto, é preciso esclarecer que selecionamos e analisamos todas as palavras do corpus que

continham o ditongo nasal tônico -ão. Estes foram identificados e classificados por nós de oitiva, ou seja, sem a ajuda de aparelhos ou programas específicos para tal.

Em seguida, os dados foram codificados e efetuamos sua análise quantitativa, utilizando-nos do Programa Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005)⁴³. E, por fim, procedemos à sua análise qualitativa, com base na Teoria Sociolinguística.

6.4 As variáveis pesquisadas

Neste item, apresentaremos as variáveis testadas em nossa pesquisa.

6.4.1 A variável dependente

Neste estudo, nossa variável dependente é a realização variável do ditongo nasal tônico -ão, por descendentes de imigrantes italianos, e nossas variantes são:

a) **variante 1:** a pronúncia com influência do vêneto, isto é, o ditongo nasal -ão pronunciado como [õw̃] ou [õ], falado pelos imigrantes italianos que colonizaram a região.

b) **variante 2:** a pronúncia sem influência do vêneto, como [ẽw̃].

6.4.2 As variáveis independentes

Neste trabalho, estabelecemos sete variáveis independentes, para verificarmos seu efeito na frequência das variantes, sendo quatro linguísticas ou internas e três externas ou sociais.

⁴³ Como veremos no próximo capítulo, na seção de cruzamentos das variáveis sociais, não houve qualquer knockout nos dados.

6.4.2.1 Variáveis linguísticas ou internas

As variáveis linguísticas são formadas por grupo de fatores relacionados à estrutura da língua analisada, os quais podem ou não favorecer a ocorrência do fenômeno sob estudo. Neste trabalho, as variáveis linguísticas investigadas foram selecionadas com base em nossas hipóteses, que levaram em consideração os resultados encontrados por Tomiello (2005) e Horbach (2013). São elas:

a) Classe de palavras

- a) Nomes (substantivos e adjetivos): **caminhão, bonito**;
- b) Verbos: **são**;
- c) Outros (palavras funcionais): **então, não, tão**.

b) Extensão do vocábulo

- a) Uma sílaba: **não**;
- b) Duas ou mais sílabas: **mamão, sacristão**.

c) Contexto precedente

- a) ataque vazio: re.gi.**ão**;
- b) consoante nasal: [m], [n] e [ɲ]: [**m**]ão, co.mu.[**ɲ**]ão;
- c) consoantes anteriores: labiais, dentais ou alveolares: pa.ne.[**l**]ão, di.nhei.[**r**]ão;
- d) consoantes posteriores: alveopalatais, palatais ou velares: col.[**ʃ**]ão, fei.[**ʒ**]ão.

d) Contexto seguinte

- a) pausa: pé de feij**ão**;
- b) vogal: fog**ão** [**a**]ceso;
- c) consoante nasal: regi**ão** [**n**]ossa;
- d) consoante anterior: **não** [**p**]recisava;

e) consoante posterior: feijão [k]om arroz.

6.4.2.2 Variáveis extralinguísticas ou sociais

Neste estudo, as variáveis extralinguísticas ou sociais investigadas foram: faixa etária, sexo/gênero e escolaridade.

i) Faixa etária. Nossos informantes foram divididos em quatro faixas etárias:

- a) de 08 a 14 anos;
- b) de 15 a 30 anos;
- c) de 31 a 50 anos;
- d) acima de 50 anos.

ii) Sexo. Os informantes selecionados pertencem a ambos os sexos/gêneros:

- a) feminino;
- b) masculino.

iii) Escolaridade. Os níveis de escolaridade selecionados são dois:

- a) de 0 a 05 anos de escolarização (EF 1);
- b) acima de 05 anos (EF 2).

O quadro a seguir resume o conjunto de variáveis controladas nesta pesquisa.

<p>Variável dependente: ão</p> <p>Variante 0 – Pronúncia com influência do vêneto: [õw̃] ou [õ]</p> <p>Variante 1 – Pronúncia sem influência do vêneto: [ẽw̃]</p>	
Variáveis extralinguísticas	Variáveis linguísticas
<p>Faixa etária</p> <p>08 a 14 15 a 30 31 a 50 Mais de 50 anos</p>	<p>Classe de palavras</p> <p>Nomes (substantivos e adjetivos): pão, bobão; Verbos: são; Outros: tão.</p>
<p>Sexo/Gênero</p> <p>Feminino Masculino</p>	<p>Extensão do vocábulo</p> <p>Uma sílaba: ão; Mais de uma sílaba: perdão.</p>
<p>Escolaridade</p> <p>Até 5 anos Mais de 5 anos</p>	<p>Contexto fonológico precedente</p> <p>Ataque vazio: João; Consoante nasal: não; Consoantes anteriores: valão; Consoantes posteriores: colchão.</p>
	<p>Contexto fonológico seguinte</p> <p>Pausa: Não; Vogal: fogão a lenha; Consoante nasal: canção nova; Consoante anterior: feijão tropeiro; Consoante posterior: feijão com arroz.</p>

QUADRO 10 – VARIÁVEIS CONSIDERADAS NA PESQUISA

Tendo sido apresentados os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, no próximo Capítulo analisaremos os resultados encontrados.

7 A ANÁLISE DOS DADOS

*“As escolhas que os falantes fazem entre meios/formas linguísticas alternativas para comunicar a mesma informação, frequentemente, transmite informação extralinguística importante”.*⁴⁴ (TAGLIAMONTE, 2009)

Neste capítulo, analisaremos nossos dados, que foram tratados estatisticamente utilizando-se o Programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Obtivemos um total de 1956 ocorrências do ditongo tônico -ão falado pelos descendentes de imigrantes italianos da comunidade de Santa Maria do Engano.

Dos 1956 dados obtidos em 40 entrevistas, 562 (28,7%) apresentaram realização com influência do vêneto e 1394 (71,3%) não apresentaram influência. Vejamos essa distribuição no gráfico abaixo.

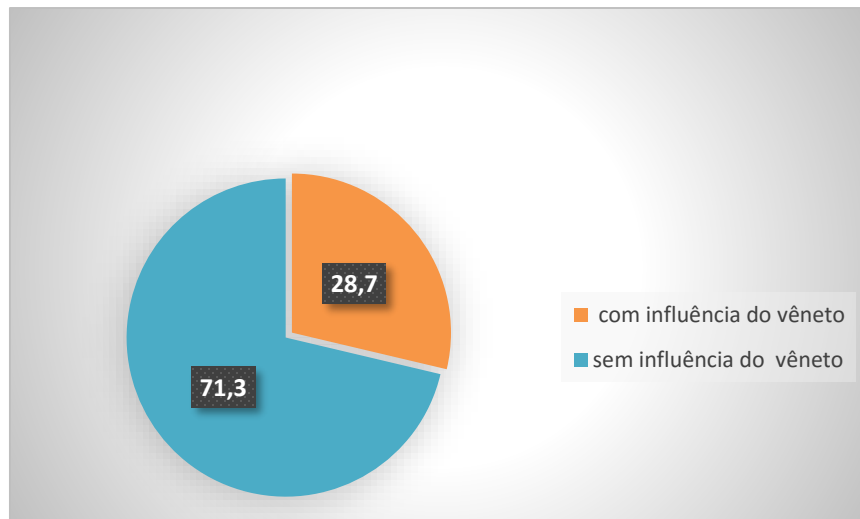


GRÁFICO 2 - FREQUÊNCIA GERAL DE REALIZAÇÃO DO DITONGO NASAL TÔNICO -ÃO

Como podemos constatar, a frequência da pronúncia de -ão sem influência da língua de imigração é bastante superior à da pronúncia com influência. Entretanto, se considerarmos que os informantes

⁴⁴ “The choices speakers make among alternative linguistic means to communicate the same information often conveys important extralinguistic information” (TAGLIAMONTE, 2009, p. 07)

de nosso estudo são descendentes de imigrantes italianos monolíngues e que os resultados de Horbach (2013) e de Tomiello (2005) foram de 20,1% e de 46%, respectivamente, com falantes bilíngues, vemos que, em nossos resultados, a diferença não é tão expressiva.

Em nossa rodada, verificamos que, com exceção da classe gramatical da palavra, todos os grupos de fatores foram considerados estatisticamente significativos, pelo Programa Goldvarb X. Nossos resultados gerais encontram-se na tabela a seguir.

TABELA 1 – RESULTADOS GERAIS DA INFLUÊNCIA DO VÊNETO NA REALIZAÇÃO DO DITONGO -ÃO EM SANTA MARIA DO ENGANO, ALFREDO CHAVES, ES

VARIÁVEIS		NÚMERO	%	PR
Sexo	Masculino	360/1100	32,7	.58
	Feminino	202/856	23,6	.40
Faixa etária	IV (+ 50)	247/591	41,8	.65
	III (31-50)	200/692	28,9	.51
	II (15-30)	97/473	20,5	.41
	I (08-14)	18/200	9,0	.25
Escolaridade	Até 5 anos	351/924	38	.63
	Mais de 5 anos	211/1032	20,4	.38
Extensão do vocábulo	Mais de uma sílaba	328/718	45,7	.68
	Monossílabo	234/1238	18,9	.39
Contexto seguinte	Pausa	305/947	32,2	.60
	Posterior	42/146	28,8	.51
	Nasal	32/102	31,4	.46
	Vogal	102/310	32,9	.45
	Anterior	81/451	18,0	.34
Contexto precedente	Posterior	38/74	51,4	.59
	Anterior	262/647	40,5	.56
	Nasal	245/1166	21,0	.48
	Ataque vazio	17/69	24,6	.25
Classe gramatical	Nome	217/538	40,3	-
	Verbo	18/102	17,6	-
	Advérbios e Palavras funcionais	327/1316	24,8	-
TOTAL = 1956				

Input: 0.243
Significância: 0.000

Os resultados de cada um dos grupos de fatores serão analisados nas próximas Seções: 7.1 Variáveis linguísticas e 7.2 Variáveis extralinguísticas.

7.1 As variáveis linguísticas

As variáveis linguísticas selecionadas pelo programa estatístico foram:

7.1.1 Extensão do vocábulo

De acordo com a variável *extensão do vocábulo*, apresentada na Tabela 01, as palavras com duas ou mais sílabas favorecem a produção do ditongo *-ão* com influência do vêneto (PR = .68), enquanto os monossílabos a desfavorecem (PR = .39). Dessa forma, esses resultados não confirmam nossa hipótese de que os vocábulos monossílabos favoreceriam a pronúncia do ditongo com influência da língua de imigração.

Com respeito aos monossílabos, em nossos dados foi bastante significativa a ocorrência do vocábulo *não*, principalmente nas entrevistas com crianças, e, entre estas, sua pronúncia ocorreu sem a influência do vêneto. Outros exemplos encontrados no corpus foram: *são*, *pão*, *mão* e *chão*, mas em número muito menor que *não*. Neste ponto, é importante esclarecer que o vocábulo *não* seguido de verbo, quando pronunciado [nũ], foi considerado átono por nós e não foi analisado. Encontramos ainda o vocábulo ‘estão’ em sua forma reduzida ‘tão’ e, por isso, esta foi classificada como monossílabo.

Dentre os exemplos de palavras com mais de uma sílaba, temos: *educação*, *almeirão*, *feijão*, *caminhão*, *irmão*, *televisão*, *então*, *depressão*, *injeção*, *avião*, *geração*, *tradição* etc.

Quanto aos plurais do ditongo *-ão* (*-ãos*, *-ões* e *-ães*), apenas a forma *-ãos* ocorreu nos dados, mas foi pronunciada pouquíssimas vezes e por alguns informantes, apenas, sem a influência da língua de imigração.

Comparando-se nossos resultados com os de Tomiello (2005) e Horbach (2013), vemos que não estão conformes, como vemos na Tabela a seguir.

TABELA 2 - DADOS COMPARATIVOS PARA *EXTENSÃO DO VOCÁBULO*⁴⁵

	PICOLI	TOMIELLO	HORBACH
Duas ou mais sílabas	.68	.46	.55
Uma sílaba	.39	.60	.43

Por meio da Tabela acima, vemos que os resultados para Santa Maria do Engano, uma comunidade monolíngue, são muito mais díspares que para as outras comunidades, que são bilíngues. Como dissemos, em nossa pesquisa, a maioria dos vocábulos monossílabos encontrados foi *não*, falado principalmente pelas crianças. Já o corpus de Tomiello e o de Horbach não contêm informantes crianças, e quanto ao quantitativo da palavra ‘não’, Horbach assinala que houve 319 ocorrências com contexto *on* em 306; quanto a Tomiello, não sabemos. Assim, as diferenças entre os resultados das três pesquisas podem advir desses fatores.

7.1.2 Contexto seguinte

Nossos resultados apontam que a pausa é o contexto seguinte que mais favorece a pronúncia do ditongo nasal com influência do vêneto, com PR = .60, confirmando nossa hipótese inicial. Os demais contextos demonstram, ou neutralidade - no caso da consoante posterior (PR = .51) -, ou desfavorecimento, leve - a consoante nasal (PR = .46) e a vogal (PR = .45) -, ou mais acentuado - a consoante anterior (PR = .34).

Observemos que, dos cinco contextos analisados, três se encontram próximos da neutralidade – consoante posterior, consoante nasal e consoante anterior. Se pensarmos que a articulação do elemento posterior ao ditongo condiciona a sua pronúncia, possibilitando a sua alteração, a pausa permite que a realização do ditongo se dê mais livremente, podendo surgir a pronúncia com influência da língua de imigração. Com respeito ao desfavorecimento de [õw̃] ou [õ] pelas consoantes anteriores, parece-nos que, sendo central a vogal nasal [ẽ] e posterior a semivogal [w̃]

⁴⁵ Todas as Tabelas comparativas entre as três pesquisas trazem os resultados em termos de pesos relativos.

que compõem o ditongo, o segmento seguinte anterior poderá provocar mais facilmente uma alteração na articulação de -ão.

Os seguintes excertos de entrevistas exemplificam a ocorrência do fenômeno⁴⁶:

Excerto 1

*“Fazia com **feij[õ]**, sopa de **macarr[õ]**...” (Fem., EF I, 58 anos);*

*“À noite? Deixa eu pensar... É **televis[õ]**. Coisa assim, né? **Televis[õ]**.” (Fem., EF II, 25 anos).*

*“Um dia eu esperava ele sempre com o **tiç[õ]**. Assim, pra vim encontrar ele na estrada com o **tiç[õ]**, né? Aí ele chegou em casa, ele chegava bêbado, chegava bravo, né?” (Masc., EF II, 44 anos)*

*“Ele teimou de subir na Eternit, **sen[õ]**, ele n[ũ] tava morto ainda **n[õ]**.” (Fem., EF II, 61 anos)*

Para esta variável, não temos como comparar nossos resultados com as pesquisas que vimos observando, pois, na pesquisa de Tomiello, o contexto fonológico seguinte não foi selecionado pelo programa estatístico; e Horbach, por sua vez, não analisou o contexto seguinte ao ditongo nasal.

7.1.3 Contexto precedente

Nos dados obtidos em Santa Maria do Engano, os contextos precedentes que favorecem a pronúncia do ditongo nasal com influência do vêneto são, em escala decrescente: a consoante posterior (PR = .59) e a consoante anterior (PR = .56). As consoantes nasais se mostram quase neutras, com um leve desfavorecimento (PR = .48), e o ataque vazio desfavorece fortemente o fenômeno (PR = .25). Exemplos encontrados em nosso corpus são:

⁴⁶ As pronúncias do ditongo -ão com influência do vêneto ocorreram como [õ] e também como [õw̃]. Entretanto, nos excertos, utilizamos a notação [õ] para representar a ambas.

Excerto 2

*“Antigamente parece que eles faziam assim mais por diversão. Juntava as pessoas e fazia. Igual o **maca[rõ]** feito em casa era também o pastel...” (Fem., EF II, 38 anos).*

*“Trabalho talvez no café, planta **fei[3õ]**, essas coisa assim, só... só essas coisa. (...) Olha era mais aquela minestra que se falava. Minestra, **maca[rõ]**, **fei[3õ]**, tinha só essas coisa mais simples. (Masc., EF I, 55 anos).*

*“É, só **fei[3õ]**, arroz, essas coisas, só para o gasto. (...) eu estava falando com a velha, eu acho que ontem de noite, eu acho que foi, porque tinha um **fo[gõ]**, tinha a chapa com 8 buracos, 4 de cada lado.” (Masc., EF I, 78 anos)*

Acerca dos estudos tomados para comparação com o nosso, na pesquisa de Horbach, o programa estatístico não selecionou essa variável como significativa para o fenômeno estudado. Com respeito ao estudo de Tomiello, vejamos a Tabela a seguir.

TABELA 3 – DADOS COMPARATIVOS PARA CONTEXTO PRECEDENTE

	PICOLI	TOMIELLO
Consoante posterior	.59	.61
Consoante anterior	.56	.48
Consoantes nasais	.48	.57
Ataque vazio	.25	.39

Os resultados obtidos em nossa pesquisa e nas de Tomiello (2005) e de Horbach (2013) evidenciam que o contexto precedente não se mostra categórico como favorecedor da pronúncia do ditongo com influência da língua de imigração: enquanto que, no estudo de Horbach, esse contexto não foi selecionado pelo programa estatístico, no nosso e no de Tomiello, o foi e apresentou resultados diferentes: as consoantes nasais, por exemplo, nos dados de Tomiello, favorecem o fenômeno (PR

= .57), ao passo que, nos nossos, elas se mostram quase neutras, com um leve desfavorecimento (PR = .48).

Os dados obtidos nesses três estudos para o contexto precedente e o seguinte levam-nos a pensar que a realização do ditongo nasal com influência da língua ancestral talvez não esteja estritamente relacionada aos contextos fonéticos, mas a outras restrições que poderiam também estar condicionando sua ocorrência. Após realizarmos e, posteriormente, ouvirmos as entrevistas, acreditamos que determinadas palavras, mais frequentemente utilizadas na comunidade, podem estar impulsionando a pronúncia como o faziam os antigos moradores, conforme indicam Fidelholtz (1975), Philips (1984, 1998, 1999, 2000, 2001) e Bybee (2001, 2002a, 2002b, 2003). Estudos futuros poderiam testar essa hipótese.

7.2 Variáveis extralinguísticas ou sociais

Como dissemos, todas as variáveis extralinguísticas foram selecionadas como significativas, pelo programa Goldvarb X. Iniciemos pelo sexo.

7.2.1 Sexo

Quanto à variável social sexo, observamos, pela Tabela 1, que a realização de *-ão* com influência do vêneto é desfavorecida pelas mulheres (PR = .40), ao contrário dos homens (PR = .58). Esse resultado está de acordo com muitos estudos sociolinguísticos, realizados em diferentes comunidades do mundo, que atestam que as mulheres dão preferência às variantes padrão da língua, se comparadas com homens da mesma faixa etária e classe social. O mesmo se deu com os demais estudos que vimos utilizando para análise, como podemos observar na tabela a seguir.

TABELA 4 - DADOS COMPARATIVOS PARA SEXO

	PICOLI	TOMIELLO	HORBACH
Feminino	.40	.43	.44
Masculino	.58	.58	.56

Pela Tabela acima, observamos a semelhança entre os resultados das três pesquisas, realizadas em comunidades geograficamente muito distantes, mas com um aspecto sociocultural comum: o contato linguístico entre o português e uma língua de imigração.

Conforme vimos em nosso Referencial Teórico, os resultados de pesquisas realizadas em diversas comunidades mostraram que as mulheres, inconscientemente, convergem sua fala para a linguagem padrão e que os homens, ao contrário, não têm essa preocupação. Labov (2001) afirma que, em se tratando de mudança linguística, quando esta ocorre com consciência social (*change from above*), as mulheres tomam a posição de líderes da mudança, desde que não se trate de variantes estigmatizadas.

Nesse sentido, Bourdieu (1982, p. 35, *apud* Calvet, 2002, p. 71) aponta que:

[...] como os sociolinguistas frequentemente observaram, as mulheres são mais inclinadas a adotar a língua legítima (ou a pronúncia legítima): do fato de que elas são votadas à docilidade para com os usos dominantes e pela divisão de trabalho entre os sexos, [...] estão dispostas [as mulheres] a aceitar, especialmente na Escola, as novas exigências do mercado de bens simbólicos”

Calvet (2002, p. 72) acrescenta que, inversamente, “os homens não sentem necessidade de questionar seu modo de falar, que eles o consideram legítimo.” Isso, para o autor, significa que “o comportamento linguístico [...] está ligado a um comportamento social mais geral [...] E essas duas interpretações nos levam ao binômio segurança/insegurança linguística.” (CALVET, 2002, p.72). Aquela, para o autor, ocorre quando os falantes consideram seu modo de falar pouco valorizador e sabem que há outra forma, mais prestigiosa, mas de que não se utilizam; e a segurança linguística, ao contrário, acontece quando consideram *sua* norma *a* norma (grifo do autor). Esses argumentos explicam os resultados encontrados nas comunidades bilíngues do Rio Grande do Sul e em nossa comunidade monolíngue do Espírito Santo.

Sabemos que não existe um consenso entre os autores sobre as diferenças entre a linguagem feminina e masculina e as causas da rejeição das formas estigmatizadas pelas mulheres: se à insegurança diante de seu papel social frente ao homem ou à pressão social sobre ela. Com relação aos papéis sociais da mulher, na comunidade de Santa Maria do Engano, observemos os depoimentos a seguir.

Excerto 3

“É, fez, [curso de italiano], estudou, e acho que tem até diploma e tudo, né? Queria tanto ter estudado, teve aquela vez que veio [a Ibitiruí], mas só que quase nem deu porque não tinha gente, né? Não tinha quantidade de gente. Aí Alcides falou ‘vamos, Luzia também?’ Aí depois Alcides tinha aula em Santa Maria que era um lá de Vitória que dava o [curso de oração], então já ia lá terça feira, e depois sair de novo. Cansava muito trabalhar assim na roça, né?” (Fem. EF I, 50 anos)

“Olha, quem mandava era sempre o homem, na época assim. Pois eu via meu pai mesmo falando assim. Algumas coisas sempre ele tinha mais autoridade e minha mãe tinha menos. Mas era uma convivência boa. E na época quem cuidava mais [dos filhos] era a mãe. Os maridos saíam e as mães ficavam cuidando da casa, lavando roupa. Por exemplo, a minha mãe bordava e costurava.” (Fem., EF II, 55 anos)

“A minha rotina é quase de sempre. Levanta. Bota eles [os filhos] pra escola. Serviço de casa, comida. Aí trata as criação. Vai pra roça. Mais ou menos é assim, sempre a mesma coisa.” (Fem., EF II, 38 anos);

“Uma que ela [a mãe da informante] era muito lutada também, né? Que lutou muito, trabalhava, daí subia morro com filho no colo, outro na barriga, uma carga de almoço nas costas. Levava nós tudo lá para a roça, ficava o dia inteiro.” (Fem., EF I, 73 anos);

“Eu trabalho na roça, apanho café, cuido de porco, galinha, cachorro, faço queijo e cuido das casas. Uma casa aqui e outra lá em cima [Sítio São Gabriel, a aproximadamente 2 km de Santa Maria]. O dia inteiro. Levanto 5 e meia, 6 horas e só vou dormir 10 e meia, 11 horas da noite, depois que eu acabo tudo. Às vezes, quando dá tempo, eu assisto um pouquinho de televisão, mas pouca coisa. Às vezes, assisto à missa da Aparecida do Norte ou na Canção Nova, ou no Século XXI, só isso. E aos domingos, vou à Igreja, participo aqui.” (Fem., EF II, 61 anos).

O que podemos constatar é que as mulheres de Santa Maria do Engano, de um modo geral, trabalham muito, pois a cobrança a sua volta, para fazer tudo e muito bem feito, é explícita. Cabe a ela diretamente acompanhar os filhos na escola, todos os afazeres em casa e também a participação nos trabalhos na igreja e na roça. Diante das pressões que sofre em sua rotina, podemos pensar que essa situação também se dá em relação à sua linguagem. Cremos que daí surge a tendência das mulheres em produzir os ditongos nasais conforme o padrão da língua portuguesa.

7.2.2 Escolaridade

Com respeito à variável *escolaridade*, nossos resultados demonstram que os informantes com até 05 anos de escolarização favorecem a pronúncia com influência vêneta (PR = .63), ao passo que aqueles que têm um maior nível de educação - acima de 5 anos de estudo - a desfavorecem fortemente (PR = .38), comprovando-se, assim, nossa hipótese inicial e também muitos outros estudos sociolinguísticos acerca da atuação da escola sobre as formas não padrão do português.

Conforme pontuamos no capítulo 3, tomando por base o pensamento de Votre (2013), a escola atua como preservadora de formas de prestígio. O autor (2013, p.51) afirma que “as formas socialmente prestigiadas são semente e fruto da literatura oficial, que as transformam em língua padrão.” Votre explica que a escola transmite gostos, normas e padrões que são inculcados nos alunos, fazendo com que aprendam um padrão que muitas vezes é distinto do da sua família.

Sabemos que a pronúncia de palavras com influência de uma língua estrangeira é marcada, não apenas no Espírito Santo, e, provavelmente por isso, a escola tenha um papel importante no sentido de evidenciar ou mesmo de eliminar essa pronúncia de seus alunos. Vemos, na tabela abaixo, que nossos resultados estão conformes com os de Horbach e Tomiello, para comunidades do Rio Grande do Sul, o que comprova que a força da escolarização age em diversas localidades e em distintos contextos sociais.

TABELA 5 - DADOS COMPARATIVOS PARA *ESCOLARIDADE*

Escolaridade	PICOLI	TOMIELLO	HORBACH
	.63 (até 5 anos)	.70 (0 a 4ª)	.57 (0-04)

	.38 (acima de 5 anos)	.48 (5ª a 8ª) .35 (E.Sup)	.42 (09-12)
--	-----------------------	------------------------------	-------------

A atuação da escola em relação ao sotaque com influência vêneta se torna explícita, em Santa Maria do Engano, como demonstra o excerto a seguir.

Excerto 4

“Olha, os próprios pais, na escola também os professores também pediam [que não falasse a língua estrangeira]. Teve escola também que pediam pros pais não ficar falando dialeto em casa, pros filhos, pros filhos ter uma língua mais esclarecida, porque às vezes as crianças chegavam na escola falando o dialeto e misturavam tudo, às vezes não saía nem o português nem o dialeto e aconteceu isso muito comigo, que eu custei a aprender a falar com dois “r” porque na língua italiana não se fala, então tudo o que eu ia falar eu falava “[r]osa, [r]jo, te[r]a, mo[r]o” porque eles falam assim, meus pais falavam assim e a convivência era toda, com os primos, com os tios. (Fem., EF I, 48 anos).

FROSI, FAGGION e DAL CORNO (2005) afirmam que o estigma de uma forma linguística pode ser revelado por quatro formas: a) por um sentimento de inferioridade pela percepção da diferença com relação à norma, ao “normal”, geralmente associado à fala; b) pela expressão da consciência da diferença/inferioridade localizada em aspectos da fala, de capacidade intelectual ou de instrução; c) pela referência a fatos histórico-político-sociais que agiram como motivação externa para o estabelecimento da condição de diferença/ inferioridade; d) pela referência a características adquiridas e/ou manifestadas como consequência do estigma. Desse modo, observamos que o depoimento de nossa informante se enquadra nos itens *a* e *b*.

Segundo as autoras (2005), são recorrentes os depoimentos de descendentes de imigrantes que fazem referência ao preconceito quanto ao seu *modo errado de falar*, recebendo o falante adjetivos como *ignorante, grosso, atrasado, burro*. De acordo com as autoras, ainda hoje existe a memória

do estigma com referência à fala portadora de marcas italianas, e isso muito claro nos mostrou o depoimento acima.

Com base no que afirmam os estudos sociolinguísticos a respeito da atuação do nível de escolaridade na linguagem dos falantes, cremos que, numa comunidade como a de Santa Maria do Engano, a escola é o principal meio de os moradores se depararem com o estigma com relação à linguagem aí usada. Vêm da escola as principais pressões para o abandono das características próprias da fala dos moradores e, portanto, para a adoção das formas *legítimas* da língua.

Na comunidade pesquisada, as pressões sociais para as mudanças não são fortes, haja em vista que os costumes atuais não diferem significativamente dos antigos. Os adultos veem muito pouco a TV, mas as crianças a assistem com frequência, apesar do compromisso que têm com a escola, num turno, e com os serviços da roça, no outro. Nossos informantes afirmam que não costumam ler jornal, já que estes não chegam à comunidade; leem, sim, a bíblia diariamente e também a revista eucarística da igreja católica, e poucos têm acesso à internet. Podemos verificar a tradição dos imigrantes presente na rotina dos moradores através dos seguintes depoimentos:

Excerto 5

“Eles sempre rezavam o terço, e na família da minha esposa, ela também rezava. A gente depois que casamos também a gente continuou, e continua até hoje. (...) E tem um grupo de círculo bíblico aqui, que a gente faz um círculo bíblico e na semana, nos meses que não tem círculo bíblico, a gente faz o terço, como essa semana teve na quarta-feira, antes de ontem teve ali na casa da minha irmã.” (Masc., EF II, 51 anos.)

“É, até meio-dia estudar, aí depois eu trabalho, limpo o curral, lavo o litro, jogo futebol e busco as vacas depois.” [Final de semana] Ir para a igreja, tem vez que uns meninos [primos] vêm aqui.” (Masc., EF II, 12 anos)

“Bom, de domingo eu vou mais na igreja, vou passear na casa da minha avó [em Ibitiruí]. E de sábado eu saio quando tem festas, assim, eu vou com o papai, com a mamãe em festa⁴⁷.” (Fem., EF I, 10 anos)

“À noite? De sexta-feira eu costumo jogar bola, de terça também. Mas só esses dois dias. Os outros fico em casa e assisto televisão; lá pelas sete, oito horas eu vou dormir.” (Masc., EF II, 14 anos)

“Fico só em casa mesmo. Em frente à... TV, computador. Tem internet. (Masc., EF II, 35 anos)

Vemos, então, que, se a sociedade de Santa Maria do Engano não recebe muitos incentivos externos para mudar sua forma de falar. Cabe, então, à escola o papel de guardião da língua padrão e de desestimuladora das formas com influência da língua de imigração, o que justifica os nossos resultados para a variável escolaridade.

7.2.3 Faixa etária

A importância da faixa etária é inquestionável num estudo sociolinguístico, para percebermos se está havendo ou não mudança em progresso em relação ao fenômeno linguístico analisado.

Nossos resultados indicam claramente que o ditongo nasal está sendo abandonado pelos moradores mais jovens de Santa Maria do Engano: enquanto a pronúncia com influência do vêneto é fortemente desfavorecida pela faixa etária dos 08 aos 14 anos, à medida que as idades avançam, ela passa a ser cada vez mais favorecida. O mesmo é observado nos trabalhos de Horbach e de Tomiello, nas comunidades bilíngues do Rio Grande do Sul, como vemos na Tabela a seguir.

TABELA 6 – DADOS COMPARATIVOS PARA FAIXA ETÁRIA

Faixa Etária	PICOLI	TOMIELLO	HORBACH
08-14	.25	-	-

⁴⁷ As festas a que a informante se refere são as religiosas.

15-30	.41	.23 (15-25 anos)	-
31-50	.51	.48 (30-45 anos)	.42 (- 50 anos)
+ 50	.65	.76 (+45 anos)	.58 (+ 50 anos)

Diante desses resultados, observemos as semelhanças entre as comunidades pesquisadas. A distribuição por idade mostra que as pessoas mais jovens pronunciam cada vez mais o ditongo nasal -ão sem influência da língua de imigração, ao contrário das pessoas mais velhas. O gráfico a seguir mostra com maior clareza essa mudança em curso, em Santa Maria do Engano.

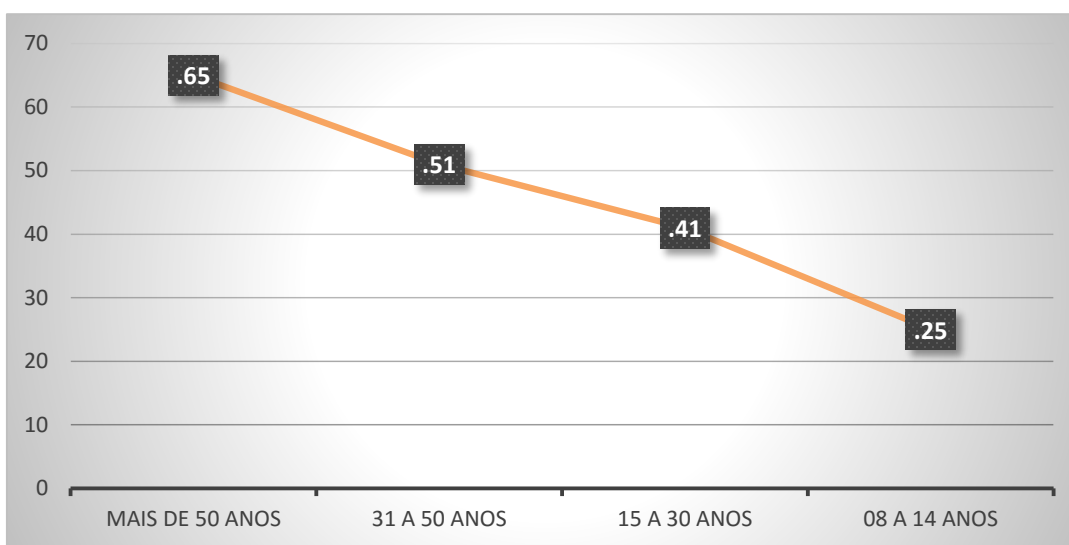


GRÁFICO 3 – REALIZAÇÃO DO DITONGO -ÃO COM INFLUÊNCIA VÊNETA DE ACORDO COM A FAIXA ETÁRIA

Nos estudos sociolinguísticos, dentre as causas apontadas como favorecedoras da mudança linguística em progresso, estão:

1) As pressões – veladas ou não – que os indivíduos recebem ao longo de sua vida, como:

a) **Dos colegas e amigos, principalmente na infância e na adolescência.** Em Santa Maria do Engano, no entanto, as crianças normalmente brincam com irmãos e primos, já que quase todos são parentes. As distâncias entre as casas da localidade – uma média de 1 a 2 km – não permitem que os contatos sejam constantes, a não ser na escola e na igreja, conforme o seguinte depoimento:

Excerto 6

“Brinco com minha prima Joyce, que mora naquela casa ali do lado. (...) À tarde eu vou lá em cima ajudar ele [o pai] na roça, ou fico em casa no computador. [Final de semana] Aí eu durmo lá nas minhas tias, vou pra igreja com o papai.” (Masc., EF II, 11 anos).

Assim, como dissemos, as pressões sociais para a mudança linguística são menores, na localidade, por se tratar de uma zona rural e por serem praticamente todos descendentes de italianos.

b) **Da escola, com respeito às crianças e adolescentes.** Como apontamos anteriormente, verificamos, por meio dos depoimentos de muitos informantes, a preocupação da escola com o modo de “bem falar a língua” e o preconceito contra quem não utiliza as formas padrão do português, como demonstra o depoimento a seguir:

Excerto 7

“Minha professora, ela falava assim: “mas não é rio [como tepe], [...] é rio [como vibrante]”, aí eu falava com ela “mas não tem um ‘r’ só?” (Fem., EF I, 48 anos).

Observando a pronúncia do ditongo -ão de acordo com a escolarização e a faixa etária dos informantes, verifica-se, claramente, em que caso os informantes procuraram adequar-se à norma

padrão, como também se explica por que os indivíduos de menos idade e os mais escolaridade pronunciaram o ditongo sem influência do vêneto.

c) **Do mercado de trabalho, com relação aos adolescentes e jovens.** Observamos, pelas entrevistas e por nosso conhecimento da comunidade, que a maioria dos jovens conclui o ensino médio e continua ajudando o pai na lavoura. No entanto, há, em número reduzido, aqueles que pretendem sair do lugar e trabalhar na cidade, como exemplificam os seguintes depoimentos:

Excerto 8

“Eu gosto [de Santa Maria do Engano], mas eu pretendo ir pra cidade. (...) Meu irmão trabalha na Fiat [em Guarapari] com uns computadores. Pretendo ir também.” (Masc., EF II, 15 anos).

“E apesar de eu ter esse vínculo aqui com a minha casa, com a minha família, é bem provável, eu tenho essa ideia de morar fora para poder estudar, independente da profissão que eu exercer.” (Fem., EF II, 17 anos).

Conforme Chambers (2003), baseando-se nas ideias de Pierre Bourdieu, a pressão do mercado acaba influenciando a linguagem das pessoas que aspiram ascender profissionalmente, de modo que elas tentam mudar sua forma de falar em direção à linguagem do grupo ao qual quer pertencer. No caso de Santa Maria do Engano, como dissemos, a maioria dos jovens permanece na comunidade; dessa forma, essa pressão não se aplica a eles. Porém, observamos que os poucos informantes que querem sair do lugar, como os dois jovens do excerto acima, não pronunciaram o ditongo com influência do vêneto.

2) Os contatos que um grupo mantém com outro(s), de diferentes modos, como:

a) **com indivíduos de outros lugares, na escola, igreja ou outras instituições.** Considerando tudo o que já expusemos acerca da comunidade, podemos afirmar que os contatos com outras

peessoas são muito restritos, principalmente para os adultos e idosos, que só se deslocam de suas casas para irem à igreja e às consultas médicas ou para fazerem visitas aos familiares, que moram perto ou em comunidades vizinhas. Vejam-se os depoimentos a seguir:

Excerto 9

“Aos domingos, todos os domingos a gente vai na celebração na igreja, e se não é na mesma comunidade da gente, mas em uma outra. E no sábado, se tiver um jogo, a gente vai assistir ou a gente sai, vai na casa do sogro. Da mãe não, porque a gente mora pertinho, então já está perto todos os dias, e é isso, é o basiquinho.” (Masc., EF I, 41 anos).

“Saio para algumas festas, ou algum lugar, ou fico aqui na comunidade, quando tem festa por perto ou na casa da minha filha agora, ou das minhas irmãs, mas a maioria eu fico por aqui. (Masc., EF II, 51 anos).

Os mais jovens, além frequentarem os mesmos lugares dos mais velhos, aumentam o leque de contato pelo fato de não haver escola na comunidade. Assim, eles devem estudar na sede do distrito de Ibitiruí até o 9º ano e, em seguida, têm que se deslocar para o Distrito de Matilde, de São João ou a Sede, para cursar o ensino médio. Os excertos a seguir confirmam o que dizemos.

Excerto 10

“Ela [a filha] fica em casa até as 10 horas, faz comida, passa roupa, limpa casa. Aí eu venho pra casa, o almoço tá pronto, né? Depois almoço e vou de novo pra roça. Ela tá fazendo o 2º ano do ensino médio em São João, que ela tá estudando.” (Fem., EF II, 30 anos).

“Eu estudei até um tempo atrás em Matilde. Aí então antes eu trabalhava aqui de dia, né? o dia todo, porque depois de noite eu estudava. Só que agora vou pra escola de dia em São João.” (Masc., EF II, 15 anos).

Vale ressaltar que esses distritos também foram colonizados por italianos, sendo que muitos também falam com o mesmo sotaque dos santa-marienses. Esse fato, portanto, deve favorecer para que não haja preconceito contra os moradores da comunidade pesquisada.

b) **com a mídia – rádio e/ou televisão.** Segundo Naro e Scherre (1996), o efeito da mídia sobre as variantes de prestígio tem provocado interesse e tem sido objeto de estudo para verificar-se até que ponto há influência dos meios de comunicação nos comportamentos linguísticos. Os moradores de Santa Maria do Engano diariamente têm acesso ao rádio e à televisão, mas por pouco tempo, uma vez que - pelo menos os adultos - passam a maior parte do dia trabalhando.

Diante do exposto nos parágrafos acima, vemos que a mudança em progresso com respeito à pronúncia do ditongo nasal tônico -ão se faz mais forte na faixa etária de 08 a 14 anos (PR = .25). Ao analisarmos as atividades dessas crianças e adolescentes e os fatores que impulsionam a mudança linguística, vemos que são eles que frequentam a escola fora da comunidade e que passam mais tempo assistindo à televisão. Portanto, são eles que mantêm um maior contato com o mundo exterior, e isso deve estar atuando para que a mudança linguística se dê rapidamente.

Os resultados apresentados nas seções anteriores nos levaram a fazer os cruzamentos das variáveis sociais, a fim de investigarmos mais profundamente o papel de cada uma delas na realização variável do ditongo -ão. Esse é o nosso próximo tópico.

7.2.4 Correlação entre as variáveis sociais

É consenso entre os sociolinguistas que as variáveis sociais não atuam isoladamente sobre um fenômeno linguístico. Assim, considerando-se a importância de uma análise que nos permita verificar as correlações possíveis entre as variáveis que possam estar interferindo no fenômeno sob estudo, julgamos importante realizar o cruzamento dos dados, no sentido de detalhar os resultados

que obtivemos e de entendermos melhor a atuação dos aspectos sociais sobre a linguagem. As correlações são as seguintes:

7.2.4.1 Sexo e Faixa etária

Segundo Paiva (2013), a variável social *sexo* não deve ser analisada isoladamente, pois do seu cruzamento com outras variáveis independentes, como classe social, idade ou estilo de fala, podem emergir padrões de correlação diferenciados entre o uso de variantes linguísticas e o sexo/gênero do falante. Além disso, a correlação que estamos observando poderá evidenciar quem está levando adiante a mudança em curso, quanto à pronúncia do ditongo -ão. Os resultados dessa correlação se encontram na Tabela abaixo:

TABELA 7 – PRONÚNCIA DO DITONGO -ÃO COM INFLUÊNCIA VÊNETA DE ACORDO COM AS VARIÁVEIS *SEXO* E *IDADE*

Sexo F. etária	Feminino		Masculino		Total	
	N	%	N	%	N	%
08-14 anos	12	66,7	06	33,3	18	100
15-30 anos	59	60,8	38	39,2	97	100
31-50 anos	47	40,4	153	59,6	200	100
+ 50 anos	84	38,1	163	61,9	247	100
TOTAL	202	35,9	360	64,1	562⁴⁸	100

Podemos notar, por meio desses resultados, que as mulheres até 30 anos pronunciam mais o ditongo -ão com influência vêneta que os homens, em Santa Maria do Engano. A partir dos 30 anos, no entanto, os resultados se invertem.

⁴⁸ Dos 1956 dados totais que obtivemos em nosso corpus, a pronúncia do ditongo nasal com influência do vêneta foi realizada 562 vezes.

Comparando-se os nossos resultados com os estudos que vimos observando, em Tomiello (2005) os homens, de todas as faixas etárias consideradas, pronunciam mais [õ] que as mulheres. Já o estudo de Hobach (2013) mostra que o fator *mais velho* é o determinante, e o fator *homem* é mais influente que o fator *mulher*, para a pronúncia do ditongo com influência da língua de imigração.

Com respeito aos nossos resultados, eles indicam que o comportamento linguístico das mulheres muda a partir dos 30 anos. Com base em nosso conhecimento de Santa Maria do Engano, a idade de 30 anos coincide com a entrada dos filhos na escola. Assim, nossas hipóteses sobre os resultados encontrados são:

- i) Os filhos trariam as normas da escola para casa, e as mães, como já dissemos, acompanham mais diretamente os filhos no processo escolar e, portanto, seriam mais sensíveis que os pais a essas regras; e
- ii) as mães se preocupariam em evitar as formas não-padrão para educar os filhos e incentivá-los a mudar também, para que eles não sofram preconceito e/ou constrangimento na escola.

Sabemos que as respostas a essas indagações somente podem ser dadas com o conhecimento da sociedade local, com as respostas dos informantes nas entrevistas e com testes de reação subjetiva. Entretanto, dado o tempo de que dispomos para concluir um Mestrado, não tivemos condições de proceder a essa investigação. Estudos futuros poderão responder a essas e outras questões sobre o comportamento de homens e mulheres em Santa Maria do Engano.

7.2.4.2 Escolaridade e Faixa etária

A idade, assim como a escolaridade, são variáveis importantes para definir o comportamento linguístico. Por isso, essa é outra correlação que julgamos importante realizar neste estudo. Os resultados referentes a esta correlação estão na tabela a seguir.

TABELA 8 – PRONÚNCIA DO DITONGO -ÃO COM INFLUÊNCIA VÊNETA DE ACORDO COM AS VARIÁVEIS ESCOLARIDADE E IDADE

Escolaridade F. etária	0 a 05 anos		+ de 05 anos		Total	
	N	%	N	%	N	%
08-14 anos	4	22,2	14	77,8	18	100
15-30 anos	75	77,3	22	22,7	97	100
31-50 anos	106	53	94	47	200	100
+ 50 anos	166	67,2	81	32,8	247	100
TOTAL	351	62,5	211	37,5	562	100

Os resultados apresentados nessa tabela comprovam que a escolaridade é uma variável muito importante para a pronúncia do ditongo nasal com influência da língua de imigração, como já dissemos. A maior realização dessa pronúncia ocorre com pessoas pouco escolarizadas em todas as faixas etárias, com exceção das crianças e adolescentes. Como dissemos, nessa faixa etária foi comum a ocorrência do vocábulo *não*, sem influência vêneta. Dessa forma, cremos que a palavra *não* pode ter influenciado os resultados.

Com relação aos cruzamentos feitos por Tomiello (2005) e Horbach (2013), no estudo da primeira autora, os falantes com 50 ou mais anos, com ensino Fundamental-Primário, são os líderes da realização de [õ]. Tomiello observou ainda que, em todos os graus de escolaridade, são os mais velhos que mais pronunciam o ditongo com influência da língua de imigração. Resultados semelhantes foram obtidos por Horbach (2013), ou seja, a pronúncia [õ] é maior entre os falantes mais velhos, tanto entre os mais escolarizados quanto entre os menos escolarizados.

Dessa forma, comparando-se as três pesquisas, como vimos fazendo ao longo deste capítulo, vemos que proporção de pronúncias com influência da língua de imigração é maior entre os que têm o nível de escolaridade mais baixo. Por outro lado, os dados de nossos informantes mais jovens vão de encontro aos demais, pelas razões descritas anteriormente.

7.2.4.3 Sexo e Escolaridade

Oliveira e Silva (1996) afirmam que a tendência a uma melhor resposta das mulheres diante da escolarização é coerente com o que se sabe sobre a socialização na escola. Por pensarmos que esta pode representar uma função diferente entre os alunos do sexo/gênero feminino e masculino, fez-se relevante verificar a relação entre as variáveis sexo/gênero e escolaridade. Os resultados encontram-se na tabela a seguir.

TABELA 9 – PRONÚNCIA DO DITONGO -ÃO COM INFLUÊNCIA VÊNETA DE ACORDO COM AS VARIÁVEIS SEXO E ESCOLARIDADE

Sexo Escolar.	Feminino		Masculino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Até 05 anos	142	40,5	209	59,5	351	100
+ de 05 anos	60	28,4	151	71,6	211	100
TOTAL	202	35,9	360	64,1	562	100

Os números obtidos a partir do cruzamento das duas variáveis confirmam que ambas são realmente importantes na produção do ditongo –ão. Observamos que, independentemente do nível de escolaridade, as mulheres pronunciam o ditongo sem a influência da língua minoritária mais do que os homens. Vemos também que a diferença entre a produção dos ditongos entre mulheres e homens se acentua na escolaridade mais alta - acima de 05 anos -, com 28,4% e 71,6%, respectivamente. Nesse sentido, Paiva (2013, p.40) observa que,

Muitos dos papéis tradicionalmente atribuídos à mulher lhe exigem uma conduta irrepreensível. Um exemplo emblemático é a sua responsabilidade na educação dos filhos. Tomando para si a carga de transmissão de normas de comportamento, dentre eles, o linguístico, a mulher se vê na contingência de apresentar-se como modelo.

Como vemos, a colocação de Paiva (2013) está adequada à análise que fizemos anteriormente, sobre o papel da mulher em Santa Maria do Engano.

Com respeito ao cruzamento entre sexo/gênero e escolaridade, nos trabalhos de Tomiello (2005) e de Horbach (2013), o primeiro mostrou que os homens pronunciam mais o ditongo como [õ] do que as mulheres em dois níveis de escolaridade: Fundamental - Primário e Médio/Superior. Quanto ao nível Fundamental - Séries finais (de 5^a a 8^a), houve uma inversão, ou seja, as mulheres pronunciam mais [õ] do que os homens. Em Horbach (2013), os números obtidos a partir do cruzamento revelaram que existe uma tendência, entre os informantes menos escolarizados, principalmente os homens, de pronunciarem mais [õ]. E, entre os mais escolarizados, o percentual foi o mesmo para ambos os sexos.

Com base nos resultados das três pesquisas, concluímos que as mulheres, de uma maneira geral, procuram realmente evitar as formas não-padrão, sendo que o mesmo não acontece com os homens. O que nos parece é que o uso de [õ] tem mesmo algum desprestígio nessas comunidades, mas, como dissemos, apenas um teste de reação subjetiva poderá mostrar-nos a avaliação dessa pronúncia na comunidade de Santa Maria do Engano.

Feita a análise de nossos dados, partiremos, então, para as nossas considerações finais.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As línguas, se sabe, são abstrações extremamente concretas; uma língua é alguma coisa que não existe em nenhum lugar, que podemos colher somente por amostras e aproximações e que, ainda assim, é presente e viva, fonte de sentimentos os mais extremos, filtro insubstituível de pensamentos e ações. (CARDONA, 1995, p. 209)

Como expusemos ao longo deste trabalho, no século XIX, chegaram ao Espírito Santo milhares de imigrantes de diversas etnias, cujas culturas e línguas marcaram a história do estado. Desse total, cerca de 80% era de italianos, que trouxeram na bagagem suas tradições culturais, passadas de geração em geração.

Esses imigrantes tinham um jeito peculiar de construir suas casas, de trabalhar em parceria com os parentes e vizinhos, de fabricar seus instrumentos de trabalho, de lidar com a terra e de plantar (cf. PUPPIN, 1981,1994, 2000; DERENZI, 1974; e AZZI, 1987, dentre outros). Em Santa Maria do Engano, a comunidade estudada, podemos encontrar uma amostra das consequências desse contato cultural ítalo-brasileiro. Além de algumas construções em ruínas, a religiosidade, a forma de trabalho em família e os costumes convivem com os traços fonético-fonológicos da língua ancestral – o vêneto – presentes na fala dos moradores. Dentre eles, as variantes [õ] ~ [õw̃] do ditongo nasal tônico -ão, estudado por nós, neste trabalho.

Objetivando pesquisar esse fenômeno variável, desenvolvemos uma pesquisa embasada teoricamente na Sociolinguística, especialmente em sua vertente variacionista, a fim de descrever o papel dos aspectos linguísticos e sociais para a ocorrência dessa variação; objetivamos igualmente analisar a vida da comunidade e as relações que aí acontecem, para melhor compreendermos as consequências do contato entre a língua vêneta e a portuguesa.

As marcas do vêneto no português falado pelos ítalo-descendentes decorrem das diferenças estruturais entre os dois sistemas fonológicos. Neste estudo, vimos que, em português, os ditongos nasais tônicos não se reduzem e, por sua vez, nas línguas de imigração, inexistente o ditongo [ẽw̃], conforme atestam Frosi e Mioranza (1983). Segundo esses autores, em italiano os nomes com terminação *ã(n)* ou *ã (no)* têm baixa frequência, enquanto que a dos nomes terminados em *õ(n)* é

bastante elevada. Isso justifica a afirmação de Frosi e Mioranza (1983, p.337) de que “o processo de interferência fônica do dialeto italiano na língua portuguesa efetua-se com a substituição do ãũ por $\text{õ}(n)$, nunca $\text{ã}(n)$ ou $\text{ã}(no)$ ocupam lugar de ãũ ”. E esse fato foi confirmado por nossos dados.

Com respeito à realização variável do ditongo -ão , nossos resultados apresentam uma frequência total de 28,7 de pronúncia com influência vêneta. Essa variação é condicionada tanto por fatores internos quanto externos; contudo, os aspectos externos se sobressaem, confirmando o que Weinreich, Labov e Herzog (2006) afirmam acerca da grande importância que têm essas variáveis para a ocorrência dos fenômenos linguísticos. Em nosso caso específico, em se tratando de uma comunidade que vivenciou o contato entre culturas e línguas distintas, os aspectos sociais se mostram de fundamental importância para uma descrição mais fiel da linguagem de seus moradores.

Das variáveis investigadas neste estudo, os dados referentes à faixa etária foram decisivos para demonstrar o processo de mudança em progresso, com o iminente desaparecimento de um traço da língua ancestral. Os resultados mostram que o ditongo com marcas vênetas é pronunciado muito pouco pelos mais jovens, e que apenas o grupo mais velho (com + de 50 anos) atua de forma conservadora. Desse modo, confirma-se nossa hipótese, estipulada no início desta pesquisa, de que essa pronúncia seria favorecida por nossos informantes mais idosos.

Em relação à variável sexo, refutou-se parcialmente a hipótese de que a influência vêneta se faz mais presente na pronúncia de mulheres e de homens adultos e idosos, com baixo nível de escolaridade, uma vez que, conforme revelam os nossos resultados, homens adultos e idosos tendem mais a fazer uso de -ão com influência vêneta do que as mulheres nessa mesma condição. Portanto, confirma-se, em Santa Maria do Engano, o que muitos teóricos sociolinguistas já observaram em seus estudos: as mulheres tendem a adotar as variantes padrão, prestigiadas socialmente. Diante desse dado, podemos pensar que, no presente, a pronúncia do ditongo tônico -ão com influência vêneta não seja bem avaliada pela comunidade. Vimos que a preferência das mulheres por formas não estigmatizadas não têm uma única explicação, mas, de acordo com nossos dados, as mulheres de Santa Maria do Engano poderiam fazê-lo em virtude de seu papel de zelar pelo bem de seus filhos.

Quanto à variável escolaridade, em nossa pesquisa, podemos afirmar que ela se faz importante para a variação do ditongo -ão, cabendo a ela o segundo maior índice, com peso relativo (PR) = .63. Confirmamos, assim, a hipótese de que a pronúncia vêneta se faz presente na fala dos menos escolarizados. Em nosso caso, trata-se de uma variante estigmatizada pela escola, que chega a ser sistematicamente corrigida.

Quanto às variáveis linguísticas selecionadas em nossa pesquisa, apenas a classe de palavras não foi selecionada pelo programa estatístico. A extensão do vocábulo foi a que apresentou a maior relevância para o fenômeno, com peso relativo de .68, sendo que as palavras com duas ou mais sílabas são favorecedoras da pronúncia com influência vêneta. Igualmente favorecedores foram as consoantes posterior e anterior, com PR = .59 e .56, respectivamente, para o contexto precedente. E, por fim, quanto ao contexto seguinte, a pausa foi o fator que mais favoreceu a realização do ditongo com influência vêneta, com PR = .60.

Sabemos que há correlações estreitas entre os grupos de fatores, e que estes interagem significativamente em relação a um dado fenômeno linguístico. E isso foi o que constatamos neste trabalho, ao realizar alguns cruzamentos de dados. Observamos o quanto as variáveis sociais - idade e escolaridade - são importantes para a realização ou não do ditongo nasal tônico -ão com influência da língua de imigração.

Normalmente, quando findamos uma pesquisa, algumas perguntas são respondidas, ao mesmo tempo em que outras surgem. No caso deste estudo, esclarecemos alguns dos condicionadores da presença de um traço da língua de imigração na linguagem dos santa-marienses. Outros trabalhos merecem ser feitos, a fim de se descobrir: i) qual é a avaliação da pronúncia com influência vêneta na comunidade, e não somente quanto ao ditongo nasal; ii) o porquê, exatamente, de as mulheres evitarem essa pronúncia, a partir dos 30 anos de idade; e iii) se a realização do ditongo -ão como [õw̃] ou [õ] é condicionada por fatores linguísticos ou pelas palavras mais recorrentes, cuja pronúncia foi *herdada* das gerações anteriores.

Por fim, esperamos que esta pesquisa contribua para os estudos sobre o contato linguístico, principalmente no Espírito Santo, estado rico em diversidade cultural e linguística, mas ainda tão pouco investigado (sócio)linguisticamente. Descrever essa diversidade, registrar as línguas de imigração ainda faladas no estado, analisar a influência da língua ancestral no português é, além

de se fazer uma justa homenagem a esses imigrantes que venceram todas as adversidades, mostrar a seus descendentes que sua linguagem *diferente* tem razão de ser e que ela e todas as variedades de uma língua, indistintamente, merecem o nosso respeito.

9 REFERÊNCIAS

ALKMIM, T. Sociolinguística: Parte I. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1, p. 21-47.

ALMEIDA, M. S.; ARAÚJO, G.A.de. Aspectos do ditongo nasal /ãõ/ no falar cuiabano. **Signótica: revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística**. Goiânia, 2010. v. 22, p. 409-425.

APPEL, R.; MUYSKEN, P. **Bilinguismo y contacto de lenguas**. Trad. Anxo M. Lorenzo y Clara I. Bouzada Fernández. Barcelona: Editorial Ariel, 1996.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESPÍRITO SANTO. Imigrantes: estatísticas. Disponível em: <http://www.ape.es.gov.br/imigrantes/html/estatísticas.html>. Acesso em 16 nov. 2012.

AZZI, R. **A Igreja e os migrantes**. São Paulo: Paulinas, 1987.

BARBOSA, J. M. Les Voyelles Nasales Portugaises. **Proceedings of the 4th International Congress of Phonetic Sciences** [Helsinki], The Hague: Mouton, p. 691-709. 1962.

BENINCÁ, L. **Dificuldades no domínio dos fonemas do português por crianças descendentes de pomeranos**. Vitória: UFES. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos, 2008.

BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 2 ed., Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

BISSOLI, O. **Memórias de um imigrante italiano**. 2ª ed. Organização, apresentação e notas de Hesio Pessali. Vitória: Gráfica Lisboa, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M.; OLIVEIRA, T. de. Corrigir ou não variantes não padrão na fala do aluno? In: BORTONI-RICARDO, S. M; MACHADO, V. (Org.) **Os doze trabalhos de Hércules; do oral para o escrito**. São Paulo: Parábola, 2013, p. 45-62.

BOURDIEU, P.; BOTASKI, L. Le fétichisme de la langue. In: **Actes de la recherche em sciences sociales**. V.1, nº4, juillet 1975, p.2-32.

BRIGHT, W. As dimensões da Sociolinguística. In: FONSECA, M. S.; NEVES, M. F. (orgs.) **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

BUSATTO, L. **Estudos sobre a imigração italiana no Espírito Santo**, 2011. Disponível em www.estaçãocapixaba.com.br Acesso em 03/12/14.

BYBEE, J. Main clauses are innovative, subordinate clauses are conservative: consequences for the nature of constructions. In: BYBEE, J.; NOONAN, M. (Eds). **Complex sentences in grammar discourse: essays in honor of Sandra A. Thompson**. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 1-17.

_____. **Phonological evidence for exemplar storage of multiword sequences.** SSLA, Cambridge, n. 24, p. 215-221, 2002.

_____. Word frequency and context of use in the lexical diffusion of phonetically conditioned sound change. **Language Variation and Change**, v. 14, p. 261-290, 2002b.

_____. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: RICHARD, J.; BRIAN, J. (Ed.) *Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-23.

CAGLIARI, L. C. **Na Experimental Study of Nasality with Particular Reference to Brazilian Portuguese.** PhD Thesis, University of Edinburgh. 1977.

CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e fonologia.** 11 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. (Coleção Letras).

CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística: Parte II. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1, p. 49-75.

CÂMARA Jr., J. M. **Estrutura da língua portuguesa.** 21ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

_____. **Para o estudo da fonêmica portuguesa.** Edição da “Organizações Simões”. Rio de Janeiro, 1953. Coleção Rex.

_____. **Problemas de Linguística Descritiva.** Petrópolis: Vozes. 1969.

_____. **Dispersos.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

CARDONA, G.R. Portuguese e Portitaliano. In: _____. **Novamente retrovado: il Brasile in Italia 1500-1995.** Roma: Associazione Brasile-Italia, 1995.

CAVATI, J.B. **História da Imigração Italiana no Espírito Santo.** Belo Horizonte: Editora São Vicente, 1973.

CEZARIO, M. M.; VOTRE S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística.** São Paulo: Contexto, 2009

CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic theory.** 2nd. edition. West Sussex, UK: Wiley-Blackwell, 2003 [1995].

_____; TRUDGILL, P. **Dialectology.** Cambridge: Cambridge University Press. 1980.

CHRISTOFOLETTI, A. **Ditongos no Português de São Tomé e Príncipe.** USP, São Paulo, 2013. Dissertação de Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (Org.) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 2. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

COUTINHO, I. de L. **Pontos de gramática histórica**. 7 ed. Ver. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1976.

COUTO, H. H do. **Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas**. São Paulo: Contexto, 2009.

CRYSTAL, D. **Dicionário de linguística e fonética**. Trad. e adaptação da 2ª Ed. inglesa ver. E ampliada, publicada em 1985, de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

DERENZI, L. S. **Os italianos no Estado do Espírito Santo**. Vitória: Ed. Artenova S.A., 1974.

DOWNES, W. **Language and society**. 2nd. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo. Cultrix. 2006.

FARACO, C. A. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2005.

FASOLD, R. W. **The sociolinguistics of society**. Oxford: Basil Blackwell, 1984.

FIDELHOTZ, J. **Word frequency and vowel reduction in English**. Chicago Linguistic Society, v. 11, p. 200-213. 1975.

FIGUEROA, E. **Sociolinguistic Metatheory**. Oxford: Pergamon, 1996.

FRANCESCHETTO, C. In: MATOS, M. I. de; MENEZES, L.M. de; GOMES, E.S.; PEREIRA, S. M.(orgs.). **Italianos no Brasil: partidas, chegadas e heranças**. Rio de Janeiro: UERJ/LABINI, 2013. [recurso eletrônico].

FRANZINA, E. **A grande emigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil**. Tradução de Edilene Toledo e Luigi Biondi. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

FROSI, V.; MIORANZA, C. **Dialetos Italianos: um perfil linguístico dos ítalo-brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul, EDUCS, 1983.

_____; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O.M. **Da estigmatização à solidariedade: atitudes linguísticas na RCI**. *Métis: história & cultura*. Caxias do Sul: EDUCS, v. 4, n. 8 (jul./dez.), 2005.

GORDON, E. Sex, speech, and stereotypes: why women use prestige speech forms more than men. **Language in Society**, Cambridge, n.26, p.47-63.

HALL, Jr., R. The Unit Phonemes of Brazilian Portuguese. **Studies in Linguistics** 1 (15): 1-6. 1943a.

_____. Occurrence and Orthographical Representation of Phonemes in Brazilian Portuguese. **Studies in Linguistics** 2 (1): 6-13. 1943b.

HEAD, B. **A Comparison of the Segmental Phonology of Lisbon and Rio de Janeiro**. PhD Dissertation, University of Texas at Austin. 1965.

HOLM, J. **An introduction to pidgins and creoles**. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt>- Acesso em 10/10/2014.

HORA, D. O. **Sociolinguística**. Letras/71. Disponível em: portal.virtual.ufpb.br/biblioteca.../files/sociolinguistica_1360184257. Acesso em 20/10/2014.

HORBACH, A.G. **A variação do ditongo nasal ão nas comunidades bilíngues de Panambi e Flores da Cunha, no Rio Grande do Sul**. UFRGS, 2013. Dissertação de Mestrado.

HUDSON, R.A. **Sociolinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press. 1984.

IANNI, O. Aspectos políticos e econômicos da imigração italiana. **Imigração italiana: estudos**. Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: UCS, 1979. p.11-28.

IBGE. **Cidades**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 07 jun. 2014.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES. **ES em mapas**. Disponível em: http://www.ijsn.es.gov.br/Sitio/index.php?option=com_wrapper&view=wrapper&Itemid=109. Acesso em 01 nov. 2014.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 (1972). (Lingua[gem])

_____. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1972.

_____. **Principles of linguistic change; internal factors**. Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. **Principles of Linguistic Change; social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

LASS, R. **On explaining language change**. New York: Cambridge, 1980.

LEMLE, M. **Phonemic system of the Portuguese of Rio de Janeiro**. Master's Thesis, University of Pennsylvania. 1965.

LÜDKE, H. **Fonemática portuguesa 2: Vocalismo**. Boletim de Filologia 14: 197-217. 1953.

MACEDO, F. C.; MAGALHÃES, D. F. Formação econômica do espírito santo: do isolamento econômico à inserção aos mercados nacional e internacional. **Revista de História Regional**.

Verão, 2011, p.61-69. <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2421/2214>. Acesso em 05 jun. 2014.

MACHADO, M.M. **Étude articulatoire et acoustique des voyelles nasales du portugais de Rio de Janeiro**. Thèse de Doctorat, Universsité de Strasbourg. 1981.

MARGOTTI, F.W. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Tese de Doutorado.

MARINHO, J. L. **Aspectos sociolinguísticos da imigração italiana na cidade de Santa Teresa, ES**. Vitória: Ufes. Relatório Final de Iniciação Científica, 2012.

MARTELOTTA, M.E. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

MEDEIROS, B. R. de. Uma proposta sobre a coda do português brasileiro a partir da fonologia gestual, com foco especial na nasal. **Revista da ABRALIN**. Vol. XI, nº1, jul. de 2012.

_____. Vogais nasais do Português Brasileiro: reflexões preliminares de uma revisita. **Revista de Letras**. Ed. UFPR, Curitiba, nº72, Maio/Ago. 2007.

_____. Nasal coda and vowel nasality in Brazilian Portuguese. **Selected Proceedings of the 5th Conference on Laboratory Approaches to Romance Phonology**, ed. Scott M. Alvord, 33-45. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2011.

MEDEIROS, B. R. de; DEMOLIN, D. Vogais nasais do Português Brasileiro: um estudo do IRM. **Revista da ABRALIN**. Vol.5, nº1 e 2, dez. de 2006.

MEDEIROS, R. **Espírito Santo: encontro de raças**. Vitória: Editora Reproarte, 1997.

MILROY, J. **Linguistic variation & change**. Oxford: Blackwell, 1992.

MILROY, L. **Language and social networks**. 2 ed. New york: Basil Blackwell, [1980] 1987.

MOLLICA, M. C. Relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MONTEIRO, J. L. **Para entender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MORAES, J. A. de; WETZELS, W. L. Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português. Um exercício de fonologia experimental. In: ABAURRE, M. B.; WETZELS, W. L. (org.). **Caderno de Estudos Linguísticos** 23. Campinas: Unicamp, 1992.

NAGAR, C. **O Estado do Espírito Santo e a imigração italiana** (fevereiro 1895): relato do Cavaleiro Carlo Nagar, cônsul real em Vitória. Tradução de Nerina Bortoluzi Herzog – Vitória: Arquivo Público Estadual, 1995. (Coleção Canaã 1).

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. Contact with media and linguistic variation. In: ARNOLD, J. et alli. **Sociolinguistics: variation data, theory, and analysis**. Stanford: CSLI Publications, 1996. p.223-28.

OLIVEIRA e SILVA, G.; SCHERRE, M.M.P. (Orgs.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1996.

PAIVA, M. da C. de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PAVEAU, M.-A.; SARFATI, G.-E. **As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática**. Trad. Maria do Rosário Gregolin et alli. São Carlos, SP: Claraluz, 2006.

PEREIRA, E. C. **Grammatica histórica**. 9. ed. São Paulo: Nacional, 1935. 597p. (contém Prólogo datado de 1915). Disponível em

http://www.iel.unicamp.br/biblioteca/gramaticaindex.php?fg=arquivos/Eduardo_Pereira_gramatica_historica/061-080.pdf&mn=gramatica&menu.php. Acesso em 23/12/2014.

PERES, E. P. Aspectos da imigração italiana no Espírito Santo: a língua e a cultura do vêneto em Araguaia. **Dimensões – Revista de História**, v.26, p.44-59, 2011a.

_____. Análise da vitalidade do vêneto em uma comunidade de imigrantes italianos no Espírito Santo. **Revista (Con)textos linguísticos** (UFES) v.5, p.83 – 100, 2011b.

_____. Aspectos sócio-históricos do contato entre o dialeto vêneto e o português no Espírito Santo. **Revista (Con)textos Linguísticos**, Vitória, v. 8, n. 10.1, p. 53-71, 2014.

PESSALI, H. **Alfredo Chaves: uma visão histórica e política**. Alfredo Chaves, ES: Ed. Autor, 2010.

PHILLIPS, B. Word frequency and the actuation of sound change. **Language**, v. 60, n. 2, 1984, p. 320-342.

_____. Lexical diffusion is *not* lexical analogy. **Word**, v. 49, n. 3, dec. 1998, p. 369-381.

_____. The mental lexicon: evidence from Lexical Diffusion. **Brain and Language**, v. 68, p. 104-109, 1999.

_____. Lexical Diffusion and competing analyses of sound change. Paper presented at **SHEL-1 (Studies in the History of the English Language)**, Los Angeles, UCLA, may, 2000.

_____. Lexical diffusion, lexical frequency and lexical analysis. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam: Benjamins, 2001. p.123-136.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ALFREDO CHAVES. Disponível em: www.alfredochaves.es.gov.br/. Acesso em 31 de jun. 2014.

PRETI, D.. **Sociolinguística**: os níveis da fala. São Paulo. Cia Editora Nacional, 1987.

PUPPIN, D. **Do Veneto para o Brasil**. Vitória: Ed. do Autor, 1981, p 341- 401.

_____. **La Vita di Vittorio**; diário de um imigrante. Vitória: Sagraf Artes Gráficas Ltda, 994.

_____. **Os De Nadai**: Pietro – benemérito da libertação de Roma. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 2000 - (Cadernos de História nº39).

QUEDNAU, L. R. Os ditongos do latim ao português. Portal de Periódicos da Pucrs, 2013, v. 40. **Letras de hoje**. In: www.revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/fale/article/view/13696.

REED, D.; LEITE, Y. The Segmental Phonemes of Brazilian Portuguese. In: K. Pike. **Phonemics**, Ann Arbor: The University of Michigan Press. 1947.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X** - A multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005 http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref.

SANKOFF, G. Linguistic Outcomes of Language Contact. In: Peter Trudgill, J. Chambers & N. Schilling-Estes, eds., **Handbook of Sociolinguistics**. Oxford: Basil Blackwell, 2001.

_____. Multilingualism in Papua New Guinea. In G. Sankoff, **The social life of language**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, pp. 95-132. 1980.

SANTOS, R. I. C. dos. **A terra prometida**: imigração italiana - mito e realidade. Itajaí/SC: Ed. Da UNIVALI, 1999.

SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (Org.). **Padrões sociolinguísticos** - análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996.

SILVA, R. V. M. e. **O português arcaico**: fonologia.4. ed., São Paulo: Contexto, 2001.

SILVA, S. S. (org.). **Línguas em contato**: cenários de bilinguismos no Brasil. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

STEN, H. Les particularités de la langue portugaise. **Travaux du Cercle Linguistique de Copenhague 2**. 1944.

STREVENS, P. Some observations on the Phonetics and pronunciation of modern Portuguese. **Revista do Laboratório de Fonética Experimental** 2: 5-29, 1954.

TAGLIAMONTE, S. **Analysing sociolinguistic variation**. 3. ed. New York: Cambridge University Press, 2009.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1994.

TOMIELLO, M. **A variação do ditongo nasal tônico –ão como prática social no português de São Marcos/RS**. UCS, 2005. Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. Tradução de Celso Cunha. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1982.

TRAGER, G. **Nota aos artigos de R. Hall Jr.** 1943a e 1943b.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari. Revisão técnica de Ingedore Koch e Thais Cristófaros Silva. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Dicionário de linguagem e linguística**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

TRUDGILL, P. **Sociolinguistics: an introduction to language and society**. London: Penguin, 1983.

_____. **Sociolinguistics**. Harmondsworth: Penguin Books, 1974.

_____. **Introducing language and society**. London. Penguin. 1992.

VANDERSEN, P. Introdução. In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (Org.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Ed. Eldorado, 1974.

VOTRE, S. J. **Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro**. 1978, Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

_____. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

WEINREICH, U. **Languages in contact**. Nova York: linguistic circle of New York. 1974 [1953].

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. [trad.] Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

WETZEL, L. Comentários sobre a estrutura fonológica dos ditongos nasais do Brasil. **Revista de Letras**, nº 22, vol. 1/2 – jan/dez. 2000, p. 25-30.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO

Eu _____,
RG nº _____, estou sendo convidado (a) a participar de um estudo sobre o município de Alfredo Chaves, Espírito Santo.

A minha participação no referido estudo será no sentido de conceder uma entrevista. Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer dado que possa, de alguma forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado (a) que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar. A pesquisa será realizada pela aluna-pesquisadora Sílvia Ângela Pícoli Meneghel, RG nº xxxxxxx - SSP/ES, sob a orientação da professora Dra. Edenize Ponzo Peres, ambas da Universidade Federal do Espírito Santo.

Estou ciente de que as informações prestadas por mim serão utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa e manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Alfredo Chaves, ____ de _____ de 20__.

(Assinatura)

Obs.: _____

Quaisquer dúvidas, favor entrar em contato com Sílvia Ângela Pícoli Meneghel. Telefones: (27) xxxx-xxxx. E-mail silviapicolimeneghel@hotmail.com

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO
(Para menores de 18 anos)**

Prezado(a) Senhor(a),

Este é um Termo de Consentimento Livre e Informado (TCLI), indispensável para a participação de menores de 18 anos nesta pesquisa, que procura retratar a cultura de sua região, abrangendo, especificamente, neste momento, as famílias de descendentes de imigrantes italianos. Com esta pesquisa, pretendemos estudar a influência da cultura europeia nas comunidades que esses imigrantes fundaram e, dessa forma, perpetuar o legado dessas pessoas que tão corajosamente ajudaram a construir nosso Estado.

Esta pesquisa será realizada pela **Profª Drª Edenize Ponso Peres**, RG nº xxx.xxx-SSP/ES, **Coordenadora**, e pela **aluna-pesquisadora Sílvia Ângela Pícoli Meneghel**, com RG nº xxx.xxx - SSP/ES, ambas da Universidade Federal do Espírito Santo. Esta investigação terá várias etapas, pois serão estudados todos os municípios do Estado onde houve imigração europeia, começando pelos italianos e, em seguida, abarcando os alemães, pomeranos e outros povos. O início da pesquisa global se deu em agosto de 2010 e seu fim previsto será 2017.

Para realizar este estudo, portanto, convidamos o(a) menor abaixo descrito(a) a conceder-nos uma entrevista que versará sobre seus hábitos e costumes, assim como a herança dos colonos imigrantes para a cultura de sua localidade atualmente. A entrevista que o(a) menor fará será gravada, mas sua identidade EM HIPÓTESE ALGUMA será revelada, em nenhum momento da pesquisa. V.Sª e/ou o(a) menor também terão o direito de recusar-se a ceder a mesma a qualquer momento e, se isso acontecer, a entrevistadora apagará a gravação imediatamente, na presença de ambos. Entretanto, se for da concordância de todos(as), procederemos às gravações, que serão transcritas e servirão de base para um estudo amplo sobre a influência italiana nos costumes dos habitantes de seu município e do Espírito Santo. Posteriormente, esse estudo será divulgado em congressos e revistas nacionais e/ou internacionais, sendo mantido o sigilo da identidade de todos os entrevistados.

EU,.....,
RG Nº , AUTORIZO O(A) MENOR
....., COM RG/CERTIDÃO DE
NASCIMENTO Nº, A CONCEDER A ENTREVISTA À
PESQUISADORA SÍLVIA ÂNGELA PÍCOLI MENEGHEL, RG Nº xxx.xxx - SSP/ES,
TENDO CONHECIMENTO DE QUE A IDENTIDADE DO(A) ENTREVISTADO(A)
SERÁ MANTIDA EM SIGILO E DE QUE AS INFORMAÇÕES COLHIDAS SERVIRÃO
DE BASE PARA UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA DOS IMIGRANTES ITALIANOS
NO ESPÍRITO SANTO.

Assinatura do responsável legal: _____

Em caso de dúvida, favor entrar em contato com a Coordenadora desta pesquisa: Edenize Ponso Peres, Rua xxx.CEP: xxx. Telefones (27) xxxx e xxxx. Caso V.Sª tenha dificuldade em entrar em contato com a pesquisadora responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa do pelo telefone xxxx ou pelo e-mail xxxxx

Roteiro de entrevistas com os descendentes de italianos

Esta pesquisa é sigilosa e seu nome não vai aparecer. As perguntas serão relacionadas a sua comunidade, a você e ao seu dia a dia. Você aceita gravar esta entrevista?

- 1) Qual seu nome e qual é sua idade?
- 2) Até que ano você estudou?
- 3) É casado(a)? Tem filhos? Quantos?
- 4) Há mais gente que mora na casa?
- 5) O que faz durante o dia? E à noite?
- 6) O que você cultiva? Tem alguma outra atividade econômica?
- 7) O que costuma fazer nas horas livres? E nos finais de semana?
- 8) Esta comunidade sempre teve este nome? Você sabe o porquê desse nome?
- 9) Você gosta de morar aqui? Por quê? Já pensou em sair daqui em alguma época?
- 10) Como é a vida aqui? O que você acha que está faltando aqui?
- 11) Você já passou por alguma situação em que você teve medo? Gostaria de contar?
- 12) Você é descendente de italiano? Quem era italiano em sua família? Sabe de que região da Itália sua família veio?
- 13) Você sabe histórias de sua família na Itália? E da chegada ao Brasil?
- 14) Você sabe quando eles chegaram e como foi a viagem deles para cá?
- 15) Por que eles vieram para o Brasil?
- 16) Quando chegaram ao Brasil, vieram logo para cá? Quais foram as dificuldades que eles enfrentaram quando chegaram a esta região?
- 17) Como era a região, quando eles chegaram? Tinha muitas famílias?
- 18) Eles trabalhavam em quê?
- 19) O que eles costumavam fazer para se divertir?
- 20) Como era sua família? Havia muitas pessoas em casa? Eles conversavam em italiano? Você lembra de alguma palavra do vêneto que eles usavam? De alguma história que eles contavam? E de alguma canção?
- 21) Como eram os pais em relação à educação dos filhos? Bravos, severos, mandões, afetuosos? E em relação à convivência marido e mulher?
- 22) Qual era o papel da mulher na casa e na comunidade?
- 23) Como era a relação entre irmãos, parentes e pessoas da comunidade?

- 24) Como era a infância naquela época? E a sua infância, como foi? Tem alguma brincadeira de criança que você lembra? Algo que o(a) tenha marcado? Uma lembrança boa ou ruim?
- 25) Como era a relação da sua família com as pessoas nascidas aqui? E com os negros? Havia preconceito?
- 26) Como você vê os seus antepassados? Eles eram brigões, falantes, extrovertidos? Tem orgulho de ser descendente italiano?
- 27) A cultura italiana está presente na região onde você mora? E na linguagem? Você fala e/ou lembra de algumas palavras italianas usadas pelos seus ascendentes?
- 28) Você pertence a qual religião? Como eram as celebrações, as missas ou festas?
- 29) E a alimentação, como era? Você tem costume de fazer ou comer alguma comida italiana? Qual prato italiano ainda se faz presente na mesa?
- 30) Tem alguém na comunidade que ainda fala o italiano? (Se fala.) Você entende?
- 31) Por que você acha que o italiano deixou de ser falado pelos descendentes?
- 32) Tinha alguém de sua família que falava com um sotaque mais carregado? Como as outras pessoas encaravam isso: havia preconceito? E você, como se comportava nessas situações?
- 33) Alguém da sua família fala o vêneto? Você gostaria de aprender?
- 34) Você ou alguém de sua família ainda tem contato com parentes na Itália?
- 35) Se pudesse, você iria viver na Itália? Por quê?
- 36) E passear? Ou conhecer o lugar de origem de seus ascendentes, você gostaria?
- 37) Que sentimentos você tem em relação a ser de origem italiana? Já pensou em ter dupla cidadania?
- 38) Num jogo entre Brasil e Itália, para quem você torceria? E se o jogo fosse entre Itália e outro país?
- 39) Tem alguma coisa, fato, caso ou história que você gostaria de acrescentar?

Roteiro de entrevistas com os descendentes de italianos

(Menores de 18 anos)

Esta pesquisa é sigilosa e seu nome não vai aparecer. As perguntas serão relacionadas a sua comunidade, a você e ao seu dia a dia. Você aceita gravar esta entrevista?

- 1) Qual seu nome e qual é sua idade?
- 2) Você estuda? Faz que série?
- 3) Qual é a disciplina de que mais gosta?
- 4) Além da língua portuguesa, estuda alguma outra?
- 5) Se tivesse oportunidade de estudar outra língua, qual você escolheria?
- 6) O que você costuma fazer durante o dia? E à noite?
- 7) Pratica algum esporte?
- 8) Você tem irmãos? Quantos?
- 9) Vocês costumam brigar? Se sim, por qual motivo?
- 10) De que você costuma brincar?
- 11) E nos finais de semana, o que você faz?
- 12) Esta comunidade sempre teve este nome? Você sabe o porquê desse nome?
- 13) Você gosta de morar aqui? Por quê? Já pensou em sair daqui em alguma época?
- 14) A vida aqui é boa? O que você acha que está faltando aqui?
- 15) Você já passou por alguma situação em que você teve medo? Gostaria de contar?
- 16) Você é descendente de italiano? Quem era italiano em sua família? Sabe de que região da Itália sua família veio?
- 17) Você sabe alguma história de sua família?
- 18) Você tem muitos tios? Lembra de alguma história contada pelos vovôs?
- 19) Como são seus pais em relação à sua educação? Bravos ou procuram sempre dialogar?
- 20) Tem alguma arte que você fez que os deixou bravos? Se sim, gostaria de contar?
- 21) A cultura italiana está presente na região onde você mora? E na linguagem? Você fala e/ou lembra de algumas palavras italianas usadas pelos seus ascendentes?
- 22) Você pertence a qual religião? Como era as celebrações, as missas ou festas?
- 23) E a alimentação como era? Você tem costume de fazer ou comer alguma comida italiana? Qual prato italiano ainda se faz presente na mesa?
- 24) Tem alguém na comunidade que ainda fala o italiano? (Se fala.) Você entende?

- 25) Por que você acha que o italiano deixou de ser falado pelos descendentes?
- 26) Tinha alguém de sua família que falava com um sotaque mais carregado? Como as outras pessoas encaravam isso: havia preconceito? E você como se comportava nessas situações?
- 27) Alguém da sua família fala o vêneto? Você gostaria de aprender?
- 28) Você ou alguém de sua família ainda tem contato com parentes na Itália?
- 29) Se pudesse, você iria viver na Itália? Por quê?
- 30) E passear? Ou conhecer o lugar de origem de seus ascendentes, você gostaria?
- 31) Que sentimentos você tem em relação a ser de origem italiana? Já pensou em ter dupla cidadania?
- 32) Num jogo entre Brasil e Itália, para quem você torceria? E se o jogo fosse entre Itália e outro país?
- 33) Tem alguma coisa, fato, caso ou história que você gostaria de acrescentar?